

UNIVERSIDADE DE SANTO AMARO
Curso de Psicologia

Ana Paula Valentim Mariano Dos Santos
Liliane Lima Dos Santos
Rayana Pryscila Marques De Meneses

**TRANSIÇÃO À PATERNIDADE: O PROCESSO DE
RECONHECIMENTO DE SUA FUNÇÃO**

São Paulo

2015

Ana Paula Valentim Mariano Dos Santos
Liliane Lima Dos Santos
Rayana Pryscila Marques De Meneses

**TRANSIÇÃO À PATERNIDADE: O PROCESSO DE
RECONHECIMENTO DE SUA FUNÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Psicologia da Universidade de Santo Amaro – UNISA, como requisito parcial para obtenção do título Bacharel em Psicologia.

Orientador(a): Profa. Ms. Vânia Vieira Costa

SÃO PAULO
2015

S233t

Santos, Ana Paula Valentim Mariano dos

Transição à paternidade: o processo de reconhecimento de sua função / Ana Paula Valentim Mariano dos Santos, Liliane Lima dos Santos, Rayana Priscila Marques de Menezes. – São Paulo, 2015.

182f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia)–
Universidade de Santo Amaro, São Paulo, 2015.

Orientação: Prof^a. Ms. Vânia Vieira Costa.

1. Vínculo pai-filho. 2. Transição a paternidade. 2. Função paterna. I. Costa, Vânia Vieira, orient. II. Título.

Dedicamos este trabalho a todos os homens que já vivenciaram ou vivenciam a paternidade. Em especial, dedicamos aos nossos pais, Ednaldo Marques dos Santos, Paulo Mariano dos Santos e Pedro Honorato dos Santos, que nos acolheram e apresentaram o mundo quando chegamos a ele, que exerceram sua função de modo tão valioso que nos ofereceram suporte para alcançarmos e sermos o que nos tornamos hoje. Dedicamos também às nossas mães, que através de sua essencial função permitiram que os nossos pais tivessem espaço e oportunidade para exercerem seu papel.

Agradecimentos

A Deus, por nos permitir viver uma experiência de aprendizagem, amadurecimento e transformação.

Aos nossos familiares e amigos, pela motivação, encorajamento, paciência, apoio e respeito a nossa ausência.

A nossa orientadora Prof^ª Ms. Vânia Vieira Costa, que com sua vasta e indiscutível experiência nos possibilitou novos e desafiadores conhecimentos. Com sua humanidade e profissionalismo nos direcionou e reforçou a cada oportunidade a capacidade de atingir um bom resultado com todo esforço e trabalho realizado.

A nossa primeira orientadora Prof^ª Ms. Livia Kondrat Pinto, que inicialmente nos norteou, e nos permitiu pensar em novas possibilidades de estudo. Que nos permitiu pensar no tema deste trabalho, nos orientou a estruturar o conteúdo e tema.

A Milena da Rosa Silva, que disponibilizou a utilização do material de estudo usado pela equipe do NUDIF (Núcleo de Infância e Família - UFRGS).

Aos sujeitos que aceitaram e se disponibilizaram a participar deste estudo, a serem as maiores referências para realização do mesmo.

As nossas Instituições de trabalho, que foram flexíveis, compreenderam e respeitaram nossas ausências quando necessário.

Aos nossos mestres de graduação, que contribuíram ao decorrer desta longa jornada com a construção de nossa postura profissional, ética e técnica.

Em memória a Prof^ª Dra. Walquiria Fonseca Duarte, que fez parte do início da nossa formação técnica.

Ao nosso trio, no qual compartilhamos desta jornada vivenciando e preservando o companheirismo, a empatia, a compreensão e o respeito.

“O bebê amadurece a partir dos cuidados maternos, e, avançando na direção da independência abrindo-se para novas relações, cria e encontra o pai”.

Rosa, E o pai? (2014, p. 30)

RESUMO

Antigamente, nos séculos XVII e XVIII a função paterna era reconhecida pelo papel do homem de prover financeiramente a família e garantir a segurança e estabilidade da mesma, mantendo uma relação autoritária e menos afetuosa com seus filhos. Atualmente, vem se construindo uma nova perspectiva sobre esta função, no qual, este papel está se configurando e adquirindo um novo valor no exercício da paternidade. Devido às mudanças sociais e a transformação do “papel do pai”, os homens estão construindo e percebendo uma nova identidade paterna, podendo assim, assumir um papel mais participativo, porém, este processo está ocorrendo de forma gradual. A construção e o fortalecimento do vínculo emocional entre pai e bebê é um processo que facilita a transição do homem para a paternidade, sendo que esta função pode ser considerada um processo, pois o homem constrói seu novo papel social. O envolvimento e a interação paterna poderão fortalecer a construção do vínculo entre pai e filho, no qual, a qualidade dessa relação irá favorecer o desenvolvimento saudável do filho. Esta pesquisa teve como objetivo avaliar qualitativamente como os homens sentem e percebem a experiência da paternidade, entender as expectativas geradas e se eles reconhecem o valor de sua função. A hipótese formulada foi de que os homens ainda não reconhecem o significado fortalecedor e a influência de sua função paterna no suporte e participação durante todo o processo da gestação e no desenvolvimento de seus filhos, tendo a percepção de que a função paterna é exclusivamente voltada às responsabilidades financeiras com a família. A amostra foi composta por sete homens que residem na cidade de São Paulo, estavam à espera do primeiro filho a partir do segundo trimestre de gestação, moravam e possuíam relacionamento conjugal com a gestante. Não houve definição da faixa etária, nível socioeconômico e escolaridade. Os sujeitos foram convidados por conveniência a participarem voluntariamente da pesquisa. Os procedimentos foram realizados em locais, dias e horários de acordo com a disponibilidade dos sujeitos. Esta avaliação foi realizada por meio de entrevista semidirigida, entrevista aberta e entrevista compreensiva, no qual, foi realizada a análise de discurso dos sujeitos. Foram agrupadas e categorizadas respostas através do discurso dos indivíduos, para análise qualitativa fundamentada na teoria. Foi analisado através dos resultados a confirmação da hipótese levantada, avaliando-se que os sujeitos não reconhecem o valor de sua função paterna, reconhecem a figura materna como personagem primordial no processo de desenvolvimento da criança.

Palavras chaves: Vínculo pai-filho. Transição à paternidade. Função paterna. Reconhecimento.

ABSTRACT

In the old days, in the centuries XVII and XVIII the paternal function was recognized by the man's role to provide financially for the family and ensure the security and stability, maintaining an authoritarian and less affectionate relationship with their children. It is currently building up a new perspective on this function, in which this paper is shaping up and getting a new value in the exercise of parenthood. Due to social changes and the transformation of the father's role, men are building and realizing a new paternal identity, thus being able to take a more participatory role, however, this process is occurring gradually. The building and strengthening the emotional bond between parent and baby is a process that facilitates the transition from man to fatherhood, and this can be considered a process, for man builds his new social role. The involvement and parental interaction can strengthen the construction of the bond between father and son, in which the quality of this relationship will promote the healthy development of the child. This research aimed to evaluate qualitatively how men feel and realize the experience of parenthood, understanding the expectations generated and if they recognize the value of their function. The proposed hypothesis was that men still do not recognize the empowering meaning and the influence of his paternal role in the support and participation throughout the pregnancy process and the development of their children, and the perception that the paternal function is exclusively dedicated to financial responsibilities by family. The sample consisted of seven men residing in the city of São Paulo, were waiting for the first child from the second trimester of pregnancy, they lived and had marital relationship with the pregnant woman. There was no definition of age, socioeconomic status and education. The subjects were asked for convenience to voluntarily participate in the study. The procedures were performed in locations, days and times according to the availability of the subjects. This review was carried out through semi-structured interview, open and comprehensive interview, which was conducted the analysis of discourse of subjects. They were grouped and categorized responses through the speech of individuals, for qualitative analysis based on the theory. It was analyzed through the results confirm the hypothesis raised, evaluating the subjects do not recognize the value of his paternal function, recognize the mother figure as a key figure in the child development process.

Keywords: Father-child bond. Transition to parenthood. Paternal function. Recognition.

Lista de Quadros

Quadro 1 - Apresentação da Amostra	33
Quadro 2 - Apresentação e discussão dos resultados.....	45
Quadro 3 - Apresentação dos sentimentos despertados nos homens com a transição à paternidade.....	58
Quadro 4 - Apresentação das percepções de como os homens sente a experiência de tornarem-se pais.....	71
Quadro 5 - Apresentação das expectativas geradas para o exercício da paternidade	82
Quadro 6 - Apresentação de como os homens reconhecem o valor de sua função paterna.....	95
Quadro 7 - Apresentação das percepções de como o homem reconhece a função e importância da figura materna	103

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 Breve histórico sobre a paternidade	12
1.2 A constituição familiar	12
1.3 Maternidade e Gestação	15
1.4 O desenvolvimento infantil	20
1.5 Vínculo pai e bebê	24
1.6 A função paterna: o pai como mediador e participante no desenvolvimento do filho	26
2 OBJETIVO E HIPÓTESE	32
3 MÉTODO	33
3.1 Amostra	33
3.2 Instrumentos	35
3.3 Procedimento de Coleta de Dados e Aspectos Éticos	39
3.4 Plano de Análise de Dados	43
4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	45
4.1 Apresentação de resultados e discussão da amostra	45
4.2 Categoria 1: Sentimentos despertados nos homens com a paternidade	47
4.3 Categoria 2: Como os homens sentem e percebem a experiência de tornar-se pai	61
4.4 Categoria 3: Expectativas geradas para o exercício da paternidade	74
4.5 Categoria 4: Reconhecimento do valor da função paterna	84
4.6 Categoria 5: Como o homem percebe a função materna e se reconhece através desta figura o papel primordial no processo de vinculação e desenvolvimento da criança	98
5 CONCLUSÕES	106
REFERÊNCIAS	110
APÊNDICE A - Questionário de Caracterização	116
APÊNDICE B – Entrevista Semidirigida	118
APÊNDICE C – Entrevista Aberta	120

ANEXO A – Entrevista Pai 1	121
ANEXO B – Entrevista Pai 2	127
ANEXO C – Entrevista Pai 3	135
ANEXO D – Entrevista Pai 4	146
ANEXO E – Entrevista Pai 5	152
ANEXO F – Entrevista Pai 6	165
ANEXO G – Entrevista Pai 7	172
ANEXO H – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	180

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho aborda o tema da paternidade, considera perspectivas sobre o exercício e reconhecimento da função paterna. Para compreender esta função o estudo contempla a compreensão do contexto antigo e atual sobre o papel do pai, bem como, esclarece que para abordar o tema da paternidade é importante considerar e discutir a constituição e dinâmica familiar, pois é ela quem oferece uma estrutura e funcionamento para o indivíduo, como a aquisição de regras e funções para que o sujeito possa desempenhar seu papel socialmente. É apresentado também aspectos sobre a maternidade e gestação, pois compreende-se que para abordar a paternidade também faz-se importante considerar a função materna.

Para discutir e analisar a paternidade e seu valor este estudo também corrobora reflexões e considerações sobre o desenvolvimento infantil, vínculo entre pai e bebê e função paterna, perspectivas importantes e relevantes para refletir e compreender a paternidade.

O presente estudo teve como objetivo geral identificar os sentimentos relacionados e vivenciados pelo homem na paternidade, e como objetivo específico avaliar qualitativamente como os homens sentem e percebem esta experiência, bem como descrever quais são as expectativas geradas para o exercício da paternidade e se os homens reconhecem o valor de sua função.

A hipótese formulada foi de que os homens ainda não reconhecem o significado fortalecedor (o sentido que a figura paterna representa no preparo do ambiente para acolhimento da díade mãe-bebê durante a gestação) e a influência de sua função paterna no suporte e participação durante o processo da gestação e no desenvolvimento de seus filhos. Com esta percepção não construída, o homem transpõe grande parte do valor e importância de seu papel para a função materna, como fator de maior influência no desenvolvimento do processo gestacional e do vínculo com a criança, tornando a função paterna exclusivamente responsável como prover financeiramente a família.

1.1 Breve histórico sobre a paternidade

A aproximação entre o relacionamento de pai e filho se encontra diferente do que era construído antigamente. Os homens estabeleciam uma relação autoritária e distante de seus filhos (Dantas, Jablonski & Carneiro, 2004).

Nos séculos XVII e XVIII, os homens tinham o papel de oferecer a família o sustento e estabilidade, tanto como o principal provedor financeiro, quanto o responsável pelo suporte a seus filhos no desenvolvimento moral e religioso. No século XIX, devido à industrialização, os pais assumiram trabalhos em localidades mais distantes de suas residências e com uma carga horária aumentada, influenciando num distanciamento familiar, levando à mãe a garantir integralmente o cuidado dos filhos (Cia, Williams & Aiello, 2005).

Os autores ainda afirmam que algumas pesquisas revelam o pai com uma participação muito restrita no desenvolvimento da criança. Poucos estudos eram realizados sobre a importância do pai neste processo de desenvolvimento infantil e estas pesquisas indicavam que a função paterna era limitada em brincar com os filhos. Segundo Aberastury (1991), o interesse em relação à paternidade iniciou-se a partir de estudos de Freud sobre o Complexo de Édipo, mas somente nos últimos anos tem se dado maior destaque na importância da figura do pai desde a concepção do bebê.

Atualmente configura-se uma nova perspectiva e atuação do papel paterno, no qual estes homens possuem capacidade de promover cuidados e interação qualitativa com seus filhos, assim como as mães (Cia et al., 2005). Esta nova percepção do papel paterno será melhor explicada ao longo deste trabalho.

1.2 A constituição familiar

De acordo com Ronchi e Avellar (2011), a família é uma instituição social constituída dentro de um sistema, no qual os membros se inter relacionam e passam por transformações significativas ao longo de seu desenvolvimento. Ao mesmo tempo em que mantém semelhanças entre si, se diferenciam por suas

singularidades. O indivíduo é reconhecido como um ser humano que pertence a grupos, e a primeira base que sustenta seu pertencimento é o grupo familiar.

Segundo Ariés (1981), na idade média, antes do século XV, a família existia num contexto discreto que pouco despertava a atenção e inspiração dos poetas e artistas deste período. Na época medieval, a organização da dinâmica familiar era bem diferente da atual, pois havia um contato afetivo diminuído nesta organização familiar. No período entre o fim da Idade Média e os séculos XVI e XVII houve uma grande mudança na organização da dinâmica familiar, mudança esta que deu um novo significado para as famílias do século XVII, que passará a ser diferenciada das famílias medievais. A grande mudança que ocorreu foi a volta da convivência das crianças com suas próprias famílias, que antes eram enviadas para casas de famílias alheias. As crianças passaram a ser percebidas de modo mais acolhedor, recebendo dos adultos o mínimo reconhecimento na importância da valorização de sua educação e seu futuro. De acordo com Ariés (1981), “A família era uma realidade moral e social, mais do que sentimental” (p. 158).

Segundo Amiralian (2014), foi a partir da família monogâmica clássica que surgiu a família contemporânea, constituída por um homem, mulher e filhos. Ainda para o autor, atualmente existem diversos modelos de famílias como as famílias compostas por pais separados com filhos, famílias com filhos de casamentos anteriores, famílias homossexuais com ou sem filhos, famílias compostas apenas da mãe com filhos de diferentes pais ou de pais com filhos que não são criados pelas mães.

Para Borsa e Nunes (2011), o modelo de família nuclear é representado pela constituição dos membros pai, mãe e por filhos, cujo início do relacionamento e união do casal se dá a partir de laços legais e legítimos.

Cervený e Berthoud (2010) e Ronchi e Avellar (2011) referem ainda que um grupo familiar possui seu próprio padrão de estrutura e funcionamento, que consiste em aspectos como regras, funções de cada membro dentro do grupo, tipo de interação existente e quantos membros formam esse sistema.

Estes autores também citam que o grupo familiar inicia-se pela fase de aquisição, que corresponde à formação inicial deste núcleo, ou seja, a fase na qual

há idealização, preparação e construção deste sistema, além de ser necessário o estabelecimento da estrutura emocional e financeira. É a partir da construção do vínculo afetivo entre o casal que será sustentado uma base segura e estável. É importante considerar as experiências individuais que cada cônjuge vivenciou na sua família de origem, bem como os objetivos, valores e desejos de cada um que irão determinar a união entre o casal e dar significado na constituição dessa nova família.

Segundo Menezes (2001), o casal passa por transformações ao longo do seu relacionamento conjugal, que permitem novas responsabilidades, mudanças e até mesmo situações adversas. Durante essas etapas de desenvolvimento, o casal pode vivenciar em algum momento a fase de transição para a parentalidade. Essa experiência pode se caracterizar tanto como um período de evolução para o casal quanto uma fase de instabilidade ao ter que se adaptar a esse novo contexto. Nessa etapa de transição para a parentalidade, o homem e a mulher terão que ressignificar suas funções, papéis e identidades, pois passarão da existência de um casal para construir um sistema familiar, na inserção de um novo membro.

O pai tem participação significativa na maternagem e aos poucos é inserido neste processo, logo surge a família. Conforme afirma Winnicott (1999):

A maternagem inclui os pais, mas eles devem me permitir o uso da palavra "maternal" para descrever a atitude global em relação aos bebês e o cuidado a eles dispensados. O termo "paternal" tem, necessariamente, de chegar um pouco depois do termo "maternal". Geralmente, o pai torna-se um fator significativo enquanto homem. Depois vem a família, cuja base é a união de pais e mães, compartilhando a responsabilidade por aquilo que fizeram juntos, aquilo que chamamos de um novo ser humano – o bebê. (p. 149).

A ideia de parentalidade se constrói antes mesmo dos pais conceberem o primeiro filho. O processo de gestação e parentalidade envolvem as fantasias, expectativas e a história dos pais, que antecedem a concepção da criança. A história e as expectativas de cada progenitor podem revelar como irão se relacionar e reorganizar suas vidas e fantasias com a chegada e o desenvolvimento da criança. O desejo de querer ter um filho pode ser visto como um reflexo do relacionamento construído de uma pessoa com os seus próprios pais no passado (Fiori, 1981; Menezes, 2001; Piccinini & Alvarenga, 2012; Zornig, 2010). Menezes (2001), afirma que isso permitirá ou não que essa criança seja esperada e inserida de forma especial nesse novo contexto familiar.

1.3 Maternidade e Gestação

Para Menezes (2001), o desejo de se tornar pai ou mãe pode ser dividido entre o casal, mas as repercussões psicológicas e fisiológicas são experimentadas de formas diferentes tanto no desejo de parentalidade, quanto ao longo do processo gestacional.

De acordo com Camacho, Vargens, Progiante e Spíndola (2010), Maldonado (1985) e Piccinini, Gomes, Nardi e Lopes (2008), a gestação é um fenômeno biopsicossocial, caracterizado por mudanças e novas adaptações, ou seja, uma experiência que acompanha alterações nos aspectos biológico, psicológico e social da mulher e de todos envolvidos neste processo.

Para Camacho et al. (2010), o organismo da mulher passa por alterações hormonais muito significativas, no qual há um aumento contínuo da concentração de dois principais hormônios femininos, a progesterona e o estrogênio. O corpo feminino se transforma na constante e inteligente busca de adaptar-se ao desenvolvimento do corpo em processo gestacional. A gestação inclui adaptações anatômicas, fisiológicas e bioquímicas e estão diretamente ligadas à circulação sistêmica e uterina, ao metabolismo e às necessidades nutricionais do corpo. As transformações no organismo materno podem variar, com menor ou maior impacto, e irão interferir no cotidiano da mulher.

De acordo com Araújo, Salim, Gualda e Silva (2012), a mulher acompanhada de sua rede de apoio precisa criar respostas adaptativas para enfrentar este período de transformações físicas e psicossociais, buscando assim o equilíbrio.

Camacho et al. (2010) referem ainda que as transformações decorrentes da gravidez podem ser consideradas experiências que auxiliam a mulher, seu companheiro e toda família a construir a ideia de gestação e a se prepararem para o nascimento e chegada da criança, pois são eventos que contribuem e sustentam a adaptação. As alterações gestacionais também incluem alterações emocionais, que podem ser traduzidas pela oscilação de sentimentos, que terá repercussão não somente na relação da mulher com o feto em desenvolvimento, mas também no relacionamento com seu companheiro e familiares.

De acordo com Silva, Pendu, Pontes e Dubois (2002), o comportamento materno recebe grandes influências de sua rede de apoio, seja ela familiar ou não,

entretanto a influência de maior magnitude é o apoio e relação com o parceiro.

Segundo Camacho et al. (2010), o processo de gestação é acompanhado de muitas expectativas e da construção de novos papéis que irão se desenvolvendo ao longo deste processo, assim, é um momento definido por um estado de tensão e caracterizado como um processo que inclui transformações gestacionais, preocupação com a autoimagem e autoestima feminina.

De acordo com Fiori (1981), esse processo também é acompanhado de sentimentos ambivalentes: aceitação e rejeição. A aceitação está relacionada ao desejo dos pais pela gravidez e a criança, e a rejeição são traduzidas pelo temor por este novo momento que será vivenciado. O sentimento de rejeição não é direcionado e depositado na criança que se forma, mas sim no processo de gestação, no qual a mulher teme ser destruída pelos novos sentimentos e mudanças que vivencia. A rejeição é formada em defesa dos temores criados.

O autor ainda aponta que a gestação mobiliza uma reorganização psíquica na mulher e no homem, envolvendo a manifestação de alguns sintomas, descritos como: hipersonia, regressão, o tema dos sonhos, aumento do apetite, náuseas, diarreia e a constipação intestinal, no qual serão apresentados detalhadamente na sequência:

- Hipersonia: é o primeiro sintoma a surgir, o qual é considerado normal e positivo no processo gestacional. Indica a aceitação da gravidez e envolve três processos psíquicos: identificação fantasiada com o feto, início do processo de regressão materna e início da organização defensiva, ou seja, dormir é desconectar-se do mundo externo e desligar-se das ansiedades e preocupações, é permitir o descanso e o equilíbrio do corpo.

- Regressão: a mãe tende a se infantilizar psiquicamente para compreender e atender as necessidades da criança. A criança não é capaz de manifestar suas necessidades e desejos através da linguagem como faz o adulto, é preciso que a mãe se reorganize psiquicamente para compreender o filho. Este processo também é considerado processo de identificação, fundamental para o estabelecimento de vínculo entre mãe e bebê. Quando não acontece há um sinal de patologia materna, e também um indicador de dificuldade da criança em estabelecer vínculos com a

mãe.

- Tema dos sonhos: As mães tendem a sonhar com crianças e filhotes de animais, como também, com objetos que contenham coisas dentro. Dentro deste processo, o homem também tem esta percepção inconsciente através de sonhos, uma forma de retratar que ele psiquicamente também está participando da gestação. O homem passa a ter sonhos como se estivesse sendo trocado e a ter outra pessoa ocupando seu lugar. Esta percepção inconsciente do homem leva a compreensão sob dois aspectos: o primeiro refere-se ao afastamento da relação homem-mulher, no qual este homem terá o lugar invadido e ocupado pela criança que chega e a mulher se afastará dele para centralizar os cuidados da criança. O segundo aspecto a ser avaliado é que, também trará para o homem a recordação inconsciente do conflito do seu próprio complexo de Édipo, o homem vai reviver inconscientemente a fase mais difícil da resolução do seu conflito. Este processo trará para o homem sentimentos ambivalentes, porque ao mesmo tempo em que ama o filho teme ser destruído por ele.

- Aumento do apetite: A fome é uma manifestação inconsciente de aceitação da gravidez, a mulher procura através dos alimentos colocar coisas boas dentro do corpo, na fantasia de bem alimentar seu filho. Colocar coisas boas dentro de si é aceitar que dentro de si há algo bom, o feto.

- Náuseas: A náusea é percebida como uma rejeição, no qual a mulher sente algo como mau, negativo e precisa eliminá-lo.

- Constipação e diarreia: A constipação e a diarreia têm um mecanismo psíquico semelhante ao da fome e náusea. A constipação pode representar a aceitação, no qual a mulher evita expulsar algo de dentro de si, que para ela é valioso. Na diarreia, assim como na náusea, há a tentativa de expelir um conteúdo interno percebido e sentido como negativo, a tentativa não é de expulsar ou eliminar o filho, mas sim, o conteúdo que gera o sentimento de angústia e ansiedade.

Para Camacho et al. (2010), não só a mulher, mas também seu companheiro passa por adaptações físicas e emocionais. Segundo Krob, Piccinini e Silva (2009), o processo de gestação é vivido de modo diferente pelo pai e pela mãe, e apesar do modo singular de cada um vivenciar este processo, ambos enfrentam grandes

mudanças, vivenciam transformações psicológicas, se deparam com uma nova realidade e precisam se adequar a ela fazendo novas escolhas.

Maldonado (1985) cita que no primeiro trimestre da gestação surgem os sintomas iniciais, como enjoo e desejos alimentares, aumento de apetite e um grau maior de sensibilidade. Para Camacho et al. (2010) as mudanças neste período acontecem internamente, não notando-se de imediato as transformações no corpo. Para Maldonado, Nahoum e Dickstein (1979), a primeira impressão do homem é de não compreender que suas simples ações repercutem na mulher grandes emoções.

De acordo com Zornig (2010), durante a gestação os pais não vivenciam somente sentimentos e expectativas positivas em relação ao bebê e a gravidez. Para Nogueira e Ferreira (2012), neste processo também é comum vivenciarem sentimentos ambivalentes, devido às mudanças que enfrentam, principalmente no primeiro trimestre da gestação. Quando o pai participa auxiliando a gestante em atividades relacionadas à gravidez, sente-se mais envolvido e vinculado emocionalmente com o bebê.

Para Camacho et al. (2010), no segundo trimestre da gestação as alterações no corpo da mulher passam a serem notadas e algumas podem perceber aumento de disposição. Segundo Jager e Bottoli (2011) e Maldonado (1985) referem que as mulheres começam a sentir o feto se desenvolvendo dentro de si, repercutindo no homem sentimento de inveja de não poder vivenciar esse momento e medo de perder o afeto de sua companheira devido à atenção estar voltada ao bebê ainda na vida intrauterina.

De acordo com Krob et al. (2009), as transformações geradas pela gestação muitas vezes podem ameaçar o relacionamento e assim, o casal necessita de uma reorganização psíquica.

Para Nogueira e Ferreira (2012), a mulher passa a receber maior atenção e preocupação dos familiares e amigos, fazendo com que suscite no pai sentimentos de exclusão e ciúme da gestação, o que também é afirmado por Jager e Bottoli (2011), no qual refere que o pai sente-se como terceiro membro da relação, devido à repercussão desses sentimentos.

No terceiro trimestre da gestação, geralmente a mulher pode voltar a sentir

indisposição, dificuldade em respirar, cansaço que vem mais rápido e o inchaço dos membros inferiores. Neste período, a mulher também vivencia expectativas com relação ao parto e ansiedade com a chegada do bebê. O homem experimenta a síndrome de *Couvade*, que é caracterizado por um conjunto de sintomas semelhantes ao da sua companheira durante o processo de gestação (Camacho et al., 2010; Campos, 2006; Maldonado, 1985).

Quando chega o tão esperado momento do parto, o pai transmite à sua companheira tranquilidade e proteção, torna-se para ela a referência de segurança naquele momento desconhecido e tão esperado. O pai vivencia imenso alívio e alegria quando torna-se possível ver, tocar e conhecer o seu bebê (Santo & Bonilha, 2000).

Referindo a síndrome de *Couvade* vivenciada pelo homem durante o processo de gestação, para Campos (2006), esta síndrome é muito comum e aceitável nos homens e os sintomas que aparecem podem apresentar o desejo que muitos deles têm de se tornarem pais.

Maldonado (1985) refere que na síndrome de *Couvade*, o homem experimenta emoções que podem apresentar alterações fisiológicas e emocionais, como: aumento de peso corporal, náuseas e vômitos, dores de estômago, alteração da respiração e a temperatura da pele, sonolência e sensações como a ansiedade. De acordo com Zornig (2010) esses sintomas indicam uma identificação do pai com a gestante e com a própria gravidez. A mulher, através de um processo inconsciente, retribui esta identificação proporcionando espaço ao pai para exercer os cuidados com o bebê antes mesmo de sua chegada. Assim, ao vivenciar essa síndrome o pai faz uma representação simbólica da sua participação e envolvimento na gestação.

Todo o processo de identificação, envolvimento e interação do pai com o filho, segundo Cia et al. (2005), são fontes de estimulação e suporte ao desenvolvimento da criança.

1.4 O desenvolvimento infantil

De acordo com Winnicott (1990), as crianças vivenciam diversos estágios de desenvolvimento. Os processos de maturação dependem do ambiente que favorece e potencializa seu desenvolvimento, no entanto, é importante considerar que este não é o único fator que contribui para o desenvolvimento da criança.

Uma criança não nasce pronta, mas vivencia uma série de estágios que favorecem seu desenvolvimento, levando à independência. Assim, Winnicott (1990), refere que:

A mãe e o pai não produzem um bebê como um artista produz um quadro ou o ceramista um pote. Eles iniciam um processo de desenvolvimento que resulta em existir um habitante no corpo da mãe, mais tarde em seus braços, e após no lar proporcionado pelos pais; este habitante se tornará algo que está fora do controle de qualquer um. (p. 81).

Segundo Winnicott (1990), o bebê nos estágios iniciais do desenvolvimento, durante o estado primário do ser, não tem ainda uma integração do *EU* e nem há uma estrutura física e psicológica formada, porém, nesse estágio o bebê receberá cuidados físicos e atenção afetiva que serão incorporados em sua vida. Nos estágios iniciais do desenvolvimento emocional, o bebê irá adquirir um grau de dependência absoluta com o ambiente físico e emocional, não existindo ainda um indivíduo como uma unidade, mas sim um *conjunto ambiente-indivíduo* no qual se torna apenas uma parte deste ambiente, pelo fato de não ter condições para perceber a existência total desse ambiente e principalmente porque neste período não há uma formação do *EU* que seja capaz de perceber a extensão do *não – eu*.

Conforme Winnicott (1997), muitos estudos revelam que nas primeiras fases de desenvolvimento, como a criança ainda está construindo sua formação de personalidade, necessitará estar ligada a figura materna em um grau de dependência absoluta para ajudá-la aos poucos nesse processo de integração do ser. Futuramente, os pais poderão contribuir e estimular essa criança para que sua personalidade seja mais desenvolvida.

De acordo com Winnicott (1990), quando o indivíduo começa a ter memórias significativas do processo de cuidados externos que teve em determinados momentos e consegue adquirir a capacidade de manter seus próprios cuidados, incorporando novas situações, começa a se formar a integração do *EU* de forma

mais confiável e a tendência é ir diminuindo aos poucos o grau da dependência que anteriormente era absoluta.

O autor ainda refere que é primordial que o bebê cresça em um ambiente suficientemente bom que o atenda em suas necessidades básicas, para ser construído assim, um desenvolvimento saudável. Se o ambiente não favorecer a criança uma boa adaptação, ela poderá sofrer descontinuidade do ser e se expressar com sentimentos de intrusão naquele ambiente. O autor completa que a criança se torna intensamente confusa e desorientada quando convive em um ambiente que sofre interrupções da estrutura familiar, no qual os cônjuges apresentam dificuldades emocionais entre eles. Isso repercute desfavoravelmente no desenvolvimento psicológico da criança, visto que a base inicial para a mesma assegurar a eficácia das interações sociais é dada pela união satisfatória dos pais.

Para Papalia, Olds e Feldman (2006), as fases do desenvolvimento humano se iniciam desde o período da sua concepção na qual cada etapa se interliga e exerce influência direta sobre a outra.

Alfandéry (2010) defende que os estágios do desenvolvimento humano se constituem ao longo da vida e se alternam em períodos de processos internos ou externos, o que será importante para fornecer ao indivíduo a construção de sua autonomia. Ainda para o autor, a afetividade e cognição terão mudanças constantes na vida do indivíduo, sendo que a afetividade é o fator principal na formação de conhecimento pessoal.

Papalia, Olds e Feldman (2006) afirma que a primeira fase do desenvolvimento humano tem início no período pré-natal, que vai desde a concepção até o nascimento do feto. Nessa fase, já se inicia a formação básica da estrutura física, cerebral e corporal. O feto já consegue ter algumas percepções sensoriais, capacidade de aprendizado e recordação, tendo o predomínio muito alto das interferências ambientais.

Para a autora, a segunda fase do desenvolvimento é definida como primeira infância, com início ao o nascimento e se estendendo até os 3 anos. Este período é marcado pelo desenvolvimento da ligação afetiva da criança para com os pais e demais indivíduos, desenvolvimento cerebral e motor, autoconsciência, interação

social e mudança do grau de dependência para a autonomia.

Aberastury (1991) defende que desde o nascimento da criança até o quarto mês de vida, os interesses do bebê são em sua maioria voltados para a mãe. Ao nascer, o bebê já é capaz de distinguir os batimentos do coração de sua mãe ou reconhecê-la pela voz, e as experiências que teve desde a vida intrauterina irão ajudá-lo a criar em sua mente a imagem de sua mãe e paralelamente a do pai, ainda que menos compreensível.

A autora refere que entre o terceiro e quarto mês de vida a criança tem mudanças relacionadas ao seu corpo e mente, no qual já conhece sua mãe e consegue perceber se é amado ou rejeitado por ela, brinca com seu corpo se conhecendo e aos poucos se prepara para seu decisivo encontro com o pai. Neste momento, ocorre a perda do vínculo exclusivo com a mãe, fase em que a criança passa a necessitar de contato externo com outras figuras, incluindo o pai.

Segundo Winnicott (1982), a mãe tem a função de mostrar o mundo externo à criança, apresentando-lhe às pessoas que a rodeia. É importante que o pai não esteja presente somente fisicamente, mas que se comunique com a criança de forma adequada, de acordo com as necessidades da paternidade. Apesar de bem parecidas com as funções maternas, as ações do pai têm diferentes resultados. O pai pode banhar o filho, brincar, alimentá-lo e passear com ele e estas são diferentes formas de participar e se comunicar com a criança. Com isto, o pai poderá proporcionar que sua esposa tenha mais tempo para realizar outras atividades e conseqüentemente irá reforçar sua relação com ela, oferecendo ao filho a possibilidade da identificação genital com o casal e a descoberta do mundo por intermédio de sua família.

Ainda nos estágios iniciais, Alfandéry (2010) defende que até o primeiro ano de vida a criança tem a experiência afetiva como fator dominante e inicia através dessa reação suas interações sociais.

O pensamento de Winnicott (1997) contribui com a afirmação de Alfandéry (2010), no qual defende que quando a criança completa um ano de idade, essas interações sociais acontecem quando ela está inserida em um ambiente favorável que possibilita o seu desenvolvimento enquanto indivíduo, como também promove

uma interação social mais consistente.

São nessas interações que se constroem um conjunto de esquemas afetivos, ou seja, a presença de vários modelos afetivos que se repetem e são incorporados na vida da criança irá resultar na formação do seu caráter (Faria, 1989).

Winnicott (1997) refere que a criança só consegue se desenvolver como pessoa quando existe um contato com a mãe suficientemente boa, considerada como um modelo afetivo. Caso não haja este contato afetivo a criança não consegue construir um self verdadeiro.

Segundo Papalia, Olds e Feldman (2006) no primeiro ano de vida, a criança já consegue desenvolver a percepção inicial de confiança que poderá ou não depositar em seu cuidador e no ambiente. Quando ela não sente segurança em seu cuidador, passa a enxergar o mundo externo de forma mais agressiva e inesperada e tem dificuldade na manutenção de relacionamentos interpessoais.

Papalia, Olds e Feldman (2006) referem que o apego construído como uma base segura pela figura paterna pode ser compensatória para a criança, caso a relação de apego com a mãe não lhe traga segurança.

Dando continuidade às fases de desenvolvimento, Alfandéry (2010), afirma que o período dos doze meses aos três anos é caracterizado pela construção da linguagem através dos processos de imitação e influência de fatores externos. Segundo Vygotsky (2007), o aprendizado é um processo adquirido através das interações estabelecidas com o meio e através da mediação dos adultos, permitindo assim que a criança internalize com mais facilidade os conceitos ensinados.

O período dos três anos aos seis anos é definido por Alfandéry (2010) e Papalia, Olds e Feldman (2006) como segunda infância, na qual é caracterizada pela construção de personalidade e estrutura psicológica, social e física. Correspondente ao período dos seis até os onze anos, Papalia, Olds e Feldman (2006), definem como terceira infância, no qual ocorre o predomínio do raciocínio e lógica, desenvolvimento da fala e locomoção. Para Alfandéry (2010) nessa fase a criança desenvolve a inteligência, pensamento abstrato e simbólico. Considerando a fase da adolescência, Alfandéry (2010) afirma que tem início aos onze anos, com o predomínio das mudanças físicas, emocionais e conflitos intrínsecos e extrínsecos.

Para Papalia, Olds e Feldman (2006), esse período ocorre dos doze até os vinte anos, apresentando mudanças biopsicossociais e a construção de identidade. Desta forma percebe-se a importância dos pais e seus vínculos com desenvolvimento humano.

1.5 Vínculo pai e bebê

Segundo Bowlby (1989), para que a criança se desenvolva de forma adequada, é necessário que os pais tenham um envolvimento e participação efetiva na sua criação, conheçam o que é necessário para que a criança tenha uma qualidade no seu desenvolvimento, seja ele físico, social ou psicológico.

De acordo com Gomes e Resende (2004) e Silva et al. (2002), a relação do casal com o filho também contribuirá na capacidade e na forma como a criança irá construir suas relações afetivas e de convivência.

De acordo com Winnicott (1982), a presença do pai na vida da criança é de valiosa e extrema importância, principalmente nos primeiros anos de vida dela. A criança precisa sentir o pai como pessoa viva e presente em sua vida. Antes da criança descobrir o pai como pessoa real e existente, ela o idealiza e se faz necessário a convivência entre eles, para que ela possa conhecê-lo e descobri-lo.

Segundo Nogueira e Ferreira (2012), a construção e o fortalecimento do vínculo emocional entre pai e bebê é um processo que facilita a transição do homem para a paternidade, o que também repercute de forma positiva no desenvolvimento da criança. Para Piccinini, Silva, Gonçalves, Lopes e Tudge (2004), esta vinculação não é estabelecida de forma imediata, e sim, gradualmente, através de estimulações para que o pai se sinta movido e seja capaz de participar de atividades que incluam a espera ou presença do bebê, diferente da gestante, que desenvolve vínculo com o bebê de forma mais imediata.

Para se pensar em relações emocionais é fundamental estabelecer o conceito de vínculo, que para Bowlby (1990) é representado por sentimentos voltados para algumas pessoas em particular, no qual a essência é a atração sentida pelos indivíduos e a tendência a manterem-se próximos um do outro. Caso ocorra de

algum deles se separar por um eventual motivo, sentirão a necessidade de novamente se aproximarem devido ao vínculo inicialmente formado.

O autor também aponta que o comportamento social de cada indivíduo irá influenciar na formação de vínculo. Os tipos de vínculos formados mudam conforme a espécie e os mais comuns são os desenvolvidos entre os pais e seus filhos e entre adultos do sexo oposto. Ao nascer, geralmente o primeiro vínculo que a criança desenvolve é entre ela e sua mãe e este vínculo persiste até a idade adulta.

O autor refere ainda que os vínculos afetivos se desenvolvem, pois a criança nasce com uma forte tendência para aproximar-se de estímulos familiares e também para evitar o desconhecido que pode lhe trazer desconforto. A função biológica da vinculação entre indivíduos da mesma espécie é embasada na proteção, considerado tão importante quanto a nutrição ou a reprodução da espécie. O vínculo é essencial para a espécie humana, tendo também valor de sobrevivência. O autor conclui que o vínculo entre mãe e filho é embasado na segurança, proteção e satisfação das necessidades da criança.

Ainda para Bowlby (1989), o sentimento de apego pode ser observado pelo sujeito a partir de qualquer indivíduo que lhe atenda no seu desconforto e insegurança, porém, a construção de um vínculo duradouro, afetivo e consistente não é conquistada por qualquer indivíduo, mas sim em uma figura que é especial para ele. A base segura contribui para o desenvolvimento da personalidade, no qual são compostas por fatores internos e externos.

Para Winnicott (1982), se for do desejo do pai estar presente e conhecer o seu bebê, estará fortalecendo e enriquecendo o desenvolvimento da criança. A figura paterna também é valiosa para que a criança vivencie as qualidades positivas de seu pai e as características que os distinguem de outros homens.

De acordo com Santo e Bonilha (2000), o homem vem amadurecendo sua própria percepção do que é ser pai, e com isso, desenvolve e demonstra maior sensibilidade para receber seu filho, se prepara melhor para essa chegada e assume um papel de responsabilidade nos cuidados e tarefas relacionadas ao bebê.

Para Benczik (2011), o envolvimento paterno também será resultado de uma interação entre pai e filho, pois quanto melhor for à interação pai e filho, melhor será

a qualidade desta relação entre ambos.

1.6 A função paterna: o pai como mediador e participante no desenvolvimento do filho

Devido às mudanças sociais e a transformação do papel do pai, os homens estão construindo e percebendo uma nova identidade paterna, podendo assim, assumir um papel mais participativo, porém, este processo está ocorrendo de forma gradual (Cia et al., 2005; Mazzieri & Hoga, 2006; Staudt & Wagner, 2008). De acordo com Dantas et al. (2004), na atualidade, a paternidade é acompanhada de grandes desafios, independente do modelo de família que este pai estiver inserido. Segundo Mazzieri e Hoga (2006) e Staudt e Wagner (2008), estes desafios são acompanhados de muitas mudanças que acontecem de forma gradual, e por isto, muitas vezes o papel de pai ainda se dilui com o papel da mãe, não ficando claro o que é função paterna e função materna.

Ainda para Dantas et al. (2004), avaliando o contexto histórico, pôde-se observar que a relação estabelecida antigamente fundamentada em um distanciamento e autoridade com seus filhos, hoje é substituída por uma relação mais viva entre o pai e suas crianças, apoiada na interação e afeto, dando espaço a uma figura mais participativa. O pai que assume um papel presente oferece para seus filhos suporte positivo a questões emocionais, sociais, afetivas e cognitivas.

De acordo com Dantas et al. (2004), a definição de masculinidade estabelecida socialmente e representada pela imagem de virilidade, limita o homem na forma de expressar ternura e afeto. Considerando este fato social, a paternidade pode contribuir para a construção e elaboração do significado de um novo homem. Esta nova função oferece ao homem a oportunidade de vivenciar e aprender a lidar com suas próprias emoções, principalmente com seus filhos. O pai inserido em seu novo contexto e papel social assume a função de proteger, dar apoio e suporte à sua mulher durante a gestação, dentro desta dinâmica. Os sentimentos positivos do pai em relação a este processo são valorizados e aceitos socialmente e ele passa a ser considerado como uma figura forte e viril.

No entanto, para Bornholdt, Wagner e Staudt (2007) sentimentos como ambivalência, insegurança e raiva são desvalorizados e percebidos como negativos.

Conforme citado anteriormente por Cia et al. (2005) no início deste trabalho, o homem vem construindo uma nova percepção paterna sobre sua função e atuação. Cia et al. (2005) juntamente com Gabriel e Dias (2011), referem que esta nova construção da figura paterna pode ser explicada devido à inserção da mulher no mercado de trabalho e ao aumento do número de famílias em que ambos os pais trabalham fora. Os homens além de se tornarem mais participativos com os cuidados dos filhos também assumem a responsabilidade das tarefas domésticas.

De acordo com Menezes (2001), a prática concreta da parentalidade ocorre após o nascimento da criança e é caracterizada por um processo de construção dessa nova família que traz uma adaptação ao contexto no relacionamento conjugal e na estrutura psicológica, para lidar com as novas responsabilidades e preparação para desempenhar os papéis que irão assumir como figura paterna e materna a partir dessa nova fase que se apresenta.

Segundo Silva e Piccinini (2007), o conceito de envolvimento paterno ainda hoje não tem uma definição consolidada, tornando esta insuficiente definição num grande desafio para pesquisas e estudos sobre o papel do pai.

Dantas et al. (2004) referem ainda que na perspectiva do homem, ele também encontra dificuldades para perceber com total clareza a definição desse papel, devido a tantas mudanças já elaboradas, sendo assim, o processo de compreensão e incorporação deste conceito têm-se feito de forma gradual.

De acordo com Silva e Piccinini (2007), algumas teorias consideram a paternidade apenas como um conjunto de atividades participativas do pai na família, enquanto outros autores mantêm um olhar mais amplo para o papel do pai, e consideram a paternidade como uma função que abrange tais aspectos: comportamento do pai, que envolve a interação com a criança, cuidados, recreação e apoio à esposa; sentimentos do pai, relacionado à satisfação com a paternidade, e por fim, a qualidade da relação entre pai e criança.

Os autores pontuam outros aspectos para se compreender o envolvimento paterno e a interação do pai com a criança, destacando os pontos caracterizados a seguir: acessibilidade (disponibilidade acessível à criança não só em aspectos físicos, como também psicológicos, ou seja, não basta estar perto, mas sim, se fazer presente e acessível às necessidades da criança) e responsabilidade (engloba assumir e oferecer à criança os cuidados e recursos que ela necessita).

Conforme Dantas et al. (2004) e Mazzieri e Hoga (2006), o envolvimento do

pai durante o processo de gestação, parto, pós-parto e ao longo do desenvolvimento da criança, é considerado um elemento fundamental para o desenvolvimento dela, assumindo então, uma função de grande valor e importância neste processo.

De acordo com Nogueira e Ferreira (2012), o envolvimento e interação do pai podem ser representados como um canal que fortaleça a construção do vínculo entre pai e filho através da participação do homem em atividades relacionadas à gravidez, como a interação com a criança desde a vida intrauterina, acompanhar a gestante nas consultas e demais atividades pertinentes à gestação e a criança.

Ainda pensando no envolvimento do homem em atividades relacionadas à espera e chegada do bebê, os autores afirmam que a participação do homem durante o trabalho de parto também pode contribuir para o fortalecimento do vínculo entre pai e filho e traz fortes emoções ao sentirem que foram participantes em oferecer à gestante apoio e segurança. É importante que os profissionais de saúde orientem os pais para que esta experiência seja vivenciada de forma gratificante.

De acordo com Camacho et al. (2010), Jager e Bottoli (2011), Krob et al. (2009), Maldonado et al. (1979), Maldonado (1985) e seguindo o pensamento de Piccinini e Alvarenga (2012), o nascimento de um filho não é uma experiência exclusivamente materna, dentro do processo de gestação, homem e mulher vivenciam significativas transformações de ordem fisiológica, psicológica e emocional na transição para a parentalidade que repercutem em suas vidas, e ambos irão enfrentá-las de modo diferente.

Para Nogueira e Ferreira (2012), dentro do processo de transição à paternidade alguns homens apresentam dificuldades em assumir o próprio papel de pai, pois experimentam grande resistência em relacionar o novo papel social com os demais já existentes, como os papéis de filhos e cônjuge. De acordo com Almeida (2007), a paternidade exige do homem aumento de responsabilidade e novas escolhas, criando assim, uma maior maturação relacionada à sua autonomia individual.

Ainda para Jager e Bottoli (2011), os pais enfrentam e vivenciam fantasias, mistérios e medos em relação ao nascimento de um filho. Segundo Dessen e Oliveira (2013), assumir esta nova função social exige do homem o enfrentamento de novos sentimentos e emoções.

Para Bornholdt et al. (2007), este processo de espera pelo nascimento da criança gera expectativas que repercutem nos pais o enfrentamento de grandes

mudanças. O homem preocupa-se com maior intensidade em garantir a segurança e estabilidade de sua família, tende a centralizar o mundo do trabalho, enfatizando preocupações financeiras.

Segundo Cia et al. (2005), quando há privação do contato e dos cuidados do pai, as crianças podem apresentar dificuldades no desenvolvimento, que poderão ser manifestadas em períodos diferentes, não limitando apenas ao desenvolvimento infantil, mas podendo ser ampliado à idade escolar e na adolescência, e se não elaborados podem ser estendidos negativamente à vida adulta.

Segundo Winnicott (1982), a interação do pai com o bebê dependerá da forma de como a mãe irá organizar esta relação, se ela incluirá este pai nas tarefas relacionadas à criança ou se perceberá dificuldade em reconhecer quando chamá-lo para participar. A mãe terá a tarefa de incluir, aos poucos, este pai na vida da criança, como por exemplo, organizar-se para que o homem a auxilie em determinadas funções relacionadas aos cuidados do bebê, participando ou assistindo.

De acordo com Cia et al. (2005) e Dantas et al. (2004), cada pai irá interagir de uma forma diferente com seus filhos. Os pais passam a assumir e explorar seu papel em maior parte através do brincar, estimulando o contato social das crianças, e as mães vivenciam sua função através de uma dinâmica mais voltada para os cuidados, alimentação, conforto, afeto e proteção.

Para Winnicott (1982) quando o pai brinca junto de seus filhos ele atualiza o brincar da criança, incluindo novos e valiosos elementos nas brincadeiras. Ele favorece a criança o poder da imaginação.

Ainda para o autor, a função do pai recebe grande importância por este ser o suporte da autoridade manifestada pela mãe na vida da criança, ele dará à esposa apoio moral, sustentando sua ordem e lei. A criança precisa reconhecer e sentir o pai presente nesta relação de suporte a autoridade da mãe, mas isto não indica que é necessária, apenas, a presença física do pai, mas sim, que ocorra envolvimento entre eles. Também é função do pai ajudar a mãe sentir-se bem em seu corpo e feliz em seu espírito.

Conforme Aberastury (1991), o papel do pai está relacionado de acordo com a idade da criança, que se altera conforme as necessidades de cada momento, por isso, é bastante importante que exista uma adequação ao papel do pai às necessidades da criança de acordo com cada fase.

Segundo Rosa (2014), nas fases iniciais de vida do bebê, quando ele é absolutamente dependente da mãe, não há um reconhecimento do filho pela figura do pai, pois a criança e a mãe neste período são uma unidade. O pai assume uma função de grande importância nesta etapa, tendo participação indireta nesta relação entre a mãe e bebê. Winnicott (1990) refere que a presença e participação do homem na família é importante, pois ele oferece a mulher apoio e segurança, sentimentos e sensações positivas que a mulher transmite à criança. O homem também pode ser considerado um bom substituto para a mãe. Rosa (2014) ainda cita que “o pai nesse período ajuda a mãe a ser mãe” (p. 27).

De acordo com Rosa (2014) fundamentada em estudos de Winnicott, no segundo período de vida da criança, caracterizado como dependência relativa, o pai também tem grande influência, pois para as mães muitas vezes é difícil realizar o desmame e também fazer com que o bebê crie sua autonomia, isto é, não atendê-lo imediatamente em suas necessidades, para que assim, o bebê possa desenvolver uma mínima e sutil vivência de autonomia e também, possa criar a noção de diferenciação com relação à mãe, ou seja, perceber inconscientemente que ele não é uma extensão dela. Para o pai é interessante que isto ocorra, pois o filho passa a ter independência de forma gradual e conseqüentemente crescer, e também recupera a sua mulher de volta para si. Para isto, muitas vezes o pai precisa mostrar para a mãe que ela também é uma mulher, dando apoio para que possa recuperar aspectos de sua personalidade e retomar aos poucos o espaço do mundo que se tornou estreito a preocupação materna primária.

A autora ainda refere que a criança começa a reconhecer o pai quando ela passa a diferenciar algumas características maternas das paternas, ou seja, percebe a mãe como fonte de ternura e afeto e o pai como representante de firmeza, autoridade, severidade e dureza. Progressivamente o pai vai se tornando como uma duplicação da figura materna, isto significa que a criança também perceberá no pai aspectos de ternura e amor, e conseqüentemente, o papel paterno começa a aparecer.

Rosa (2014) cita que “o bebê amadurece a partir dos cuidados maternos, e, avançando na direção da independência abrindo-se para novas relações, cria e encontra o pai” (p. 30).

Para Dantas et al. (2004), é função do pai garantir a realização de três papéis com seus filhos: o primeiro é se inserir entre a criança e a mãe, estabelecendo a

tríade pai-mãe-bebê, que embora seja um processo acompanhado de conflitos, é necessário para a construção da tríade e necessita ser vivenciado de modo saudável; o segundo é dar suporte na construção e confirmação da identidade da criança e o terceiro papel é auxiliar a criança a receber, significar e compreender as relações de afeto, visto que este processo aproxima pais e filhos, embasando suas relações em emoções e cumplicidade.

De acordo com Cia, D’Affonseca e Barham (2004), o saudável e positivo desenvolvimento da criança não é sustentado apenas pela quantidade de interação estabelecida pelo pai, mas sim, pela essência da relação que está na qualidade e envolvimento deste vínculo.

O processo de transição e envolvimento com a paternidade é acompanhado de experiências significativas na vida do homem, segundo Rivoiro (2005, citado por Almeida, 2007) “Ser pai é, a um só tempo, a experiência mais pessoal e mais coletiva que se pode viver, além de ser a melhor parte da sua vida” (p. 38).

2 OBJETIVO E HIPÓTESE

O presente estudo teve como objetivo geral identificar os sentimentos relacionados e vivenciados pelo homem na paternidade.

O objetivo específico foi avaliar qualitativamente como os homens sentem e percebem esta experiência, bem como descrever quais são as expectativas geradas para o exercício da paternidade e se os homens reconhecem o valor de sua função.

A hipótese formulada foi de que os homens ainda não reconhecem o significado fortalecedor e a influência de sua função paterna no suporte e participação durante o processo da gestação e no desenvolvimento de seus filhos. Com esta percepção não construída, o homem transpõe grande parte do valor e importância de seu papel para a função materna, como fator de maior influência no desenvolvimento do processo gestacional e do vínculo com a criança, tornando a função paterna exclusivamente responsável como prover financeiramente a família.

3 MÉTODO

3.1 Amostra

A amostra inicialmente era composta por nove sujeitos, no entanto, com a perda amostral foi reduzida para sete homens. O quadro demonstrativo abaixo descreve a situação da composição do número total da amostra:

Sujeitos indicados para participar da pesquisa	Quantos sujeitos não participaram da pesquisa	Quantos sujeitos participaram da pesquisa	Motivo pela não participação dos sujeitos na entrevista presencial
11	4	7	Sujeito não aceitou participar da entrevista / Sujeito sem disponibilidade de tempo conforme data limite para realização das entrevistas / O bebê de um dos sujeitos nasceu na data da entrevista agendada / Após convite para participação da pesquisa sujeito não retornou contato para agendamento da mesma, mesmo após tentativa das pesquisadoras.

Quadro 1 – Apresentação da Amostra

FONTE: (Criada pelas autoras deste trabalho)

Do total de onze homens indicados, dez receberam o contato direto das pesquisadoras, sendo que um sujeito não foi contatado diretamente pelas pesquisadoras para oficialização do informe da pesquisa e convite de participação, pois antecipadamente foi feito um intermédio entre o conhecido do sujeito com as pesquisadoras, no entanto, entre este intermédio foi constatado pelo conhecido indicador do sujeito para pesquisa que ele desprovia de tempo e disponibilidade para participar da pesquisa dentro do prazo final estipulado pelas pesquisadoras. Os demais homens foram contatados diretamente pelas pesquisadoras e agendado as entrevistas presenciais.

Das entrevistas não realizadas ressalta-se que, um dos sujeitos não aceitou participar, pois não sentia-se à vontade para falar de seus sentimentos e experiências, outro sujeito desprovia de tempo, conforme descrito acima, o bebê de

um dos sujeitos nasceu horas antes da entrevista que estava agendada e por fim, um dos sujeitos não retornou o contato das pesquisadoras para agendamento da entrevista, mesmo anteriormente tendo aceitado participar da mesma.

Considerando todas as variáveis, a amostra foi composta por sete homens que residem na cidade de São Paulo, estavam à espera do primeiro filho a partir do segundo trimestre da gestação e possuíam relacionamento conjugal com a gestante.

Foram avaliados somente homens que estavam à espera do primeiro filho, pois com isto foi observado se o homem neste estágio já se sente pai ou não, e como espera a chegada da criança em sua vida e o processo de ser pai.

Também foi considerado como critério de avaliação pais que estavam à espera do filho a partir do segundo trimestre, pois já estariam inseridos em um período da gestação em que se supõe que já tiveram um contato inicial com esta experiência, dentro dos primeiros três meses, no qual, supõe-se também que tenham vivenciado experiências significativas para a análise deste estudo, que talvez, com menos de três meses não tenha sido possível vivenciar.

Considera-se também como fundamento deste critério as contribuições de Piccinini, et al. (2004), no qual referem que no primeiro trimestre de gestação há um grande risco de aborto, o que poderia interferir na análise dos conteúdos, pois, avalia-se a possibilidade dos homens considerarem este risco e vivenciarem dificuldades para se aproximarem do processo de gestação ainda no início do processo.

Devido a uma mudança ao decorrer das entrevistas presenciais com cada sujeito, um deles não estava no segundo trimestre gestacional, e sim no primeiro, vivenciando o terceiro mês da gestação. No entanto, observa-se que o principal critério estabelecido referente ao período gestacional manteve-se, sendo que, o fato do sujeito ter sido entrevistado dentro do período de três meses de gestação pode-se supor que ele teria vivenciado um contato inicial com esta experiência, o que, possivelmente com menos de três meses não teria sido possível. A alteração do critério referente à amostra foi realizada com o objetivo de incluir ao estudo um novo elemento comparativo, almejando ampliar os elementos que possibilitasse avaliar todos os trimestres gestacionais.

Não houve definição da faixa etária, nível socioeconômico e escolaridade, pois com isto, os sujeitos foram equiparados e também foi avaliado se estas variáveis influenciam ou não na percepção do homem sobre a importância de seu papel como pai.

Os sujeitos foram abordados em conveniência a participarem voluntariamente da pesquisa. Os procedimentos foram realizados em locais de acordo com a disponibilidade dos sujeitos.

3.2 Instrumentos

Este estudo foi desenvolvido com base na pesquisa qualitativa, que é definida por Martins (2004) “como aquela que privilegia a análise de microprocessos, através do estudo das ações individuais e grupais, realizando um exame intensivo dos dados... e caracterizada pela heterodoxia no momento da análise” (p.1). O autor refere que este instrumento de trabalho permite uma flexibilidade para análise e coleta de dados. Ou seja, a eficácia dos resultados não está centrada minuciosamente na quantidade, mas sim, na forma de olhar, de modo singular para o fenômeno estudado. A pesquisa qualitativa permite ao pesquisador considerar os recursos estudados de forma ampla, considerando os aspectos singulares e subjacentes de cada fenômeno.

Esta avaliação foi realizada por meio de entrevista semidirigida e entrevista aberta, no qual foi feita análise de discurso dos voluntários.

Na presente pesquisa foram utilizados:

- Questionário de Caracterização (Apêndice A): composto por dez questões destinadas a descrição e identificação dos sujeitos. Foram abordadas as variáveis acadêmicas, socioeconômicas e familiares, além de perguntas voltadas para a dinâmica familiar do sujeito relacionada à gestação.

- Entrevista semidirigida (Apêndice B): Este instrumento utilizado foi adaptado a partir de entrevistas produzidas pelo NUDIF (Núcleo de Infância e Família - UFRGS), coordenado pelo professor Cesar Piccinini no ano de 2004, que construiu

entrevistas para abordar a paternidade. A adaptação foi realizada através dos instrumentos *entrevista sobre a gestação e o parto (pai)* e *entrevista sobre a experiência da paternidade*. Este recurso foi utilizado com algumas de perguntas para direcionamento da entrevista. Foram abordadas com os sujeitos as seis perguntas listadas abaixo, contendo cada uma a explicação do que pretendia-se avaliar:

1. Eu gostaria que você me falasse sobre a gravidez da tua esposa/companheira. Conte-nos um pouco sobre como está sendo a experiência de se tornar pai pela primeira vez. (Caso não tenha mencionado): Você poderia me falar um pouco mais sobre.

Pretende-se avaliar de modo amplo como está a gestação e como o homem sente e percebe a paternidade, bem como, identificar os sentimentos relacionados e vivenciados neste processo.

2. Você ajuda a tua companheira neste período? Como / o que você faz? Como você se sente com relação à isto? Como você acha que poderá ajudar depois do nascimento do bebê?

Pretende-se avaliar se o homem sente-se pertencente ao processo de cuidados, interação e construção de vínculo com a criança, e se o sujeito atribui algum significado fortalecedor a sua função. Bem como, avaliar se existe alguma expectativa para o exercício da paternidade.

3. O que é ser pai para você? Como você se percebe e se descreve como pai?

Pretende-se avaliar como o homem sente e percebe a paternidade, bem como, identificar os sentimentos relacionados e vivenciados neste processo.

4. O que mais te agrada e o que mais é difícil neste novo momento?

Pretende-se avaliar como o pai vivencia o processo de transição a paternidade, e como ele percebe as dificuldades e satisfações inclusas neste processo.

5. Como você imagina que será sua vida após a chegada do bebê? Que tipo

e interação você imagina ter com ele?

Pretende-se avaliar quais são as expectativas geradas para o exercício da paternidade.

6. Como você acha que sua companheira poderá influenciar no desenvolvimento de seu filho? E você como pai, como imagina que poderá participar e contribuir neste processo de gestação e desenvolvimento?

Pretende-se avaliar se o homem transpõe para a mulher grande parte do valor e importância de seu papel como pai para a função materna primordialmente.

Esta entrevista com perguntas semidirigidas teve como objetivo entender através do discurso dos sujeitos, qual a percepção dos mesmos frente a este processo de transição à paternidade que contempla novas experiências, vivências e sentimentos, bem como, compreender qual a percepção construída sobre a importância do seu papel como pai.

Conforme a entrevista realizada com cada sujeito, além das perguntas construídas e adaptadas pertencentes ao instrumento citado acima, também foram realizadas perguntas adicionais para cada indivíduo, conforme a qualidade e desenvolvimento da entrevista com cada um. Entende-se este instrumento como entrevista compreensiva, no qual, Zago (2003) “define que este instrumento não segue uma estrutura rígida, isto é, as questões previamente definidas podem sofrer alterações conforme o direcionamento que se quer dar à investigação” (p.295). A partir das contribuições da autora, compreende-se que a entrevista compreensiva tem como principal objetivo não apenas verificar uma informação ou problemática, mas sim, compreender de fato, investigar, esclarecer e a partir deste entendimento mais ampliado alcançar o objetivo da pesquisa.

A aplicação deste instrumento foi registrada em áudio, transcritas literalmente (Anexos de A a G) e analisadas juntamente com todo o material utilizado para entendimento do sujeito.

Segundo Bleger (2003), a entrevista é uma técnica de investigação científica fundamental para o método clínico, no qual se investiga a conduta e a personalidade

dos sujeitos. Benjamin (2004) define a entrevista como um diálogo entre duas pessoas que tem um propósito e auxilia o entrevistador a obter as informações que necessita.

Para Ocampo e Arzeno (2009), a entrevista semidirigida é caracterizada como aquela em que o sujeito expõe suas ideias e problemas iniciando pelo que preferir. Na entrevista semidirigida, o entrevistador pode intervir direcionando o entrevistado quando ele não souber por onde iniciar ou continuar; observar quando o sujeito tem alguma paralisação ou bloqueio devido a alguma situação angustiante e abordar o indivíduo de outra forma, assim, assegurando os objetivos da entrevista; investigar o sujeito sobre aspectos de sua conduta que muitas vezes não são apresentados espontaneamente ou entendimento de contradições e informações vagas.

3. Entrevista aberta (Apêndice C): para entendimento do histórico de vida do sujeito. Neste instrumento, os sujeitos foram questionados se gostariam de falar algo que acham importante e que não foi dito, sendo esta a pergunta final que complementa o questionário.

Para Bleger (2003), na entrevista aberta o entrevistador tem total liberdade para entendimento do sujeito, sendo possível ajustar esta entrevista para uma investigação mais ampla e o entendimento das informações apresentadas pelo sujeito conforme as variáveis apresentadas por cada um deles. Benjamin (2004) utiliza o termo perguntas abertas como uma das ferramentas da entrevista. O autor define as perguntas abertas como algo que permite ao entrevistado amplas possibilidades, aumento de sua percepção e algo que pode oferecer grandes oportunidades para um bom relacionamento com o entrevistado.

Bleger (2003) relata que a entrevista permite o entendimento somente de uma parte da personalidade do sujeito e que através dela não é possível esgotar totalmente a personalidade do mesmo. Para melhor compreensão do indivíduo é necessário utilizar as entrevistas em conjunto de outros procedimentos de investigação. Desta forma, além da entrevista, foram utilizados outros instrumentos para o entendimento mais amplo dos sujeitos relatados abaixo.

Foi realizado um encontro com cada pai, em que foi aplicado o questionário de caracterização, realização de breve entrevista aberta e a entrevista semidirigida.

3.3 Procedimento de Coleta de Dados e Aspectos Éticos

Os sujeitos participantes deste estudo foram abordados através de indicações. A pesquisa foi divulgada entre colegas e conhecidos, e posteriormente, foram encaminhadas às pesquisadoras, possíveis nomes e contatos de sujeitos que se disponibilizariam a participar do estudo.

Após indicação, foi feito o primeiro contato por telefone ou e-mail e em algumas ocasiões, foram contatadas primeiramente as gestantes esposas/companheiras dos homens indicados para a pesquisa, pois muitas das indicações foram feitas através de conhecidos das gestantes, e não diretamente dos homens.

Os contatos iniciais com as esposas/companheiras foram feitos para a realização de uma apresentação e explicação do objetivo da pesquisa e uma inicial verificação das informações que correspondem aos critérios pertencentes à amostra de dados. Após o contato com as gestantes, as mesmas contataram seus companheiros e informaram as pesquisadoras sobre o interesse e disponibilidade dos mesmos para a realização da pesquisa.

Após verificação e confirmação destas informações iniciais os sujeitos foram convidados a participarem da pesquisa. Após aceitação do convite foram agendadas as entrevistas com cada sujeito, sendo definido o local, dia e horário conforme disponibilidade de cada um.

Para os homens que aceitaram participar da pesquisa e estavam de acordo com os critérios estabelecidos na amostra, foi realizado um único encontro com cada pai. As entrevistas foram realizadas individualmente com cada sujeito.

Ao realizar a entrevista presencial com os sujeitos, inicialmente foi apresentado novamente o objetivo da pesquisa e verificado outra vez o interesse dos sujeitos de participarem da mesma.

Após confirmação de cada indivíduo foi imediatamente solicitada a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para os voluntários (Anexo H), que informa ser a participação voluntária e as informações mantidas em sigilo. Não houve tempo limite para o preenchimento dos instrumentos, mas estima-se que o preenchimento foi feito em média de 10 minutos.

Após assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo H) foi entregue aos sujeitos o Questionário de Caracterização (Apêndice A). Posteriormente ao preenchimento do mesmo, as pesquisadoras solicitaram aos sujeitos a gravação das entrevistas, justificando que este procedimento seria um auxílio facilitador para análise das informações colhidas, garantindo uma maior veracidade dos conteúdos. Também foi esclarecido e ressaltado pelas pesquisadoras o sigilo referente às informações apresentadas durante a pesquisa, esclarecendo que o uso das mesmas seriam utilizadas para a produção deste trabalho. Todos os sujeitos aceitaram prontamente a solicitação e condição apresentada para a realização da entrevista.

Conforme esclarecido durante o item 3.1 (Amostra), as entrevistas foram realizadas em locais de acordo com a disponibilidade dos sujeitos. Em situações em que a pesquisa foi realizada nas residências dos sujeitos e as esposas/companheiras permaneciam próximas e interessadas a também participarem da entrevista, foi explicado para cada uma o objetivo do estudo e perguntado se as mesmas aceitariam que seus companheiros participassem da entrevista sem a presença delas. Todas as esposas/companheiras em acordo com seus companheiros aceitaram a condição para a realização da entrevista.

Avalia-se a possibilidade de que a presença das esposas/companheiras poderia interferir nos resultados, na livre manifestação dos conteúdos dos sujeitos. Com base nesta hipótese, foi estabelecido como critério pelas pesquisadoras que para uma melhor análise de conteúdo os sujeitos não seriam acompanhados por suas esposas/companheiras.

Abaixo será fornecida uma breve descrição da condição, ambiente, tempo e demais informações necessárias para compreensão da condição do ambiente de cada entrevista realizada:

Pai 1 – A pesquisa foi realizada na residência do conhecido do sujeito, que o indicou para participar da pesquisa. O ambiente estava adequado para a realização da entrevista, não havendo intercorrências que prejudicasse o andamento da mesma. A entrevista durou vinte e cinco minutos e treze segundos. O sujeito demonstrou-se ansioso, intimidado e inicialmente aparentou estar mais flexível para

responder as perguntas. Porém, ao decorrer da entrevista demonstrou-se numa posição mais defensiva.

Pai 2 – A pesquisa foi realizada na residência do conhecido do sujeito, que o indicou para participar da pesquisa. Sua esposa o acompanhou e após ser esclarecido o objetivo da pesquisa a mesma permaneceu em local diferente aguardando a finalização da entrevista. O ambiente a qual a pesquisa foi realizada estava apropriado, não havendo nenhuma intercorrência. A entrevista durou trinta e quatro minutos e vinte e um segundos. O sujeito demonstrou-se receptivo e ansioso.

Pai 3 – A pesquisa foi realizada na residência do sujeito, sua esposa estava presente e após a explicação do objetivo do estudo ela permitiu que a pesquisa fosse realizada sem sua presença. O ambiente estava de acordo para a realização do estudo, não havendo nenhum tipo de intercorrência. A entrevista realizada com o sujeito durou trinta e nove minutos e trinta segundos. O sujeito demonstrou-se calmo e aparentemente disposto a contribuir com a pesquisa.

Pai 4 – A entrevista também aconteceu na residência do sujeito, sua esposa estava presente e esperava participar da pesquisa, após explicação sobre o objetivo e foco do estudo a ser realizado a mesma permitiu que a entrevista fosse realizada sem sua presença. O ambiente estava favorável para a realização da pesquisa, não havendo nenhuma intercorrência. A entrevista teve duração de dezoito minutos e quarenta e quatro segundos. O sujeito demonstrou-se ansioso e aparentemente intimidado com as questões levantadas.

Pai 5 – Foi realizada a entrevista na residência do sujeito, sua sogra e sua esposa estavam presentes, após as pesquisadoras relatarem o objetivo da pesquisa, com foco na experiência da paternidade sob a perspectiva do homem as mesmas permitiram que a entrevista fosse realizada sem a presença de ambas. A entrevista durou trinta e três minutos e cinquenta e nove segundos. A pesquisa foi interrompida algumas vezes por intercorrência de animais domésticos presentes no local. O sujeito apresentou-se receptivo, mantendo sua fala num ritmo acelerado e ansioso.

Pai 6 – A realização da entrevista também aconteceu na residência do sujeito, sua esposa estava presente e após a explicação do objetivo para o estudo com foco

na experiência da paternidade sob a perspectiva do homem a mesma retirou-se do local compreendendo que não seria necessário permanecer para a realização da pesquisa. O ambiente estava apropriado para a realização da pesquisa, não havendo intercorrência. A duração da entrevista foi de vinte e quatro minutos e vinte e nove segundos. O sujeito inicialmente demonstrou-se ansioso e aparentemente intimidado com a presença das pesquisadoras, mas mostrou-se receptivo para a realização da pesquisa. Ao decorrer da entrevista demonstrou uma diminuição da ansiedade.

Pai 7 – A entrevista foi realizada na praça de alimentação de um Shopping num bairro próximo ao local de trabalho do sujeito, sendo uma localização indicada pelo próprio sujeito para realização da pesquisa. Ele com sua esposa e após explicação do objetivo e foco do estudo a mesma não permaneceu presente durante a entrevista. O ambiente estava movimentado, porém, não houve nenhuma intercorrência que prejudicasse a pesquisa. A entrevista teve duração de trinta e três minutos e quarenta e seis segundos. O sujeito apresentou-se tranquilo e calmo, como também, solícito para contribuir com a pesquisa.

Neste estudo serão apresentadas as respostas dos sujeitos, sendo este material para estudo e discussão. Em relação aos aspectos éticos, seguindo as orientações da Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS, 2012), o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido garante:

- O esclarecimento dos objetivos e procedimentos utilizados na pesquisa.
- A participação espontânea do sujeito no estudo.
- O anonimato e a proteção da imagem do participante.
- A utilização dos dados fornecidos exclusivamente para fins de pesquisa.
- O direito do participante de retirar seu consentimento, no todo ou em parte, em qualquer momento da pesquisa, sem que isso lhe traga prejuízos de qualquer natureza.

Segundo a literatura, o risco em pesquisa com seres humanos pode ser

definido como a probabilidade de ocorrência de um evento desfavorável ou uma reação adversa à saúde, física ou mental, da pessoa que participa do estudo. A Resolução nº 466/12, legislação atualmente em vigor que estabelece as diretrizes éticas para a pesquisa com seres humanos, define que toda pesquisa possui algum grau de risco. Porém, estudos que empregam técnicas não-invasivas à intimidade do indivíduo ou métodos retrospectivos são considerados pesquisas com risco mínimo, dentre as quais, aquelas que utilizam questionários, entrevistas, revisão de prontuários clínicos, entre outros (Guerriero & Minayo, 2013).

Considera-se que a presente pesquisa foi de risco mínimo, pois não se realizou nenhuma intervenção ou modificação intencional nas variáveis psicológicas, fisiológicas ou sociais dos indivíduos que participarem do estudo.

A pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Pesquisa da Universidade de Santo Amaro (UNISA), como também ao Comitê de Ética e Pesquisa (CEP), que possui o devido registro na Comissão Nacional de Ética em Pesquisa do Ministério da Saúde (CONEP/MS), posteriormente foi devidamente cadastrado na Plataforma Brasil.

3.4 Plano de Análise de Dados

Foram agrupadas e categorizadas respostas através do discurso dos sujeitos, para análise qualitativa fundamentada na teoria psicanalítica. Com as respostas informadas, foram elaboradas cinco categorias para avaliação dos conteúdos manifestados pelos indivíduos ao longo de toda a entrevista, sendo estas:

Categoria 1. Sentimentos despertados no homem com a paternidade;

Categoria 2. Como os homens sentem e percebem a experiência de tornar-se pai;

Categoria 3. Expectativas geradas para o exercício da paternidade;

Categoria 4. Reconhecimento do valor da função paterna;

Categoria 5. Como o homem percebe a função materna e se reconhece

através desta figura o papel primordial no processo de vinculação e desenvolvimento da criança.

Também foi considerado como instrumento de avaliação dos dados a entrevista compreensiva, esclarecida por Zago (2003) como um instrumento que analisa, considera e investiga os conteúdos objetivos e subjetivos dos fenômenos.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 Apresentação de resultados e discussão da amostra

Sujeitos	Idade	Escolaridade	Profissão	Rensa Mensal	Período Gestacional
Pai 1	24 anos	Ensino Médio Completo	Vendedor	De R\$ 2.500.00 até R\$ 4.000.00	8 meses
Pai 2	25 anos	2º grau incompleto	Tapeceiro	De R\$ 2.500.00 até R\$ 4.000.00	7 meses
Pai 3	28 anos	Ensino médio completo	Técnico de Manutenção	Mais de R\$ 5.000.00	5 meses
Pai 4	30 anos	Ensino Fundamental Incompleto	Teceiro	De R\$ 1.000.00 até R\$ 2.500.00	3 meses
Pai 5	36 anos	Superior Completo	Farmacêutico	De R\$ 4.000.00 até R\$ 5.000.00	8 meses
Pai 6	35 anos	Pós Graduado	Contador	De R\$ 4.000.00 até R\$ 5.000.00	8 meses
Pai 7	39 anos	Superior Completo	Instrutor de Informática	De R\$ 4.000.00 até R\$ 5.000.00	5 meses

Quadro 2 – Apresentação e discussão dos resultados

FONTE: (Criada pelas autoras deste trabalho)

O estudo tinha como um dos critérios de avaliação analisar se o homem sente-se pai durante o processo de gestação. Conforme os dados obtidos referentes a amostra, analisa-se que os sujeitos demonstraram dificuldades ao reconhecerem e ao associarem a experiência de transição à paternidade como algo concreto. Esta experiência demonstrou-se ser pertencente ao campo ideal, imaginário e de muita expectativa. Ou seja, entende-se que os sujeitos demonstram vivenciar sentimentos e experiência ambivalentes, ora reconhecendo seu novo papel social, ora não o reconhecendo, por aparentemente não compreenderem como se fazer presente e como exercer sua nova função.

Também foi considerado como critério de avaliação, pais que estavam à espera do primeiro filho a partir do segundo trimestre. Referente a este item, avalia-se que a amostra deste estudo foi composta por um sujeito que estava vivenciando o primeiro trimestre, dois sujeitos vivenciando o segundo trimestre e quatro vivenciando o terceiro trimestre.

Com relação ao pai que estava no primeiro trimestre de gestação, avalia-se que o sujeito não pertence aos critérios da amostra definidos inicialmente, pois foi definido que somente pais que estavam no segundo trimestre gestacional seriam analisados. No entanto, ao decorrer do estudo percebeu-se a necessidade de incluir à amostra um novo elemento comparativo, para melhor compreensão e ampliação referente a todos os trimestres gestacionais. Ressalta-se que, para uma compreensão mais ampla, não foi avaliado mais de um sujeito pertencente ao primeiro trimestre, pois não foram encontrados homens com disponibilidade ou que se enquadrassem na amostra.

Inicialmente foi definido que a amostra seria composta por sujeitos que estavam vivenciando o segundo e terceiro trimestre, por entender que a partir destes períodos os homens já teriam um contato inicial com a experiência da gestação e transição à paternidade, como também, já teriam vivenciado experiências significativas para a análise deste estudo. No entanto, como o sujeito pertencente ao primeiro trimestre estava vivenciando o último mês deste período, avaliou-se este critério de existir a possibilidade de já ter vivenciado algumas experiências relevantes para este estudo.

Avalia-se que apresentar esta intercorrência garante a fidedignidade do estudo realizado.

Analisa-se que o período da gestação interfere na forma que o homem percebe e vivencia a experiência da gestação e de transição à paternidade. Nota-se esta análise através das amostras apresentadas, pois, no primeiro trimestre gestacional o sujeito apresentou dificuldade para compreender e sentir sua função, em reconhecer seu novo papel manifestando dificuldade em expressar e elaborar a experiência vivenciada.

Através da amostra pertencente ao segundo trimestre gestacional, os sujeitos demonstraram semelhança na dificuldade de conseguir reconhecer a experiência de transição à paternidade como algo concreto. Avalia-se que os dois sujeitos demonstram exercer sua função paterna, no entanto, demonstram divergência no reconhecimento dessa função, pois somente um sujeito (pai 7), consegue reconhecer o valor de sua função, valorizando o seu envolvimento e participação

nesse processo. Diferente do outro sujeito (pai 3) que exerce sua função, mas considera seu exercício como insuficiente.

Considerando o terceiro trimestre gestacional, analisa-se que os sujeitos apresentaram-se mais ansiosos do que os demais, pois percebem que tão aguardada experiência e espera pelo bebê se aproxima, transformando o que era expectativa e visto de forma abstrata e distante para uma perspectiva mais real.

Para Piccinini et al. (2004), o envolvimento paterno pode variar ao longo da gestação, considerando as características subjetivas de cada homem, bem como o desenvolvimento do bebê e o avanço da gestação.

No que se refere a faixa etária, nível socioeconômico e escolaridade dos sujeitos, avalia-se que o sujeito mais velho da amostra e que obtém uma das faixas salariais superiores composta do questionário de caracterização, representa ser o único sujeito que reconhece o valor de sua função e importância no envolvimento e participação de suas atuações como pai, porém, considerando todos os aspectos e dimensões deste estudo avalia-se que estas são características isoladas, não caracterizando-se fatores definitivos e influenciadores para que o homem compreenda sua importância e reconhecimento de sua função paterna.

4.2 Categoria 1: Sentimentos despertados nos homens com a paternidade

Pai 1: O pai 1 apresenta sentimento de medo, ansiedade e percebe a experiência vivida como algo assustador. Avalia-se que o sujeito demonstra dificuldades para entrar em contato com as fragilidades que o processo de gestação e transição à paternidade despertam. Nota-se esta dificuldade quando o sujeito manifesta em seu discurso os sentimentos percebidos por ele e tenta justificar ou sublimar a experiência de sentir medo e ansiedade, não conseguindo reconhecer-se envolvido numa experiência nova, que desperta adaptações e diversas emoções.

“... Para mim tem sido corrido, vou falar assim... assustador, mas num sentido bom. É tudo novidade... Estou com mais medo do que ela... É medo e ao mesmo tempo é bom. A sensação é de medo, mas é um medo bom”.

Sente também que neste processo precisará assumir mais responsabilidade, analisando-se, a partir deste discurso a percepção e sentimento de cobrança, para que consiga assumir o exercício de sua função.

“É muita responsabilidade e muito dinheiro no bolso... ainda mais no momento que ele tá vindo agora, é um momento bom. Eu tô trabalhando, ganhando bem, entre aspas minha vida está se estabilizando... É muita responsabilidade e coisas boas também”.

Com a dificuldade encontrada para nomear os sentimentos que este processo lhe desperta, o sujeito não consegue descrever como se percebe inserido nesta experiência e como se sente para tornar a experiência concreta.

“Na verdade assim, eu não consigo nem falar o que eu sinto porque eu não vi ele, eu acho que nos primeiros meses a sensação era de que ele nem existia, eu sabia que tava na barriga dela, entendeu? Eu tava ciente, mas para mim tá lá, tanto faz tanto fez. Depois dos meses eu fui me apegando, vê ele mexer, essas coisas.

Depois do primeiro ultrassom dele, foi se tornando bom para mim”.

Pai 2: O pai 2 apresenta sentimentos de medo, ansiedade, felicidade, preocupação, cansaço, cobrança e estresse. O sentimento de medo, preocupação e cobrança demonstram estar interligados, no qual, anseia por não errar, por conseguir realizar e preencher a função de cuidar e prover a família de suas necessidades, sejam elas físicas, materiais e emocionais.

“... Eu tinha medo dela engravidar porque a pressão dela antes era 15x6, agora está regulada. Eu continuei com medo, não tem como você saber... Não é mais como antes quando eu estava na adolescência, não é mais aquela vida a dois. Agora são duas pessoas dependentes de você, e uma delas é indefesa... Eu quero dar para o meu filho o que eu não tive, por isso que eu tenho todo esse amor, toda essa preocupação, de pensar mil vezes antes de fazer alguma coisa, porque lá na frente não será somente eu que vou sofrer com as consequências se alguma coisa acontecer de errado... Antes de você fazer alguma coisa você pensa duas vezes antes, três vezes antes, “caramba eu não posso errar nisso daqui”, porque se eu errar nisso daqui não vai afetar só a mim”.

Também demonstra sentimento de ansiedade pela chegada do bebê, pela

vivência da nova e desconhecida experiência.

“... a gente já viu fralda, já viu tudo já. A gente fica vendo as roupinhas, você fica imaginando o bebê. Fico imaginando como é que ele vai ser, fico ansioso para ele vir. No começo da gravidez você fala que vai demorar para caramba, só que agora já está com sete meses e a gente fala “caramba, já passou tudo isso já.. Meu filho nem nasceu ainda e a gente já ta programando, se vocês verem o tanto de brinquedo que ele já tem vocês não acreditam”.

O sentimento de estresse faz-se presente com relação às mudanças percebidas e vivenciadas no relacionamento entre o casal.

“A mulher chora por tudo, qualquer coisa ela fica chorando. Qualquer coisa ela fica nervosa. Acho que é por conta da pressão, isso que me deixa mais estressado... É muito estresse. Sei lá... Até você se adaptar a isso você fala “que menina folgada”. É, relacionamento não é fácil, você precisa abaixar a cabeça para o outro, é difícil. Tem que engolir muita coisa para nós não ficarmos brigando”.

O sujeito também demonstra sentimento de cansaço quando refere-se às atribuições e suporte que precisa assumir para apoiar a esposa no processo de gestação.

“... às vezes cansa, porque como eu dirijo o dia inteiro as coisas mais pesadas sou eu que faço, então eu lido com trânsito, eu lido com cliente, com orçamento e com tudo. E chegar em casa e ter que me preocupar para comprar isso, me preocupar para arrumar aquilo, vou ajudar ela a arrumar a casa. Vou fazer isso, fazer aquilo, às vezes cansa”.

Também expressa o sentimento de felicidade ao reconhecer a experiência vivida, a espera de conhecer, tocar e ter próximo a si o filho que irá chegar.

“É porque você começa a pegar amor por aquilo, é... Nossa, é meu filho que vai nascer. Nossa, é muito gostoso, muito legal... Eu estou gostando dessa fase”.

O sujeito demonstra não ter construído uma percepção concreta da experiência da paternidade, possivelmente pela falta da prática desta função, mas consegue se envolver, preparando e interagindo com o ambiente e preparativos para a chegada da criança.

“Acho que vou ser um pai comunicativo com meu filho, um pai que brinca, porque eu sou brincalhão... Eu não sei responder direito isso, porque eu não tenho a experiência ainda, só tem a parte teórica, a prática eu ainda não sei nada”.

Talvez o sujeito não reconheça a importância ou necessidade de expor e elaborar seus sentimentos com relação ao processo de transição à paternidade e receber cuidados com relação a suas emoções. Possivelmente esta manifestação pode estar relacionada como um mecanismo de defesa, devido às novas experiências e mudanças despertadas que antes do processo de parentalidade eram desconhecidas. Quando perguntado se precisava de algum cuidado ou atenção com relação aos seus sentimentos e sua nova experiência manifesta que:

“Eu não, porque eu sou durão, entendeu? Então para mim está tudo tranquilo, não passei nenhuma dificuldade nessa gravidez”.

Pai 3: O pai 3 vivencia sentimentos de medo, receio, felicidade, ansiedade, preocupação, cobrança, insegurança e sente-se envolvido e identificado com o processo de gestação. Avalia-se que o sentimento de medo e insegurança estão associados, no qual, o sujeito sente medo de lidar com a experiência nova, e conseqüentemente este medo gera o sentimento de insegurança, que está relacionada à possibilidade de algo dar errado. Sente que precisa se esforçar para conseguir viver e corresponder às exigências e adaptações exigidas pela nova experiência e papel social.

“São tantos cuidados, uma coisa errada nisso pode machucar, um descuido na hora do banho assim, eu fico pensando, eu quero fazer muitas coisas... Só que eu vou precisar de uma forma aprender... Quando o bebê nascer eu vou aprender muita coisa porque para os dois é novidade, mas ela por ser mulher e por ter irmãos mais novos ela viveu bastante essa questão de trocar fraldas, dar banho, dar comida, então sinto muita firmeza nela por esses aspectos. Eu estou bem tranquilo com isso porque ela meio que já foi mãe dos irmãos mais novos, mas eu não... Eu já fico aqui pensando como vai fazer as coisas, de quando for recém-nascido, para que aprenda do mesmo jeito que eu fui educado. Penso em usar os mesmos recursos, um pouco do que minha mãe e meu pai passaram para mim”.

Estes sentimentos também estão associados ao sentimento de receio, no

qual o sujeito sente-se receoso pelas experiências novas.

“... ficamos bem receosos porque é tudo novo... Nós moramos sozinhos, então ficamos bem aflitos cada vez que acontece uma novidade”.

O sujeito também vivencia aparentemente de uma forma mais intensa, os sentimentos de preocupação e cobrança, que também estão interligados. Preocupa-se e cobra-se para conseguir prover a criança de todas as suas necessidades, sejam elas físicas, materiais, financeiras, sociais e emocionais. Cobra-se para conseguir exercer a sua função de modo que não cometa erros, que consiga corresponder as suas expectativas. Sua preocupação está temporalizada tanto no momento atual quanto no futuro.

“Ser pai não é uma coisa que vai ficar testando muito, então não dá para cometer muitos erros, então isso me preocupa bastante. Ser pai é pensar em uma grande responsabilidade e ser responsável, mais responsável do que eu sempre fui na vida toda... Se caso aparecesse uma nova oportunidade de trabalho e perguntasse se eu queria testar, pode até ganhar mais, mas acho que não porque hoje eu estou estabilizado, estou tranquilo e nesse momento está tudo bem, que eu não vou perder meu emprego. Porque eu não estou só e nem minha mulher, já estou pensando no meu filho, não daria para ele ficar desamparado ou faltar o essencial para ele, por minha culpa, porque é uma responsabilidade... a preocupação é um sentimento bem forte, porque por tudo que a gente observa no dia a dia na sociedade, de como as coisas acontecem e tudo que está em volta da gente, como a violência, por exemplo, eu já penso muito lá na frente... Eu vou querer proteger...”

O sentimento de ansiedade é vivenciado pelo sujeito na expectativa da chegada e encontro com a criança.

“... estou muito ansioso. Fico brincando que não vejo a hora de vê-lo... Começamos a pensar em tudo que vai ter que fazer quando ele chegar e como teremos que se comportar e preparar para estar tudo pronto quando ele chegar. Está sendo uma experiência fantástica”.

O sujeito também é acompanhado do sentimento de felicidade, sente-se feliz pelas mudanças que sua vida irá presenciar.

“O que mais agrada é essa expectativa, saber que daqui a pouco meu filho vai estar comigo, pegar no colo, muito especial para mim... é a maior experiência que a gente teve como casal até hoje”.

Diante de todas estas experiências sentimentais o sujeito percebe-se identificado e envolvido no processo de gestação e de transição à paternidade, avalia-se a construção de vínculo que é desenvolvida nesta relação do homem com a espera de seu bebê, à espera da chegada que lhe trará novas emoções, experiências e mudanças.

“Eu gosto dessa sensação de tentar me sentir grávido também... Quando me perguntam: “a sua mulher está grávida?” Digo que nós estamos, os dois, o filho é dos dois, os dois irão compartilhar para o resto da vida, o pai e a mãe. Mas eu me sinto muito, muito, muito, quando às vezes ela me liga que a gente está longe, ela conta que: “aconteceu isso, agora me deu uma dor assim, acabei de almoçar e agora está me dando uns enjoos”, se eu pudesse largar tudo o que eu estou fazendo e ir para ver o que está acontecendo... Quero participar de tudo, dar comida quando não tiver mais amamentando, de tudo que precisar”.

Mesmo vivenciando as preocupações e cobranças o sujeito não considera estes sentimentos como algo assustador ou negativo, pois o fato de demonstrar-se envolvido e identificado com estes processos percebe mudanças e novas experiências como uma vivência de imensa satisfação.

“... eu sei que eu vou precisar estar mais atento, ter mais responsabilidade, mas eu não fico aflito, não fico assim: “Ai meu Deus, e agora?”. Eu fico muito tranquilo, ela vai vir, ela vai chegar e nós iremos conseguir dar o que o bebê precisa, eu fico muito tranquilo nesse aspecto, mesmo que possa mudar tudo”.

Pai 4: O pai 4 apresenta sentimentos de ansiedade e felicidade. A ansiedade é percebida no processo de espera pelo bebê e pela expectativa de viver a nova experiência.

“Por ser o meu primeiro filho eu estou assim em muito êxtase... não vejo a

hora dele chegar... Uma alegria que está plena e vai estourar, estou muito ansioso para que ele chegue logo”.

A felicidade também faz-se presente na espera pela chegada da criança.

“... para mim está sendo uma alegria ser pai pela primeira vez e tentar colher a coisa melhor que tem do meu filho... A partir do momento em que a gente estava tentando engravidar e não conseguia, nós estávamos com uma angústia, e aí quando ela chegou com a notícia para mim foi a melhor notícia que eu já recebi na minha vida”.

Percebe-se que o sujeito relata apenas os sentimentos de felicidade e plenitude, porém, avalia-se que a ausência de medo pode ser considerada um risco, pois muitas vezes, a preocupação com experiências desconhecidas poderia preparar o sujeito para melhor enfrentamento. O sujeito apresenta dificuldade para nomear as fragilidades que o processo de transição à paternidade desperta.

“... eu não tenho em mente o que vai ser mais difícil, eu não tenho essa noção ainda do que vai ser difícil. Eu acho que vai ser só coisas boas...”.

Como também, demonstra dificuldade para se inserir no processo de gestação e reconhecimento de sua função.

“... eu acho que a mãe é até mais importante que eu... Eu estou trabalhando e ela está sempre mais com o filho...”.

Pela dificuldade encontrada em compreender sua função o sujeito demonstra não conseguir perceber como se fazer presente no processo de gestação, sabe que estará disposto quando necessário, mas não consegue identificar o sentimento de pertencimento e internalização.

“Ah, tipo, o que ela necessitar. Quando ela pedir que eu faça algo para ela eu vou estar fazendo com a maior alegria para ela”.

Ao se descrever como pai o sujeito demonstra dificuldade para envolver-se neste processo, demonstrando perceber esta fase de um modo superficial.

“... todo mundo nasceu para ser pai ou mãe e para mim não é diferente, então para mim está sendo uma alegria ser pai pela primeira vez e tentar colher a coisa

melhor que tem do meu filho... Eu acho que eu vou ser um bom pai, porque vou dar atenção para o meu filho e tentar fazer o melhor para ele...”

Pai 5: O pai 5 demonstra vivenciar sentimentos como felicidade, preocupação e insegurança, como também, sente-se excluído e percebe o sentimento de menos valia presente no processo de gestação e transição à paternidade. Sente-se feliz por vivenciar e compartilhar com as pessoas sua nova experiência, a chegada da criança.

“... a gestação faz com que você leve um pouquinho da sua alegria para as outras pessoas... é uma oportunidade que a gente dá para nossa família e dos nossos amigos ficarem felizes também com a nossa gestação”.

Os sentimentos de preocupação e insegurança parecem relacionar-se, pois manifesta a preocupação de conseguir lidar com a experiência desconhecida e que exige novas adaptações, e a insegurança de conseguir corresponder à elas.

“... preocupação de você ter que lidar com uma simples gripe e não poder tomar qualquer remédio ou não poder às vezes segurar, ter que procurar ajuda especializada, por qualquer coisinha você não sabe o que pode ou não interferir na gestação, essa insegurança física... na gravidez... tem dificuldade em tudo, tudo não pode, tudo tem restrição então aumenta a preocupação com relação a saúde dela... os próximos cinco anos não vão existir na nossa vida, nós não teremos agenda, não teremos rotina, então a gente está esperando que aconteça dessa forma...”.

Avalia-se uma identificação do sujeito com a gestação e com o processo de sua nova função: sentiu enjoos e alguns sintomas físicos, assim como a mulher.

“... eu tive desejo de comer uva, não sei o porquê. Não consigo explicar, um certo dia voltando para casa me bateu na cabeça que eu queria comer uva... acabei tendo a oportunidade de provar um pouquinho da gravidez... Cheguei a sentir uns períodos de dor de cabeça, quando ela (esposa) tinha dor de cabeça eu tive dor de cabeça, algumas sinergias, alguns sintomas que ela teve...”.

O sujeito reconhece que estes sintomas são relacionados à gestação.

Avalia-se que mesmo considerando o processo de identificação do homem com a gestação houve também a dificuldade para se vincular com este processo e tornar concreta esta experiência.

“Até o momento que eu não consegui sentir o bebê mexendo, para mim era como se não tivesse acontecendo nada de diferente, era no corpo dela (esposa), era na vida dela. Ela sabia das coisas e eu tava meio ali como espectador da coisa, mas aí quando a bebê começou a mexer aí eu comecei a me envolver na coisa, um pouco mais emocionalmente com a coisa, antes disso não teve muita diferença não”.

Avalia-se através deste discurso uma ambivalência de sentimentos e vivência, na qual o homem consegue identificar-se com a gestação, mas pela falta da prática de sua função não consegue idealizar o exercício da paternidade.

“É, para mim não caiu muito a ficha da história de ser pai. Eu sei que tem um bebezinho lá, a barriga maior vai fazendo a gente cair na real... Mas eu acho que o ser pai pra mim que não tô carregando a bebê ainda, que não passo mal, que não sinto as dores das costas, o cansaço, toda aquela complicação que eles sabem que a gestante tem. Eu ainda não consegui ver uma mudança real na minha vida...”.

O sujeito através dos sentimentos ambivalentes talvez se sinta excluído do processo, percebendo-se numa condição de menos valia.

“... para o homem é mais assim, desconectado mesmo... Cinco minutos depois você não tá sentindo nada, não tá em você. Então você acaba se preocupando com outras coisas e acaba se desconectando um pouquinho com a gravidez. É aquela coisa, se não fosse aquela barriga enorme talvez passasse despercebido desse momento... Tenho acompanhado nas consultas médicas e nos exames, porque é a única maneira que o homem tem de se tornar parte desse momento... Mas neste momento eu sinto que tenho um pouco a contribuir pelo processo... Não me sinto muito inquerido no processo, até mesmo porque não sou eu que estou gestando, não sou eu que tô carregando, não são meus nutrientes...”.

Pai 6: O pai 6 apresenta sentimentos como ansiedade, pânico, cobrança e insegurança. Tais sentimentos podem estar interligados com a nova experiência vivenciada e que ainda irá vivenciar neste processo. Sente-se ansioso e em pânico pelas novidades desconhecidas que irá descobrir, cobrando-se para que consiga se

adequar e realizar as novas atribuições. Gerando a partir de toda esta mobilização o sentimento de insegurança, de sentir-se em alguns momentos ainda despreparado para tamanhas mudanças. Também apresenta sentimentos de medo e felicidade.

“Com relação à experiência de ser pai pela primeira vez realmente é uma explosão de sentimentos. Uma hora dá pânico ou ansiedade, às vezes você fica preocupado com a responsabilidade, se você vai dar conta, vai dar atenção o suficiente, se você vai conseguir ajudar o quanto é necessário, então tem um monte de coisa nova, ainda estou tentando entender... Quando ela fala as coisas que tem para fazer eu relembro o que acontece. Você se cobra um pouco mais. Precisava ver isso antes de ser cobrado... O que eu sinto é que eu tenho me policiado para não despertar tanto isso”.

O sujeito manifesta sentir medo de não conseguir passar para seu filho valores que ele defende, medo de não conseguir cumprir o que para ele é sua função realizar.

“Que ele seja companheiro, que ele entenda que ele não veio sozinho ao mundo, então ele precisa compartilhar... Eu comentei com a minha esposa que hoje é uma coisa difícil, eu tenho medo disso, porque eu tenho irmãos mais novos mimados que tem dificuldade de fazer coisas para outras pessoas...”.

O sujeito demonstra identificar-se com a gestação, compartilhando os sintomas físicos sentidos pela mulher.

“... ela não teve muitos efeitos colaterais da gravidez. Eu já tive tudo, eu engordei, já tive enjojo, ela sempre tira bastante sarro disso”.

No entanto, o sujeito não associa estas vivências como algo relacionado à gestação, considerando apenas como um fato isolado.

“... acho que foi um fato isolado e virou uma piada”.

Avalia-se a presença de sentimentos ambivalentes na experiência vivida pelo sujeito, por mais que ocorra uma identificação com este processo observa-se uma dificuldade para se vincular com a gravidez e tornar esta experiência concreta.

“Então você tem menos contato com a situação, ela existe, mas você não

vivencia o dia inteiro como a mulher que carrega o bebê”.

Há também a presença do sentimento de felicidade, quando relaciona a chegada do bebê e os momentos no qual consegue senti-lo e percebê-lo, mesmo que ainda de forma não concreta.

“... chega em casa e ele mexe, a gente vai no ultrassom e vê ele, um pedacinho de gente se formando... O que mais me agrada, eu acho que é a alegria que pode trazer para família e para casa. A vida em si que traz para a casa”.

Pai 7: O pai 7 vivencia sentimentos de medo, ansiedade, insegurança e felicidade, tais sentimentos estão relacionados com as incertezas da nova experiência, sentindo-se em alguns momentos perdido com as novas atribuições que já assumiu e com as experiências que ainda irá descobrir.

“... a princípio existe medo, porque você vai ser responsável por alguém... O que me dá medo ainda é a questão de “será que eu vou ser um bom pai? Será que eu tô indo pelo caminho certo? Será que isso é a linha de raciocínio certa?”... Tenho medo de não conseguir colocar em prática tudo o que eu estou imaginando... Aí depois eu paro para pensar e falo “meu, calma”. Aí eu volto, dou uma recuada e vem a insegurança... Eu creio que eu estou gerando uma expectativa nas pessoas e eu tenho medo de não conseguir dar conta disso... Fico muito inseguro ainda em relação a isso...”.

A ansiedade é percebida com relação à espera pela chegada da criança, pelo contato com ela.

“Estou muito ansioso, porque eu sempre gostei de criança, mas ao mesmo tempo sempre tive medo de ser pai novo, tinha medo de não conseguir cuidar, aquelas neuroses... É difícil, porque eu sei que ela tá ali, mas eu tô esperando que ela saia dali, eu sei que ela tá ali na barriga, a gente já sente mexendo, mas ela precisa sair dali para eu colocar tudo em prática”.

Percebe a experiência vivida também através do sentimento de felicidade e de perceber-se envolvido neste processo.

“... a gravidez foi muito desejada... os dois já estavam querendo ter filho, então já estava sendo planejado e muito desejado. Quando ficamos sabendo da notícia que ela estava grávida ficamos muito felizes...”

O sujeito demonstra reconhecer suas emoções e condições diante do processo de transição à paternidade, tanto suas fragilidades (medo, insegurança e ansiedade) como também, o sentimento de felicidade.

“Acho que está tudo no plano teórico, eu creio que vou fazer o possível para ser um bom pai, mas acho que eu não consigo me ver ainda, eu acho que eu preciso que ela nasça, aí a partir do cuidar dela eu vou me perceber como pai... O que eu pretendo é ser um bom pai, cuidar dela em todos os sentidos, mas acho que por enquanto não consigo me descrever ainda”.

Apresentação da tabela e discussão da categoria 1.

Sujeitos	Sentimentos
Pai 1	Medo, ansiedade, assustado, cobrança e dificuldade de entrar em contato com os sentimentos, tornar a experiência concreta.
Pai 2	Medo, ansiedade, felicidade, preocupação, cansaço, cobrança, estresse, envolvimento e dificuldade de tornar a experiência concreta.
Pai 3	Medo, receio, felicidade, ansiedade, preocupação, cobrança, insegurança, sente-se envolvido e identificado.
Pai 4	Ansiedade, felicidade e dificuldade para entrar em contato com os sentimentos.
Pai 5	Felicidade, preocupação, insegurança, exclusão, menos valia, ambivalência, identificação, dificuldade de tornar a experiência concreta.
Pai 6	Ansiedade, pânico, cobrança, insegurança, felicidade, medo, identificação, ambivalência e dificuldade de tornar a experiência concreta.
Pai 7	Medo, ansiedade, insegurança, felicidade, envolvimento e dificuldade de tornar a experiência concreta.

Quadro 3: Apresentação dos sentimentos despertados nos homens com a transição à paternidade

FONTE: (Criado pelas autoras deste trabalho)

Os dados da tabela mostram que o grupo de homens analisados através de suas experiências no processo de gestação e transição à paternidade apresentam sentimentos como medo, ansiedade, cobrança, felicidade, preocupação, cansaço,

estresse, receio, insegurança, sentimento de exclusão, menos valia, pânico e consideram a experiência como assustadora. Alguns sujeitos (pai 1 e pai 4) apresentaram dificuldade para entrar em contato com as fragilidades que o processo de gestação e transição à paternidade despertam. Entende-se como fragilidade os sentimentos de dificuldade de enfrentamento, elaboração e aceitação vivenciados neste processo.

Avalia-se que o homem enfrenta dificuldade para entrar em contato e demonstrar suas emoções e fragilidades, porque socialmente ocupa uma posição que o coloca num *status* de quem deve sempre manter-se forte. Esta análise pode ser compreendida de acordo com Dantas et al. (2004), que afirmam que a definição de masculinidade estabelecida socialmente interfere limitando o homem de expressar ternura e afeto, devido sua imagem de virilidade.

Para Martins (2009), a paternidade permite ao homem a vivência de uma experiência inédita que o leva a mudanças internas em sua estrutura emocional, este processo permite ao homem a identificação de seu papel na sociedade. Assumir o novo papel social leva o homem a vivenciar experiências de dedicação e sacrifício, no entanto, estas experiências são necessárias para a construção do sentimento de vínculo e apego com a criança.

Os pais 2, 3, 5, 6 e 7 apresentaram sentimentos de identificação e/ou envolvimento com a gestação, e os sujeitos 1, 2, 5, 6 e 7 apresentaram dificuldades para tornar concreta a experiência de transição à paternidade. Alguns sujeitos apareceram nos dois quesitos apresentados, envolvendo a identificação e dificuldades de tornar a experiência concreta, isso foi notado, pois, ao mesmo tempo em que se identificavam com este processo aparentemente manifestaram dificuldade para demonstrar os sentimentos vivenciados nesta experiência.

Pode-se entender esta dificuldade através de contribuições de Santos e Kreutz (2014), que mencionam sobre o modo de como o homem vive a gestação, sendo esta experiência diferente entre homem e mulher. O homem vive a dificuldade de tornar esta experiência concreta e construir um vínculo intenso inicial com o bebê no processo de transição à paternidade devido não vivenciarem em seu próprio corpo as alterações físicas e biológicas da gravidez. Acreditam que a construção

desta percepção, função e vínculo será fortalecida somente após o nascimento da criança.

Os homens manifestam formas diferentes de se identificarem e se envolverem com a gestação e espera pelo bebê, uma dessas formas é a repercussão de alguns sintomas específicos da gravidez, como enjoos ou desejos, podendo caracterizar-se à síndrome de Couvade. Segundo Zornig (2010), esses sintomas indicam uma identificação do pai com a gestante e com a própria gravidez, e para Campos (2006), os sintomas também podem representar o desejo dos homens de se tornarem pais.

Observa-se que a maior concentração de respostas referente aos sentimentos presentes no homem durante o processo de gestação foram sentimentos de ansiedade (pais 1, 2, 3, 4, 6 e 7), felicidade (pais 2, 3, 4, 5, 6, e 7), medo (pais 1, 2, 3, 6 e 7), cobrança (pais 1, 2, 3 e 6) e insegurança (pais 3, 5, 6 e 7).

Avalia-se que a presença do sentimento de ansiedade é percebida como um anseio a chegada do ser que trará ainda mais mudanças e que exigirá maiores adaptações a elas. O homem está à espera da oportunidade que lhe trará a vez de exercer, praticar, sentir e reconhecer sua função. Demonstaram perceber que durante o processo de gestação há pouco a se fazer, e que poderão contribuir de forma mais eficaz após o nascimento da criança.

Há a ansiedade pela espera de exercer sua função, que também acompanha o sentimento de medo da nova experiência e do desconhecido. Os homens demonstram medo das novas responsabilidades, preocupações e adaptações a todas as mudanças que irão acontecer, sentem medo da experiência desconhecida, do novo que lhe gera insegurança, sentimento este relacionado à cobrança de conseguir praticar a expectativa que constroem para o exercício da paternidade. Cobram-se para conseguir ser, oferecer e exercer com e para seus filhos o que elaboram e reconhecem como necessidades e atribuições de sua função.

Os homens são acompanhados também do sentimento de felicidade, por preparar-se para um grande encontro, por imaginarem a chegada de um ser que tão pequeno os trará novas experiências. Experiências estas que eles ainda não foram desafiados a vivenciarem. Vivências estas que os homens não tiveram a

oportunidade de desfrutar. Alegram-se por ter a oportunidade de apresentar o mundo para um ser que ainda não o conhece, de ser para este alguém o melhor que pode ser para outro alguém. Os homens preparam-se para ter alguém que é seu, para ver alguém que é pedaço de si.

Por mais que os homens percebem-se a espera da criança e dispostos emocionalmente a recebê-la, é natural que durante o processo de gestação o homem não vivencie somente experiências e sentimentos positivos, esta espera é acompanhada, segundo Nogueira e Ferreira (2012), de sentimentos e expectativas ambivalentes. Para Dessen e Oliveira (2013) o enfrentamento de grandes mudanças, novas experiências e a elaboração da nova função social exige do homem o enfrentamento de novos sentimentos e emoções.

Ainda considerando os sentimentos e emoções dos homens diante do processo de gestação, segundo Dantas et al. (2004), avalia-se que os sentimentos positivos do homem com relação à criança, a gestação e a mulher são valorizados, ou seja, socialmente recebem uma perspectiva em defesa e admiração destes homens, considerando ser o correto e saudável para o processo, sendo os homens reconhecidos como figuras fortes e viris, no entanto, Bornholdt et al. (2007), contribuem afirmando que os sentimentos ambivalentes e fragilizados são percebidos como negativos.

Um fator este que pode contribuir potencializando a percepção dos homens sobre suas dificuldades em expressar e manifestar seus sentimentos frágeis com relação à gestação.

4.3 Categoria 2: Como os homens sentem e percebem a experiência de tornar-se pai

Pai 1: Aparentemente sente que a paternidade é uma função de muita responsabilidade. Sujeito reconhece sua função atribuída a ser o provedor financeiro da família.

“Eu trabalho de vendedor em três lojas e sempre eu tô em uma delas, e uma delas fica em Santos, então tenho que ir para lá. Mas, sempre que der eu vou tá

junto né... É muita responsabilidade e muito dinheiro no bolso também...”.

Ao ser questionado, não consegue descrever como sente este momento que está vivenciando e como está se sentindo ao ser pai. Apresenta dificuldades em tornar esta experiência concreta e nomear os sentimentos que está vivenciando neste momento. É possível perceber também que o sujeito sente e percebe que se tornar pai, acontece de forma gradual:

“... nos primeiros meses a sensação era de que ele nem existia, eu sabia que tava na barriga dela, entendeu? Eu tava ciente, mas para mim tá lá, tanto faz tanto fez”. Depois dos meses eu fui me apegando, vê ele mexer, essas coisas. Depois o primeiro ultrassom dele, foi se tornando bom para mim, então melhor viver no presente agora e quando ele nascer, sair com ele, essas coisas”.

É notado que o sujeito sente a paternidade como um momento que trará muitas mudanças em sua vida e relaciona estas mudanças as privações que esta vivência poderá proporcionar e as responsabilidades que a experiência traz. Acredita também que é um momento que poderá propiciar coisas boas, mas não consegue relatar quais coisas boas podem ser essas, podendo com isto representar a dificuldade em lidar com este momento de forma concreta.

“Ah, a verdade é que vai mudar muita coisa na minha vida né, desde sair, de ficar na rua conversando com os amigos, é muita responsabilidade e coisas boas também”.

Avalia-se que o sujeito percebe que apenas a partir do nascimento do bebê terá mudanças em sua vida, e não apresenta vivenciar estas mudanças relatadas antes deste acontecimento. No que se refere aos bons acontecimentos vivenciados pelo sujeito neste momento, não consegue responder e se remete a um momento que ainda não aconteceu.

“É que ainda não nasceu né”.

Percebe esta experiência como algo desconhecido e não consegue reconhecer quais atribuições positivas vivenciam neste processo, mesmo referindo-se que há algo de bom nesta fase.

“Para mim tem sido corrido, vou falar assim assustador, mas num sentido bom, é tudo novidade... não sei como eu vou reagir quando o bebê nascer, quando ela senti dor. Eu fico com mais medo do que ela. Falei para ela você está com medo de sentir dor, ela respondeu que não. Eu tô com tanto medo, mais medo que ela, imaginando como vai ser a cena”.

Pai 2: O pai 2 percebe a experiência de se tornar pai como um processo que acontece de forma gradual, e na sua percepção, uma experiência em que atualmente tem apenas o conhecimento teórico e que será construída com a vivência. Isto reflete que ele reconhece que irá precisar construir esta função com a prática.

“Ah, estou gostando, é uma experiência nova. Só que a ficha só caiu depois que a gente fez a primeira ultrassom. Só que tipo assim, a ficha não cai de uma vez, você só tem uma noção. Quando ele começa a se mexer mais, você pensa caramba “mó” responsabilidade, começa a pensar diferente. Muda totalmente o modo de pensar.... Eu não sei responder direito isso, porque eu não tenho a experiência ainda, só tem a parte teórica, a prática eu ainda não sei nada”.

Sujeito percebe a paternidade também como uma função de responsabilidade, na qual será o provedor financeiro e terá uma experiência de auto cobrança.

“A responsabilidade, antes de você fazer alguma coisa você pensa duas vezes antes, três vezes antes, “caramba eu não posso errar nisso daqui”, porque se eu errar nisso daqui não vai afetar só a mim... A minha responsabilidade é sair e correr atrás para trazer o sustento para casa, o bebê já vai depender 100% de mim nessa questão, porque minha esposa não trabalha. E tem também a responsabilidade de educar da maneira certa, da criança fazer alguma coisa errada e eu falar que é errado, explicar o que é o certo, ensinar a respeitar os outros, ensinar tudo”.

Sente que a função do homem diante do processo de transição à paternidade é representar um papel mais firme e de virilidade, ou seja, aparentemente sente que é necessário mostrar-se forte, não podendo demonstrar suas fragilidades e sensibilidades vivenciadas neste processo.

“Então para mim está tudo tranquilo, não passei nenhuma dificuldade nessa gravidez, a maior preocupação era a pressão alta da minha esposa, a única preocupação era essa. Na hora do parto, nossa... A preocupação é nessa hora, a do parto. A pressão não pode subir muito porque é perigoso, mas fora isso não tenho nenhuma outra preocupação. Minha preocupação mesmo é com a saúde dela, se ela está bem o bebê também está bem”.

O sujeito sente a experiência de se tornar pai como uma mudança radical e com muitas expectativas de uma forma geral de como será o bebê e de como vivencia este processo.

“Não é todo lugar que eu posso ir com ela, entendeu? Muda os lugares que a gente pode ir, muda aquelas coisas das primeiras roupinhas que a gente compra, o berço, a cômoda, a gente já viu fralda, já viu tudo já. A gente fica vendo as roupinhas, você fica imaginando o bebê, fico imaginando como é que ele vai ser, fico ansioso para ele vir. No começo da gravidez você fala que vai demorar para caramba, só que agora já está com sete meses e a gente fala “caramba, já passou tudo isso já”.

Pai 3: Observa-se que o pai 3 sente a experiência de se tornar pai como um processo gradual, que foi vivenciando aos poucos e se fazendo presente, auxiliando a mãe durante a gestação. Analisa-se que o sujeito percebe que este é um processo em que quer fazer parte, se mostrar presente, participativo e entender tudo o que está acontecendo e com isto, pode-se notar que esta é uma forma dele aceitar seu novo papel social e esta nova experiência de se tornar pai.

“Depois de um tempo de casados nós pensamos, olhamos um para o outro e vimos que já tínhamos a casa, estávamos construindo as coisas juntos e estabilizados com os dois trabalhando... e percebemos que a gente queria ter um filho... Está sendo muito especial, porque é uma coisa que eu não vou dizer assim que eu sempre quis, é uma coisa que a gente, eu pelo menos, comecei a imaginar depois do momento que eu decidi e a gente decidiu como casal. Quando eu era mais jovem e solteiro eu imaginava que um dia eu poderia ser pai, ficava pensando que um dia queria ter tantos filhos, mas depois que a gente se casou e viveu um tempo juntos, tomamos a decisão juntos e tornou assim prioridade máxima termos um filho”.

O sujeito percebe que culturalmente a mulher tem uma experiência antecipada com a vivência do cuidado, enquanto o homem, quando se torna pai precisa enfrentar essa experiência sem ter um contato prévio, tornando-se uma vivência desconhecida e que precisa ser construída gradualmente.

“... sei que tem muita coisa, questão de trocar fralda, dar banho. São tantos cuidados, uma coisa errado nisso pode machucar, um descuido na hora do banho assim, eu fico pensando. Eu quero fazer muitas coisas, eu quero participar, no banho, quero limpar, quero cuidar, coloca roupinha. Só que eu vou precisar de uma forma aprender, como ainda não é possível aprender na prática, ainda estou vendo como é que vai funcionar isso, pegar umas dicas, primeiro ficar olhando para aprender, observar para depois fazer, isso eu não abro mão, de participar e fazer as coisas”.

Observa-se que o sujeito sente e percebe esta experiência de se tornar pai como um momento que exige dele muita responsabilidade, mudanças de rotina para receber o bebê e também se coloca como um provedor financeiro desta criança.

“... eu já troquei de trabalho algumas vezes, eu trocava, se der certo ou não o que eu estou fazendo, se eu vou estudar, faço aquilo, não tem problema nenhum. Só que agora é uma coisa que eu não faria... porque eu não estou só e nem minha mulher. Já estou pensando no meu filho, não daria para ele ficar desamparado ou faltar o essencial para ele, por minha culpa, porque é uma responsabilidade... Eu acho que vai mudar bastante, um pouco do que eu escuto falar de tudo, não vou dormir mais direito... vou pensar: “será que coloquei no lugar certo? Será que não vai ter perigo de acontecer alguma coisa?” e ir à minha cama e deitar tranquilo e dormir, eu acho que não vou conseguir no começo...”.

Pai 4: Sujeito apresenta uma grande dificuldade de relatar como sente este novo momento em sua vida e a experiência de se tornar pai, apresentando um discurso superficial sobre esta vivência, além de ter dificuldade de perceber esta experiência de forma concreta.

“Ah, para mim ser pai é tudo de bom né, como eu tinha falado antes, todo mundo nasceu para ser pai ou mãe e para mim não é diferente, então para mim está sendo uma alegria ser pai pela primeira vez e tentar colher a coisa melhor que tem

do meu filho.... Ah, para mim está sendo bom, estou me sentindo feliz esperando um filho, meu primeiro filho. Estou me sentindo feliz esperando o nascimento dele, que vai ser muito bom para mim e para minha esposa. Esse tempo de gestação foi muita surpresa e tal. É, sei lá... Como eu posso explicar.... É ansiedade para que o bebê nasça logo e a gente veja como ele é e tal. É isso aí, está tudo correndo normal”.

Percebe a experiência de se tornar pai como função mínima e acessória, se colocando neste momento como um alguém muitas vezes irrelevante, pois o fato da sogra acompanhar a esposa durante a gestação, para ele é suficiente e devido a isto coloca outra pessoa como mais importante para exercer sua função. É possível notar que o emprego é algo importante para o sujeito e subjacente ao seu discurso, é possível entender que colocando o emprego como prioridade o sujeito pode se colocar também em uma função de provedor financeiro.

“Olha, no momento eu não estou acompanhando ela (nas consultas médicas) porque eu trabalho, entendeu? Aí não está dando para eu ir com ela, mas a mãe dela está sempre com ela, por isso que eu não estou indo. Se caso morasse só eu e ela dentro de casa e se não tivesse a mãe dela aqui por perto, aí eu não iria para o trabalho e estaria acompanhando ela, mas já que não tem essa necessidade para eu faltar no trabalho para estar indo com ela.... Eu acho que não tem muita coisa a ver com isso não, ela está indo lá para fazer uma consulta de rotina, não tem nada de anormal, então para mim eu acho que não tem problema...”.

Apesar de se colocar em alguns momentos como irrelevante, ao falar sobre a importância da paternidade, pai 4 aparentemente sente que seu papel é o de estar presente fisicamente.

“Não sou um cara de ficar saindo de casa, de ir na balada, deixando a mulher em casa. Eu sempre estou com a minha mulher em casa, sou caseiro também, e vou sempre estar com meu filho dentro de casa, sendo um pai presente”.

Pai 5: Analisa-se que inicialmente o pai 5 percebe a experiência de se tornar pai como um processo que ele precisa se inserir, assumindo atribuições que não sente satisfação em realizá-las, mas em contrapartida também fala sobre aspectos positivos que tem e espera ter com a gestação. De uma forma geral, apresenta sentimentos ambivalentes ao vivenciar esta experiência.

“100% em tudo que precisa (refere-se a ajuda com a esposa), até nas coisas que eu não gosto de fazer, que é ficar passando creme nas pernas dela. Eu não gosto de creme, eu acho horroroso passar creme, mas faz parte do processo.... a gestação faz com que você leve um pouquinho da sua alegria para as outras pessoas... é uma oportunidade que a gente dá para nossa família e dos nossos amigos ficarem felizes também com a nossa gestação”.

Percebe a paternidade como uma função em que ele seja o provedor financeiro, protetor, educador e que passe seus critérios, valores, ética e visão do mundo para o seu bebê, de uma forma geral, aparentemente sente que será uma figura de referência para esta criança.

“Ser pai no meu ponto de vista é isso, ser exemplo, mantenedor, ser protetor, ser um educador e dentro daquilo que a gente teve de aprendizado com os nossos pais poder passar critérios, valores, ética, uma visão do mundo, o que é certo ou errado”.

É notado que sente a experiência de se tornar pai como uma oportunidade de dar continuidade a sua família, como ter no mundo algo que foi gerado por ele.

“É, eu sempre gostei de criança, a minha mãe cuidava de criança né, eu comecei a trabalhar com a minha mãe numa creche aos sete anos de idade. Minha mãe era cuidadora de criança e a gente vivia dentro de casa com as crianças, já comecei a me envolver com criança desde aquela época e obviamente mais do que as mulheres. Todo homem tem desejo de ser pai né, aquela história de deixar uma marca no mundo, e era esperado, pelo planejamento, mas a gente planeja e nem sempre a gente vive as coisa da maneira que a gente planeja viver”.

Durante a gestação, percebe que tem poucas oportunidades de vivenciar este momento, pois não é ele que está com o bebê na barriga. Não percebe que a paternidade, até o momento, trouxe mudanças internas, mas sim somente externas.

“É, pra mim não caiu muito a ficha da história de ser pai. Eu sei que tem um bebezinho lá, a barriga maior vai fazendo a gente cair na real. Vamos dizer assim, com uma clareza maior da situação. Mas eu acho que o ser pai pra mim que não tô carregando a bebê ainda e que não passo mal, não sinto as dores nas costas, o cansaço, toda aquela complicação que eles sabem que a gestante tem. Eu ainda

não consegui ver uma mudança real na minha vida, a não ser a minha casa que é toda rosa agora né, tirando o quarto que acabou de ser pintado agora, é roupa rosa pra todo lado”.

Demonstra dificuldade em sentir este momento da gestação, as mudanças ocorridas durante o processo (físicas e emocionais) e também a identificação de como pode se sentir mais pertencente antes do nascimento da criança.

“Já tivemos o nosso primeiro varalzinho com roupa de bebê, pedi pra ela (esposa) lavar, pendurar e deixar que eu tirasse... Eu tô vivendo o momento ali por conta do planejamento... mas essa parte emocional ainda não tenho 100%, eu sei... A minha esposa fala que quando eu chego em casa, que quando ela (bebê) escuta a minha voz, a bebê mexe e isso vai te envolvendo um pouco com a situação, mas cinco minutos depois você não tá sentindo nada, não tá em você... É aquela coisa, se não fosse aquela barriga enorme talvez passasse despercebido desse momento”.

Apesar de exercer muitas coisas durante a gestação que são relevantes para este processo e que validam que ele participa e exerce o seu papel de pai neste momento, o sujeito aparentemente não valoriza muito o que faz e traz as informações do seu exercício como funções básicas e subestima essas realizações.

“Tenho acompanhado nas consultas médicas e nos exames, porque é a única maneira que o homem tem de se tornar parte desse momento... E nesse momento o máximo que é possível é perguntar como é que foi o dia, se o bebê está mexendo, se não tá, os exames, acompanhar as orientações médicas, o bem estar, se não está bem, se preocupar se vai ao médico ou se não vai ao médico, vê o remédio se pode ser ou se não pode ser...”.

Apesar de colaborar com a gestação e exercer o seu papel durante a gestação, conforme falado anteriormente, o sujeito não valoriza as suas ações e sente que a experiência de se tornar pai ocorre de forma gradual e terá a oportunidade de exercer esta função apenas após o nascimento do bebê.

“Eu acho que embora a bebê já exista no plano físico e espiritual, eu posso fazer muito pouco por ela neste momento, eu acho que eu vou passar a ser pai de verdade na hora que acontecer a gestação, na hora que acontecer o parto, a partir desse momento eu entro 100%. Nesse momento a não ser um tipo de suporte

emocional ou até mesmo físico para minha esposa eu não tenho muita utilidade, essa é a grande verdade... Eu sinto que tenho pouco a contribuir pelo processo... Acho que a minha participação vai ser a partir do momento do nascimento para frente...”.

Percebe a experiência de se tornar pai também como um momento em que terá algumas restrições, além das mudanças que poderão ocorrer com a chegada do bebê e direcionar suas vontades, rotinas e desejos inicialmente para a criança.

“... falei para a minha esposa que temos mais um ano para andar pelados em casa sozinhos, aí depois disso a gente vai ter várias restrições... A vida que a gente ditava com os nossos horários, nossas vontades, nossos desejos de ser e o nosso jeito de fazer vai ser ditado por um serzinho tão pequenininho que vai definir a hora que a gente acorda, a hora que a gente dorme, como a gente se preocupa. Vai redefinir a segurança da casa... Alguns amigos já falaram para a gente que depois que a bebê nascer, os próximos cinco anos não vão existir na nossa vida, nós não teremos agenda, não teremos rotina... Vamos ver como a bebê dá o ritmo das coisas aqui em casa”.

Pai 6: Aparentemente sente a paternidade mais superficialmente, pois traz que tem contato apenas em alguns momentos do dia pelo fato de não estar com a criança durante todo o tempo, pois é a mãe que carrega a criança na barriga.

“Aquela coisa que é bem diferente para a gente do que para a mulher. A gente sabe que vai vir, mas a gente não carrega, então durante um dia você está se sentindo mal e quando você chega de noite ela (esposa) chega e olha algumas coisas que cai tudo em você. Então você tem menos contato com a situação, ela existe, mas você não vivencia o dia inteiro como a mulher que carrega o bebê. Quando ela fala as coisas que tem para fazer eu relembro o que acontece”.

Percebe o processo de transição à paternidade como algo pertencente ao plano teórico, ainda longe do que possa vivenciar e reconhecer concretamente. Percebe a paternidade como responsabilidade e um processo que irá exigir dele bastante dedicação. Relaciona as mudanças e participação apenas após o nascimento do bebê.

“No início eu ia muito para entender e para ver se estava tudo certo, para perguntar. Inclusive naquele curso que eles fazem a respeito de maternidade, que eles esclarecem um monte de dúvidas, porque é bem difícil. Hoje é muito teórico... Eu acho que após a chegada, muitas dessas responsabilidades que vão caindo aos poucos quando a gente não carregar o bebê, elas vão chegar de uma vez. Diferente da mãe que tem todos os dias até a amamentação, dormir, tudo em função do bebê, o que a gente já não tem. E isso vai acontecer, dormir vai ser em função do bebê, comer, tomar banho, então tudo o que a mãe sente eu acredito que vou começar a sentir um pouco mais na pele”.

Aparentemente, percebe e tem claro como poderá participar antes e após o nascimento do bebê, mas não demonstra que valoriza isto e que percebe a real importância.

“Eu acho que tenho que focar em atividades da casa, na questão de comida se precisar para o bebê e se precisa para ela, a gente espera que não precisará para o bebê, pois ela estará amamentando. Mas eu acho que as funções de casa vão estar mais em cima de mim, pelo menos naquele momento, pois ela vai estar focada no bebê”.

Não percebe que tem o papel de provedor financeiro apenas, mas coloca que neste processo a criança é a prioridade e não o trabalho.

“Eu comento no meu trabalho que não saio muito no horário, é sempre depois do horário. Agora vou começar a sair no meu horário, porque eu vou para casa e eu tenho responsabilidade com isso. Então falei para eles (funcionários) “vão se acostumando com isso”. Às vezes eles tinham o hábito de me pegar saindo e sempre quando ia ver estava saindo duas horas depois, porque estava resolvendo uns assuntos. Agora eu tenho um compromisso. Hoje eu fui buscar o carrinho, aí agora eu falo: “tenho compromisso, amanhã a gente resolve”, tenho que preparar eles (funcionários) também”.

Pai 7: Percebe a paternidade como um processo a ser construído, como algo compartilhado e que a partir deste momento ele não poderá mais pensar somente nele, mas terá uma vivência na qual ele precisa aceitar e compartilhar os momentos com outras pessoas.

“(ser pai) É você não pensar mais em si... se doar um pouco mais, além do que você já se doou”.

Percebe a experiência da paternidade na gestação ainda como algo muito teórico, representando com o seu relato que se sente pertencente nesta nova função, mas que de fato é um processo que precisará vivenciar para poder relatar como é ser pai.

“Acho que está tudo no plano teórico, eu creio que vou fazer o possível para ser um bom pai, mas acho que eu não consigo me ver ainda, eu acho que eu preciso que ela nasça, aí a partir do cuidar dela eu vou me perceber como pai”.

Apresentação da tabela e discussão da categoria 2.

Sujeitos	Como sentem e percebem a paternidade
Pai 1	Sente e percebe novas responsabilidades; Sente-se como provedor financeiro; Apresenta dificuldade para descrever o que sente; Sente e percebe esse processo de forma gradual; Apresenta dificuldade em lidar de forma concreta; Percebe algo desconhecido;
Pai 2	Percebe esse processo de forma gradual; Tem apenas embasamento teórico e que a prática será construída através da vivência; Percebe novas responsabilidades; Se percebe como provedor financeiro; Sente-se com uma função mais firme de virilidade.
Pai 3	Sente essa experiência de um modo gradual e se fazendo presente; Percebe sua função como participativa e envolvida; Percebe a mulher mais preparada; Sente e percebe novas responsabilidades; Sente-se como provedor financeiro.
Pai 4	Apresenta uma dificuldade de expor o que sente; Percebe a sua função como mínima e acessória; Sente-se como provedor financeiro; Sente que seu papel é o de estar presente fisicamente.
Pai 5	Sente-se como provedor financeiro e uma figura de referência; Sente que dará continuidade a sua família; Percebe com poucas oportunidades de vivenciar este momento; Dificuldade em sentir a gestação e se sentir pertencente antes do nascimento da criança; Demonstra não valorizar a função; Sente esse processo de forma gradual; Sente que irá exercer a sua função após o nascimento do bebê.
Pai 6	Sente a paternidade mais superficialmente; Percebe esse momento a perspectiva teórico; Percebe novas responsabilidades e dedicação; Percebe o valor se sua participação e a criança como prioridade.
Pai 7	Percebe a paternidade como um processo a ser construído e como uma função compartilhada; Percebe a experiência da paternidade na gestação ainda como algo muito teórico.

Quadro 4 – Apresentação das percepções de como os homens sentem a experiência de tornarem-se pais

FONTE: (Criado pelas autoras deste trabalho)

Conforme os dados analisados na categoria que observa como os homens sentem e percebem a experiência de se tornar pai, foram coletados os seguintes aspectos: percebem que a paternidade é construída de forma gradual e aos poucos; percebem esta nova experiência com muita responsabilidade; aparentemente apresentam dificuldade de descrever esta experiência e lidar de forma concreta com este momento; se perceber como figura viril em que precisa demonstrar ser forte; perceber que a mulher tem a oportunidade e vivencia a maternidade anteriormente, diferente do pai que exerce sua função de maneira teórica durante a gestação; não

valoriza o seu papel, se colocando como pouco importante; sente que deve exercer sua função estando presente fisicamente; percebem a experiência de se tornar pai como uma oportunidade de dar continuidade a sua família; tem a criança como prioridade; acreditam que durante a gestação, participam deste processo menos que a mulher; se colocam como provedores financeiros neste processo.

De acordo com os resultados apresentados, percebe-se que os pais ao falarem sobre como sentem e percebem a experiência de se tornarem pais, deram maior ênfase ao relatarem que este é um processo que ocorre de forma gradual (pais 1, 2, 3, 5, 6 e 7), se percebem como provedores financeiros neste processo (pais 1, 2, 3, 4 e 5) e percebem esta nova experiência com muita responsabilidade (pais 1, 2, 3 e 6).

Considerando o resultado em que o sujeito percebe a experiência de se tornar pai como um processo que ocorre de forma gradual, avalia-se dimensões diferentes entre as experiências do homem e da mulher, no qual a mulher desde o início tem um contato com a criança, pois ela gera o bebê dentro de si, e pelo homem vivenciar esta experiência de um modo diferente não tendo diretamente o contato físico e biológico com a criança, o homem tende a ter maior dificuldade para perceber esta nova experiência, e com isso vai construindo a função de se tornar pai de forma gradual, de acordo com as experiências que vivencia ao longo da gestação e nascimento do bebê.

A construção do vínculo entre pai e bebê é desenvolvida de forma gradual, ou seja, um processo que ocorre lentamente ao longo da gestação. Este processo ocorre também através da construção do pertencimento, em que o pai desenvolve a percepção da sua nova identidade paterna e participação das novas mudanças inseridas neste processo. Com esta construção o pai vai se inserindo e participando das atividades que envolvam a espera e chegada do bebê (Cia et al., 2005; Mazzieri & Hoga, 2006; Piccinini et al., 2004; Staudt & Wagner, 2008).

Considerando o outro aspecto apresentado pelos sujeitos, analisa-se que o fato de se perceberem como provedores financeiros na transição a paternidade pode ser compreendido através da perspectiva de que por sentir que não tem tantas responsabilidades diretas com o bebê durante a gestação, coloca-se como principal responsável por prover financeiramente a família, tentando assim assumir que está

presente neste processo. Este fato também pode ser compreendido através de perspectivas sociais que defendem e acreditam que a função do homem é garantir o sustento financeiro da família.

Avalia-se que assumir a responsabilidade de provedor financeiro não é visto somente como algo pouco importante ou negativo, porém, muitas vezes a sociedade limita a função paterna tão somente como provedor e não considera as demais dimensões fundamentais do papel do pai.

Segundo Arruda e Lima (2013), o homem no exercício da paternidade adquire um novo papel social, com isso assume a responsabilidade de garantir a sobrevivência e segurança do filho. Uma vez que esses papéis exigidos não são assumidos, a imagem do pai imposta pela sociedade é desvalorizada, o percebendo como uma figura frágil e sem atribuição. O fato do pai dar o apoio financeiro a criança o representa como uma figura que oferece suporte aos filhos, preenchendo suas necessidades físicas e materiais, mas em contrapartida, há uma percepção paradoxal diante desta atribuição, pois com isso, o pai também é percebido através de uma imagem distante afetivamente, não sendo visto como capaz de suprir as necessidades emocionais e relacionadas ao desenvolvimento da criança.

Ao considerar o resultado em que os pais percebem a nova experiência acompanhada de muitas responsabilidades, avalia-se que eles consideram este papel repleto de mudanças e novas atribuições. Nota-se que ao falarem sobre este novo papel, aparentemente os pais remetem esta experiência a uma mudança radical que envolve privações e dedicação, sendo também uma experiência inédita, na qual por nunca vivenciarem esta função avaliam que precisarão repensar formas de atuação desse novo papel social, atribuindo a este novo processo muita responsabilidade.

Segundo Arruda e Lima (2013), a sociedade atribui o termo responsabilidade à função paterna relacionada a um novo status social, não considerando o pai envolvido afetivamente com os cuidados de seus filhos.

Nota-se que ao viverem a experiência do novo papel de pai, os sujeitos observam uma grande cobrança da sociedade em se tornarem responsáveis por assumirem a função de garantir o sustento da criança, ou seja, consideram que o

homem tem responsabilidades e atribuições somente no campo externo, não valorizando e percebendo o envolvimento, a identificação e o compromisso de participar emocionalmente deste processo de desenvolvimento.

4.4 Categoria 3: Expectativas geradas para o exercício da paternidade

Pai 1: Tem expectativas de que irá vivenciar coisas temerosas e assustadoras. Isto pode indicar o medo do novo, das mudanças e receio das possíveis novas experiências que poderá vivenciar no exercício da paternidade. Nota-se isto tanto nas experiências vivenciadas neste momento, quanto em experiências que ele ainda irá vivenciar.

“Ah, como reagir, não sei como eu vou reagir quando o bebê nascer, quando ela sentir dor, eu fico com mais medo do que ela”.

Percebe-se expectativa de ter uma interação com a criança através do brincar, mas traz isso de forma bastante superficial, pois aparentemente para ele a experiência é baseada e concretizada após o nascimento do bebê.

“Ah, eu me imaginava brincando com ele, entendeu? Ele chorando e sorrindo... melhor viver no presente agora e quando ele nascer, sair com ele, essas coisas”.

Apesar de apresentar uma interação com a criança no futuro de forma superficial, aparentemente consegue imaginar e relatar como será o bebê ou como gostaria que fosse. O sujeito consegue imaginar como pode ser este bebê e relata características que gostaria que ele tivesse.

“Tomara que ele puxe o olho da mãe dele né, que é verde. Eu fico imaginando o cheirinho dele, a mãozinha, o pezinho, o olho dele”.

Aparentemente tem expectativas de que tudo será novo e que não está preparado para vivenciar este momento.

“Ah, de tudo né, querendo ou não a atenção vai ter que está redobrada para tudo, então não que eu tô pensando que quero sair, sair é de menos. É como eu

falei, tá sendo tudo novidade, tô fazendo coisa que eu nunca fiz. O que tá passando na minha cabeça nesse momento é mais ou menos isso”.

É notado que o sujeito tem expectativas de ser e oferecer para o filho tudo o que não teve pela ausência da figura paterna em sua vida.

“É óbvio que um pai é importante para um filho, eu não tive o meu pai, meu pai faleceu e muita coisa que eu falar aqui pode ser até besteira, mas meu pai morreu e eu cresci, e sempre fui louco para ver o meu pai, mas ele nunca aparecia para mim, não conversava. E eu vou ser pai agora e ele poderia aparecer me falar alguma coisa. Faz falta um pai para um filho. Você cresce se espelhando em um pai, eu cresci me espelhando no meu irmão. É um porto seguro ter um pai e uma mãe. Querendo ou não isso machuca a pessoa. Eu muitas vezes pensava, “se eu tivesse um pai ele faria isso para mim”, é o que eu quero mostrar para o meu filho também, fazer de tudo pra ele”.

Pai 2: É notado uma expectativa de que poderão acontecer mais mudanças no relacionamento com a esposa, pois ela precisará de um tempo maior para se dedicar ao bebê de acordo com a percepção do pai da criança.

“A esposa tem o tempo para se dedicar só para o marido e só cuidar do marido. Só que agora 80% será o filho e 20% o marido”.

Percebe-se uma expectativa de que com o exercício da paternidade quer ser para seu filho o que ele não teve durante a sua vida e também ter uma boa interação com a criança. Apresenta em seu relato ter sentido falta da figura paterna e que nunca soube como seria ter um pai em seu desenvolvimento.

“No meu pensamento eu quero ser o pai que eu não tive, eu não sei como é o convívio entre pai e filho, às vezes eu vejo minha esposa conversando com o pai dela e eu acho bonito. Eu não sei falar aquela palavra pai, nunca tive pai, então eu quero que meu filho tenha isso que eu não tive”.

Ao falar sobre a função de pai, percebe-se que o sujeito tem uma expectativa de que a presença do pai na vida de uma criança pode evitar que ele passe por algumas situações complicadas no futuro e acredita que a figura de uma mãe não substitui a de um pai, que ambos se complementam.

“... muitas coisas que eu passei na vida eu acho que se eu tivesse a presença de um pai eu não teria passado, porque é uma presença masculina, é uma força a mais. Se o pai fala com a criança já é diferente de um pai que não fala. Minha mãe tem eu e meus irmãos, então é muita coisa para uma pessoa só. Então eu quero dar para o meu filho o que eu não tive, por isso que eu tenho todo esse amor, toda essa preocupação, de pensar mil vezes antes de fazer alguma coisa, porque lá na frente não será somente eu que vou sofrer com as consequências se alguma coisa acontecer de errado”.

Pai 3: Percebe-se que o pai 3 tem expectativas voltadas para as preocupações com as coisas que tem que fazer para a criança e esposa e em deixar o ambiente pronto para quando a criança chegar, apesar de não demonstrar ao longo da entrevista que valoriza estas ações.

“Seria atento, super carinhoso, super participativo naquilo que eu falei e em tudo. O que ela fizer eu quero participar, dar as minhas opiniões, eu quero saber tudo o que está acontecendo, procurar notar os comportamentos, se alguma coisa mudou, se alguma coisa que eu fiz mudou. Quando ela começar a ir para a escola, como é e o que mudou, porque agora está falando, porque mudou o comportamento, acompanhar e ir junto, questionar se está certo isso ou não está, um pouco disso”.

Percebe-se que muitas mudanças e expectativas ocorrerão com o nascimento do bebê, como, rotina para se preparar para com a chegada e também um desejo de perfeição, de que tudo dê certo, de responsabilidade.

“... ser pai não é uma coisa que vai ficar testando muito, então não dá para cometer muitos erros, então isso me preocupa bastante. Ser pai é pensar em uma grande responsabilidade e ser responsável, mais responsável do que eu sempre fui na vida toda. Ser atento, ser tudo mais, mais carinhoso, prestar mais atenção. É o que eu consigo falar nesse momento de ser pai, depois que ele ou ela nascer eu consigo te falar outra coisa, eu possa sentir outras coisas, mas neste momento a gente ainda está esperando, por isso ser pai é ter uma responsabilidade muito maior que eu sempre tive com a minha vida, com as decisões que eu tomo... eu já troquei de trabalho algumas vezes, eu trocava, se der certo ou não o que eu estou fazendo, se eu vou estudar, faço aquilo, não tem problema nenhum. Só que agora é uma

coisa que eu não faria, se caso aparecesse uma nova oportunidade de trabalho e perguntasse se eu queria testar, pode até ganhar mais, mas acho que não, porque hoje eu estou estabilizado, estou tranquilo e nesse momento está tudo bem, que eu não vou perder meu emprego, porque eu não estou só e nem minha mulher. Já estou pensando no meu filho, não daria para ele ficar desamparado ou faltar o essencial para ele, por minha culpa, porque é uma responsabilidade”.

Observa-se que existe uma expectativa de usar recursos da educação que teve para que seja aplicado no seu exercício da paternidade, no qual ele utiliza de modelos do passado com os pais, antes como filho e agora como pai.

“... eu já fico aqui pensando de como vai fazer as coisas, de quando for recém-nascido, para que aprenda do mesmo jeito que eu fui educado, usar os mesmos recursos, um pouco que minha mãe e meu pai passou para mim. Eu também quero conseguir passar, eu considero que eu tive uma boa educação. Penso que não é a mesma época, então como eu fui não é mais para ele, ele vai ter um monte de coisas novas de internet e que eu não tinha acesso a isso, e que não adianta eu querer esconder ou bloquear isso se não ele vai crescer diferente dos outros. Vai chegar uma hora que não vai ter as mesmas possibilidades se eu privar de algumas coisas que eu sei que ele tendo vai correr o risco de ter acessos a muitas outras coisas”.

Pai 4: Apresenta uma expectativa de que será um pai presente na vida de seu filho e de que tentará fazer o melhor que puder para ele. Em seu relato demonstra que tem a visão de que para ele não ser ausente é estar presente apenas fisicamente na vida da criança é observado também que acompanhará a criança para que com isto seja um bom pai.

“... vou dar atenção para o meu filho e tentar fazer o melhor para ele, sempre estar acompanhando o dia a dia dele, por isso eu acho que vou ser um bom pai. Não vou ser um pai ausente, não sou um cara de ficar saindo de casa, de ir na balada, deixando a mulher em casa. Eu sempre estou com a minha mulher em casa, sou caseiro também e vou sempre estar com meu filho dentro de casa, sendo um pai presente. Então acredito que vou ser um bom pai”.

Aparentemente tem boas expectativas com relação ao nascimento do bebê e a interação que terá com ele, porém não consegue descrever quais são esses bons sentimentos a que se refere.

“Ah, eu imagino que vai mudar para melhor né, porque eu esperei por isso, então eu vou colher só frutos bons e acho que vai mudar para melhor”.

Aparentemente apresenta que tem dificuldade para entender o que vai enfrentar no exercício da paternidade e conseqüentemente não se sente pertencente a este processo até o momento.

Pai 5: Percebe-se uma expectativa de que toda a sua vida vai mudar com a chegada da bebê, e que este momento irá exigir uma nova adaptação para a chegada da criança, que terá novas responsabilidades e que exigirá uma maior adaptação e dedicação de sua parte.

“Mas com certeza é uma vida diferente, uma vida nova. A vida que a gente ditava com os nossos horários, nossas vontades, nossos desejos de ser e o nosso jeito de fazer vai ser ditado por um serzinho tão pequenininho que vai definir a hora que a gente acorda, a hora que a gente dorme, como a gente se preocupa. Vai redefinir a segurança da casa, não vai poder deixar mais as coisas espalhadas como a gente costuma deixar”.

Tem a expectativa também de que quando a criança chegar vai ter o contato com a emoção, pois hoje se sente uma pessoa mais racional e acredita que o contato com a filha irá proporcionar isto.

“... eu acho que por mais sério que eu seja, por mais racional que eu seja vai ser diferente. Sobre todo aspecto emocional que possa existir. Eu sou uma pessoa muito lógica e racional, mas eu sinto que a bebê vai me dá uma quebrada na hora que tiver lá bonitinha engatinhando, brincando, fazendo bagunça, a hora que tiver que troca fralda vai ser um ambiente diferente. Eu estou esperando que eu me surpreenda com a chegada da bebê...”.

Aparentemente o pai 5 percebe a chegada do bebê por perspectivas ambivalentes, nas quais algumas são um pouco negativas devido as mudanças, mas em contrapartida tem a expectativas de com a chegada da bebê irá construir

um novo sentido para a sua vida.

“Acho que vou deixar de ser um pouquinho racional com ela, todo mundo que eu conversei que foi pai e é pai hoje fala que a vida mudou, que a forma de ver o mundo é diferente, e eu estou esperando essa forma diferente de ver o mundo. Eu sempre vi o mundo mais ou menos do mesmo jeito... mas o cuidado emocional também acho que vai causar muitas mudanças que talvez hoje as namoradas, a esposa, a relação de pai e mãe, irmão e essas coisas não tenham me desafiado ainda, eu realmente estou esperando mudança emocional na minha vida, pelo menos é o que eu imagino, mas não faço ideia, estou só na expectativa”.

Nota-se expectativas com relação à educação da criança baseadas em seu histórico familiar, na educação e nas dificuldades que seus pais tiveram com ele.

“... em relação ao comportamento, a educação, ao que pode ou não pode, o que falar uma coisa e o outro não desfazer aquilo que foi falado. A gente já vem conversando desde o momento que ela descobriu que estava grávida, então a gente já vem pensando em como lidar com a educação da bebê, espero ter um processo natural, simples... Como eu sei que na minha casa com os meus pais foi um negócio difícil, já estou esperando uma dificuldade, porque minha mãe falava alguma coisa e meu pai ia lá e falava outra, aí a gente fica chantageando os pais. Sabia que um era mais difícil que o outro ia lá e pedia para o mais fácil. Eu tenho certeza que a bebê vai estar perto para fazer essas jogadas, mas eu espero que em conjunto com a minha esposa a gente tenha a melhor estratégia para pode educar a bebê, da melhor maneira possível”.

Pai 6: Percebe a paternidade como algo novo, que necessitará de algumas restrições e que trará muitas mudanças em sua vida que terá que se adequar.

“... é conciliar tempo... um monte de atividade que você faz você vai deixar de fazer, por importância”.

Percebe-se nesta expectativa um receio de falhar e de não conseguir cumprir a sua função da forma que deseja exercer e para que isto aconteça da maneira menos frustrante, prefere não idealizar.

“As coisas precisam ter uma questão lógica, e isso não é muito lógico.”

Imaginar, eu não me vejo fazendo muita imaginação, eu sei que vou falhar e tudo que eu imaginar vai ser diferente”.

É notado uma expectativa de que esta nova função exigirá dele muita responsabilidade e de que vai reconhecer de fato o exercício de sua função e colocá-lo em prática quando o bebê chegar.

“... muitas dessas responsabilidades que vão caindo aos poucos quando a gente não carrega o bebê, elas vão chegar de uma vez. Diferente da mãe que tem todos os dias até a amamentação, dormir, tudo em função do bebê, o que a gente já não tem. E isso vai acontecer, dormir vai ser em função do bebê, comer, tomar banho, então tudo o que a mãe sente eu acredito que vou começar a sentir um pouco mais na pele”.

Percebe-se que o sujeito também se baseia em seus modelos de família para pensar na educação que dará para seu filho, tem expectativas de usar estes modelos com o seu filho.

“O bom exemplo, entender que os meninos também ajudam, é super importante. Que ele seja companheiro, que ele entenda que ele não veio sozinho ao mundo então ele precisa compartilhar, dar também e não só receber. Eu comentei com a minha esposa que hoje é uma coisa difícil, eu tenho medo disso, porque eu tenho irmãos mais novos mimados que tem dificuldade de fazer coisas para outras pessoas e isso faz com que ele entenda que ele tem que fazer também, e que ele cresça com isso”.

Pai 7: Aparentemente demonstra uma expectativa com necessidade de organização para receber a criança e com isto demonstra ter um planejamento e aceitação deste novo momento em sua vida. Foi notado também que o sujeito tem uma expectativa de se inserir cada vez mais nesse processo de gestação e contribuir com sua participação.

Apresenta uma grande expectativa de ser um bom pai e um medo de não corresponder às expectativas externas, apresentando uma auto cobrança forte no exercício da paternidade.

“Todo mundo fala: “você vai ser um bom pai”, e eu acho que eu absorvi isso de uma forma meio negativa. Eu creio que eu estou gerando uma expectativa nas pessoas e eu tenho medo de não conseguir dar conta disso, então as pessoas falam, “você é um excelente pai, você é um cara dedicado, um cara que trabalha, um cara que é carinhoso”. Mas e aí? Será que é mesmo? Deve ser neura (risos)”.

Percebe-se que o sujeito admira a forma que seus pais construíram a família e diz que foi exemplo para ele, demonstrando com isto uma expectativa de seguir modelos semelhantes de seus pais na educação de seu filho.

“Eu sempre tive a visão dos meus pais, meu pai é muito engraçado, ele também casou, quando eu nasci meu pai tinha trinta e oito anos, então ele esperou. Eu não sei se é por função disso, mas eu também esperei, meu pai quando casou já tinha a casinha dele, já estava estabilizado. Eu já tinha uma infância tranquila, não vou dizer que nunca tive dificuldade na vida, todo mundo tem, mas pai e mãe presente na vida e na formação do caráter de uma criança é muito importante”.

Sente que a experiência de se tornar pai, trará muitas mudanças para a sua vida, mas sabe que terá que se adaptar e aparentemente está pronto para isso.

“... vou ter que me doar mais, eu acho que não será de uma forma negativa, mas o filho acaba restringindo. Você vai ter que mudar alguns hábitos porque a gente vai ter uma criança em casa, a gente tem que se adaptar a ela”.

Apresentação da tabela e discussão da categoria 3.

Sujeitos	Expectativas
Pai 1	Expectativas com algo temeroso e assustador; Expectativas com novas mudanças; Expectativa para interagir com o filho através do brincar; Expectativas do novo e com a falta de preparação; Expectativas de ser e oferecer para o filho tudo o que não teve pela ausência da figura paterna em sua vida.
Pai 2	Expectativa de mudanças no relacionamento com a esposa; Expectativa com o exercício da paternidade; Expectativa de ser uma boa referência e ter interação com o filho; Expectativa para se fazer presente e evitar que o filho apresente situações complicadas no futuro.
Pai 3	Expectativas voltadas para as preocupações com as coisas que tem que fazer para a criança e esposa e em deixar o ambiente pronto para quando a criança chegar; Expectativa com as mudanças após o nascimento do bebê; Expectativas com as mudanças de rotina, perfeição e responsabilidade; Expectativa de utilizar recursos recebidos em sua família de origem;
Pai 4	Expectativa de se fazer presente e interagir com o filho; Expectativas com relação ao nascimento do bebê; Dificuldades para entender o que vai enfrentar no exercício da paternidade e conseqüentemente não se sente pertencente a este processo até o momento.
Pai 5	Expectativa de mudanças com o chegada da bebê; Expectativas com as novas responsabilidades e adaptação; Expectativa de entrar em contato com os sentimentos após o nascimento do filho; Expectativas com relação a educação da criança baseada em seu histórico familiar, na educação e nas dificuldades que seus pais tiveram com ele.
Pai 6	Expectativa para não falhar e de não conseguir cumprir a sua função da forma que deseja exercer; Expectativa de novas responsabilidades e reconhecimento do exercício de sua função; Expectativas de utilizar modelos da família de origem.
Pai 7	Expectativa para se organizar para receber a criança; Expectativa de se inserir cada vez mais nesse processo de gestação e contribuir com sua participação; Expectativa de ser um bom pai e um medo de não corresponder às expectativas externas; Expectativa de seguir modelos semelhantes na sua família de origem;

Quadro 5 – Apresentação das expectativas geradas para o exercício da paternidade

FONTE: (Criado pelas autoras deste trabalho)

Conforme os dados analisados na categoria que observa as expectativas geradas para o exercício da paternidade, foram coletados os seguintes resultados: pais que percebem o processo vivenciado com uma perspectiva de mudanças; espera-se ter uma interação com a criança; apresentaram de forma superficial, no qual alguns sujeitos não conseguiam relatar de forma geral de que forma espera vivenciar este processo; expectativas de serem para os filhos o que não tiveram em sua infância pela ausência da figura paterna; esperam se embasarem através dos modelos que tiveram com os pais durante o desenvolvimento para exercerem a paternidade; expectativas voltadas para a preparação do ambiente para a chegada da criança; estarem presentes na vida do filho; receio de falhar e de não conseguir cumprir a função da paternidade; expectativas de que é um momento que exige mais responsabilidades; perspectiva de serem inseridos durante o processo de gestação e contribuir através da sua participação; expectativas de exercerem bem a

paternidade e um medo de não corresponder às exigências externas.

De acordo com os resultados apresentados, percebe-se que os pais ao falarem sobre as expectativas geradas para o exercício da paternidade, deram maior ênfase por representarem este momento como um processo de muitas mudanças em suas vidas, tanto de coisas positivas quanto negativas (pais 1, 2, 3, 5, 6 e 7). Estes pais, referem-se a mudanças no relacionamento devido ao tempo que a esposa precisará se dedicar para a criança, mudanças de rotinas, de novas responsabilidades exigindo uma maior adaptação e dedicação para a criança e medo das mudanças por receio do novo e de não ter tido essa experiência anteriormente. De acordo com Piccinini et al. (2004), durante o período de transição à paternidade o homem passa por diversas adaptações e mudanças considerando os aspectos biopsicossociais e a gestação tem o papel de ser um momento de preparação para o exercício da função paterna.

É notado também com maior frequência que este momento é percebido pelos pais como um processo que irão vivenciar e colocar em prática os modelos que tiveram ao longo de suas vidas, baseados na experiência que tiveram ou não com seus pais (pais 1, 2, 3, 6 e 7). Gabriel e Dias (2011) dizem que existem pais que conseguem desenvolver expectativas de como será o seu vínculo com o bebê, enquanto outros não conseguem ter esta experiência de imaginar como será esta vivência. Os pais que conseguem ter contato com esta experiência, normalmente relatam com clareza possíveis experiências com os filhos mesmo antes de vivenciá-las, inclusive com relação a escolher o modo que irão educá-los e se baseiam muitas vezes nos modelos que tiveram ao longo de suas vidas.

Alguns sujeitos (pais 1 e 2) relataram que não tiveram estes modelos presentes em suas vidas e que sentiram muita falta de ter alguém para compartilhar alguns sentimentos, de aconselhar ou suprir aspectos que fizeram falta ao longo do desenvolvimento. Com isto, apresentam o desejo de serem para os filhos e representarem esta figura de pai que não tiveram em suas vidas. É notado também no discurso destes pais, no discurso manifesto ou no discurso subjacente, que mesmo tendo a figura da mãe presente em suas vidas, esta figura não substitui o papel e a função de um pai.

Entende-se como boa experiência de acordo com as entrevistas, a forma em

que estes pais estiveram presentes na vida desses sujeitos, o contato e envolvimento com a figura paterna.

Em contrapartida, pais que tiveram uma boa experiência com a sua figura paterna ao longo de suas vidas (pais 3, 5 e 7), demonstraram que isto influenciou positivamente para o seu desenvolvimento fazendo com que eles queiram se basear nos modelos que tiveram para exercerem a paternidade com seus filhos.

Segundo Gomes e Resende (2004), a identificação da paternidade faz com que os homens possam reavaliar a experiência anteriormente vivenciada com os seus pais a partir de sua nova experiência. Ao notarem os próprios sentimentos a respeito do pai, o homem se permite ter um contato mais próximo com o filho. A experiência que os pais têm ou não com seus próprios pais proporciona a eles ressignificar seus valores e desejos e a forma como querem exercer a paternidade.

De acordo com as respostas informadas, o pai 4 não se enquadrou nas categorias de maior frequência apresentadas acima. Percebe-se que ele demonstra uma expectativa de exercer funções na qual fique mais próximo ao seu filho, mas não demonstra clareza como irá exercer isto. Esta falta de clareza pode estar relacionada com uma dificuldade de entrar em contato com os seus sentimentos ou pode ocorrer pelo fato de estar no início da gestação (três meses – primeiro trimestre). Segundo Piccinini et al. (2004), normalmente a participação dos pais nos preparativos para o nascimento do bebê é mais comum a partir do segundo trimestre, pois no primeiro trimestre os pais não tendem a perceberem a gestação como algo concreto e isto pode estar relacionado ao risco de aborto.

4.5 Categoria 4: Reconhecimento do valor da função paterna

Pai 1: O pai 1 apresenta saber que a figura paterna é importante para o desenvolvimento da criança e processo de gestação, mas demonstra não saber como se fazer presente neste momento.

“Eu não sei dizer ainda, é como eu falei, só acontecendo mesmo, só estando no momento, porque assim eu ainda não consigo falar nada... A interação com ele seria a que todo mundo ia ter se você é pai, ficar em cima adulando, beijando toda hora, se estiver dormindo acordar para agarrar”.

Por mais que saiba da importância de sua figura, não demonstra reconhecer que sua função é importante no exercício de pequenas atuações. Coloca-se como alguém que não será útil nos cuidados e atividades durante a gestação. Tem a percepção de que a mãe de sua esposa poderá contribuir mais que ele no processo, não reconhecendo o valor de sua função.

“... Ela não pode se sentir sozinha em momento algum, porque se não pode complicar para mim e para ela no relacionamento... Quem vai ajudar mais o bebê é a mãe dela né, porque eu vou ficar bastante tempo fora no trabalho... Mas, sempre que der eu vou tá junto né... Acho que ser pai é bom, é dar o possível, não demais para ele não ficar um menino mimado, mas o possível”.

Aparenta não ter se apropriado de seu novo papel social e do processo de chegada do bebê, quando perguntado sobre quais experiências boas ele associa a chegada da criança sujeito refere:

“Ainda não consigo porque ainda não foi né, não nasceu ainda... Na verdade assim, eu não consigo nem falar o que eu sinto porque eu não vi ele, eu acho que nos primeiros meses a sensação era de que ele nem existia”.

Ajuda sua companheira nas atividades domésticas, porém não reconhece que este é um elemento pertencente a sua função. Percebe estas atribuições como insuficiente ou de pouco valor.

“Assim, na parte de casa sou eu que faço, ajudo bastante. Arrumo a casa, faço a comida, quando ela precisa buscar alguma coisa na mãe dela eu vou, pelo menos isso. Ah, antes de tá com ela eu já fazia isso né, porque praticamente eu sempre morei sozinho”.

Demonstra não reconhecer que o que faz hoje poderá contribuir para o desenvolvimento futuro da criança. Quando perguntado sobre esta contribuição sujeito refere:

“Eu não sei dizer ainda, é como eu falei, só acontecendo mesmo, só estando no momento, porque assim eu ainda não consigo falar nada”.

Pai 2: O pai 2 demonstra-se envolvido no processo de gestação e espera pelo bebê, manifesta querer participar de todo o processo e acompanhar as

consultas para tirar dúvidas. Quer se fazer presente, quer se inserir no processo de cuidados e preparação para a chegada da criança.

“Eu fui em todas as consultas dela, todas as ultrassons que a gente já fez eu estava junto... Eu gosto de estar acompanhando para ver se o bebê está bem, escutar a batidinha do coração dele...”

Demonstra saber a importância da participação do pai na vida da criança e durante a gestação, quer oferecer à esposa segurança e suporte.

“... tudo que ela tem dificuldade de fazer eu estou ali para ajudá-la. Quando ela fala “ah eu estou precisando disso”, aí eu vou e faço o que ela precisa. Em casa também, como ela fica o dia inteiro comigo eu ajudo ela também, então a gente fica vinte e quatro horas juntos”

Por um lado isso demonstra o quanto está disposto e preocupado com os cuidados entre mãe e bebê, mas ao mesmo tempo o homem demonstra não perceber que também tem direito a ter os mesmos sentimentos. Percebe-se como uma fonte de suporte e não se reconhece como alguém também pertencente às mudanças, emoções e adaptações inseridas neste processo.

“... eu sou durão, entendeu? Então para mim está tudo tranquilo, não passei nenhuma dificuldade nessa gravidez, a maior preocupação era a pressão alta da minha esposa, a única preocupação era essa”

Aparentemente, as ações que o homem exerce hoje e que são pertencentes a sua função paterna não demonstram ser reconhecidas por ele como a prática de sua função. Ele exerce, acompanha, dá suporte e demonstra permanecer emocionalmente presente, no entanto, demonstra reconhecer estes recursos apenas como uma boa participação e demonstração de ajuda, quando na verdade, todos estes recursos pertencem grandiosamente ao exercício de sua função paterna. O que exerce não é apenas uma ajuda, e sim o exercício da função que o cabe neste processo de transição à paternidade.

“Ah, pode ajudar bastante, depois que o bebê nascer minha esposa estará cheia de pontos, então ela não pode está se movimentando muito... Acho que eu fazendo isso... já serei uma ajuda...”

Pai 3: O pai 3 demonstra-se vinculado a gestação e a preparação do ambiente para a chegada do bebê. Entende-se a preparação do ambiente não como algo físico e material, mas sim, como um ambiente sendo regado de afeto e segurança para que a criança possa ser acolhida quando chegar ao mundo.

“Começamos a pensar em tudo que vai ter que fazer quando ele chegar e como teremos que se comportar e preparar para estar tudo pronto quando ele chegar. Está sendo uma experiência fantástica... já estou pensando no meu filho, não daria para ele ficar desamparado ou faltar o essencial para ele...”

Demonstra sentir-se inserido nos cuidados com o bebê e a esposa, aparenta perceber-se também grávido neste processo. O sujeito sabe que a gestação acontece fora de seu corpo, mas tenta sentir, se vincular e fazer parte dela.

“... eu gosto desta sensação de tentar me sentir grávido. Este reconhecimento demonstra seu processo de transição à paternidade, na tentativa de ser, de tentar se aproximar e se vincular com a experiência que está sendo construída... eu quero fazer muitas coisas, eu quero participar no banho, quero limpar, quero cuidar, colocar roupinha... eu não abro mão, de participar e fazer as coisas...”

Ele percebe que contribui durante este processo como forma de minimizar o esforço da esposa e também na interação com o bebê ainda na barriga.

“... eu tento dividir o máximo já que eu não posso dividir o corpo e as dores, pelo menos ajudo da melhor maneira possível, aliviando assim o fardo dela, dividir a gravidez entre os dois...”

O sujeito exerce o seu papel de pai e sabe da importância de exercê-lo, mas não demonstra reconhecer que tudo o que faz é o que pode ser feito por ele, reconhece apenas como um ajuda. Demonstra perceber que o que exerce é pouco comparado com o que a mulher vive e exerce neste momento. Ou seja, reconhece que o que faz hoje não é suficiente, para o seu papel de pai é pouco, como se lhe faltasse ação. É reconhecido por ele como importante, mas não como um valor de sua função, e sim como uma ajuda. Como se reconhecesse alguém que não sente no corpo, não sente fisicamente e biologicamente e externamente precisa exercer algo.

“Como o homem fica sem tanta responsabilidade no corpo em si, pois o bebê está na barriga da mãe, ela que sofre as dores, tem os enjoos, é com ela que acontece tudo, tudo com ela, então fica aquelas histórias de que o homem não sofre tanto. Então o tempo todo tento dividir ao máximo para fazê-la entender que não está sozinha”.

Reconhece a figura da mãe como essencial e mais afetiva para o desenvolvimento da criança, e reconhece a presença do pai representada como um símbolo de maior interatividade.

“... a figura da mãe eu vejo que é essencial para uma criança, essa questão que a mãe é um pouco mais fraterna, amorosa... vejo o pai que é muito assim, na hora da brincadeira, de brincar e se divertir...”.

Pai 4: O pai 4 reconhece o processo de transição à parentalidade como uma etapa da vida a qual todos necessitam passar, uma etapa de reprodução, um processo natural e exigido para todo ser humano. Percebendo este processo apenas como uma exigência natural do ciclo da vida ele não o reconhece como um processo de envolvimento, pertencimento, internalização e identificação.

“... todo mundo nasceu para ser pai e mãe e eu não sou diferente”.

O sujeito não consegue nomear e reconhecer de que forma, quando e como pode exercer sua função de fato, refere que sempre que necessário poderá ajudar em algo, mas não consegue reconhecer quais são essas funções.

“Eu tento ajudar o máximo que eu posso, o que ela precisa eu estou ajudando... eu posso estar contribuindo com alguma coisa necessária e estarei disposto a fazer... Vou fazer algo de útil...”.

Refere que pretende ajudar no que sua esposa não poderá ou não conseguirá fazer, mas não tem internalizado para si um significado de ter a iniciativa e desejo próprio de reconhecer o porquê e para quê pode realizar tal exercício. Não consegue reconhecer o significado e valor da paternidade e do apoio e suporte que pode oferecer e ser neste processo. O pai 4 demonstra reconhecer este processo tão somente como algo externo, não consegue concretamente atribuir um sentido para a experiência da paternidade, demonstra não se inserir nesta relação.

“... o que ela precisa eu estou ajudando. Quando ela pede alguma coisa que ela não pode fazer, pegar um peso porque ela não pode, levar alguma coisa na casa da mãe dela, levar uma sacola, uma bolsa. Então nesses pontos assim que eu mais ajudo”.

Ele demonstra-se disposto a exercer o que sua esposa tiver dificuldade para realizar, manifestando que quando ela precisar ele poderá ficar com o bebê para que ela se disponha as outras atividades, no entanto, avalia-se que ele vislumbra sua função apenas em ocasiões em que sua esposa estiver impossibilitada de ficar com a criança, vendo-se como uma espécie de figurante e pouco importante. Avalia-se através deste discurso pouca participação e envolvimento, analisa-se que este processo acontece por não conseguir reconhecer o valor de sua função.

“... quando o bebê nascer eu posso ajudar olhando, ficando com ele para ela fazer alguma coisa, com isso eu posso estar contribuindo com alguma coisa necessária... posso ficar com ele em alguns momentos que ela não vai poder ficar, que ela tiver algo para fazer. Tipo, lavar uma roupa, posso estar ficando com ele também”.

Por não reconhecer o significado e o valor de sua função paterna o homem atribui à mulher a missão de principal provedora e personagem de todo este processo. A partir desta percepção reconhece sua função como insuficiente, percebendo sua contribuição e envolvimento como algo mínimo, percebendo que seu envolvimento é considerado pouco importante para o processo de gestação e desenvolvimento da criança, anula-se como figura importante, demonstra não ter construído o sentimento e percepção de pertencimento.

“Olha, no momento eu não estou acompanhando ela (sujeito refere-se às consultas médicas), porque eu trabalho, entendeu? Aí não está dando para eu ir com ela, mas a mãe dela está sempre com ela... eu acho que não tem muita coisa a ver com isso não (o fato de não participar das consultas), ela está indo lá para fazer uma consulta de rotina, não tem nada de anormal, então para mim eu acho que não tem problema”.

Pai 5: O pai 5 demonstra-se disposto para oferecer e ser o suporte necessário durante o processo de gestação, no entanto, não reconhece o quanto

isto é importante para a construção de sua interação com o bebê, mesmo ainda sendo gestado. Demonstra não conseguir reconhecer que a construção inicial deste vínculo emocional, ainda na fase da gestação e espera pelo bebê será base para o desenvolvimento da criança, não reconhece que o que exerce hoje irá contribuir para esta construção de interação e vínculo.

“É, no começo para mim não houve mudança muito relevante, acho que para o pai a gestação é, você sente menos a gestação do que a mãe... Até o momento que eu não consegui sentir o bebê mexendo, para mim era como se não tivesse acontecendo nada de diferente... Eu tô esperando um pouco mais o momento do nascimento, que é naquele momento que vai ser o ponto alto do meu envolvimento com a coisa. Antes disso não mudou muito a minha vida”.

Avalia-se que o sujeito talvez não se sinta ainda pertencente a esse processo, no qual, não se reconhece inserido e participante desta fase de mudanças e transição. O sujeito percebe que durante o momento de gestação pouco é pai, pouco pode contribuir ou ser. Percebe que iniciará sua função paterna apenas quando a criança nascer.

“... mas eu tô ali esperando a minha vez, como se eu estivesse na fila da montanha russa esperando a fila andar e chegar a minha vez de entrar no carrinho. Sinto que a minha hora de muitas emoções vai chegar, e que a minha esposa está sentindo um pouco antes de mim toda essa fase emocional mais forte”.

O que o sujeito exerce durante o processo de gestação não é reconhecido por ele como algo próprio à função que lhe pertence, enxerga este exercício como algo fora de seu papel de pai e apenas como um suporte acessório, tão somente.

“... mas neste momento eu sinto que tenho pouco a contribuir pelo processo, a não ser cuidar da mãe da bebê até o momento do parto e na recuperação dela após o parto também. Acho que a minha participação vai ser a partir do momento do nascimento para frente, e assim eu vou conseguir com ações mostrar realmente o que é o meu papel de pai, nesse momento eu não me sinto muito inquerido no processo”.

A partir desta percepção o sujeito apresenta dificuldade para valorizar e reconhecer seu papel, demonstra identificar-se como um terceiro nesta relação, pois

no primeiro momento a gestante vive, sente, experimenta e vislumbra de todo o processo, tanto no plano físico, biológico quanto emocional. Quanto para ele é como se a experiência da paternidade fosse algo distante.

“... não sou eu que estou gestando, não sou eu que tô carregando, não são meus nutrientes... então a minha vida não tem restrição nenhuma neste momento, nenhuma. Então eu sinto que está acontecendo mais na minha esposa do que para mim, embora eu esteja partilhando. Eu tô vivendo a alegria da alegria dela...”

O sujeito demonstra perceber-se sem utilidade durante o processo de espera pelo bebê, e o que exerce, ou o que pensa poder exercer ele considera pouco e insuficiente, não reconhecendo o valor de sua função, a grandiosidade do que pode exercer.

“... no meu ponto de vista o ser pai nesse momento acaba sendo só uma atividade acessória, e muito acessória, porque é uma coisa aqui, uma coisa acolá, não tem como eu interferir mais nesse processo”.

Pai 6: O pai 6 percebe que o apoio oferecido à gestante é importante, pois reconhece que pode ajudá-la dando-lhe segurança para que ela sinta-se amparada e livre para dedicar mais tempo ao bebê, ele acredita que através deste suporte o filho se sentirá seguro em seu desenvolvimento.

“Porque eu acho que é uma forma de fazer com que ela tenha mais tempo com o bebê. Eu acho que é uma forma de tirar a sobrecarga, um gasto de energia muito grande, por essa questão, por tudo isso. Tem várias situações que a impedem de estar realizando qualquer tarefa desse tipo... Na gestação precisa estar próximo para que a esposa se sinta amparada, se sinta segura e traga isso para o filho também, para que ele se sinta seguro no desenvolvimento dele”.

O sujeito acredita que participar dos momentos da gestação é uma forma de se inserir e se sentir pertencente nesta experiência, está se preparando e também o faz ao ambiente para a chegada da criança, o que demonstra seu processo de identificação e elaboração diante do processo de transição à paternidade.

“... Tentando ajudar o máximo possível e a meu ver, também preparar o ambiente para a criança, aquela coisa do lar, da parte do desenvolvimento, a

interação, a brincadeira”.

Avalia-se que por mais que o sujeito perceba o quanto é importante oferecer à gestante apoio e suporte, ainda não reconhece que oferecer este apoio é uma forma de se inserir-se no processo de gestação. Isso mostra que o sujeito demonstra vivenciar neste processo de transição sentimentos e experiências ambivalentes, e esta percepção de uma experiência ainda não concreta gera um reconhecimento de que ainda não se considera pai.

“Eu acho que neste caso é cedo para dizer. Eu sou um quase pai nesse sentido... Então você tem menos contato com a situação, ela existe, mas você não vivencia o dia inteiro como a mulher que carrega o bebê”.

Com base nesta experiência e sentimentos ambivalentes, ora percebendo a importância de seu suporte para que a mãe sinta-se livre para se dedicar ao bebê o homem também entende que o apoio e suporte que oferece à sua esposa não tem relação ou vinculação com a gestação. Isso pode demonstrar quanto o sujeito participa e fornece ajuda quando necessário, mas não atribui valor as suas ações para o processo de gestação, o que conseqüentemente não o possibilita ampliar seu reconhecimento para o exercício de seu papel, não atribuindo valor a sua função, ao que ele representa neste processo de transição à paternidade. O sujeito quando perguntado sobre se o que exerce hoje como ajuda para esposa tem relação com a gestação refere que o que faz é algo inerente a este processo, não relaciona esta participação com a espera do bebê e ao processo de transição à paternidade:

“Não muito, só se ela falar que precisa de mais, mas com essa finalidade de gestação não”.

O suporte que oferece com as atividades da casa é percebido pelo sujeito como tarefas e algo relacionado a um peso no seu dia a dia. Analisa-se que este discurso refere-se aparentemente a um reconhecimento do exercício deste suporte como uma prática pesada para o sujeito, e não como um exercício atribuído de algum sentido ou valor envolvido no processo de espera pela criança. Ou seja, não reconhece esse suporte como um processo de vinculação e pertencimento, assim, não reconhecendo o valor fortalecedor de sua função paterna.

“A gente procurou uma pessoa a mais para ajudar, para não poder pesar nem

para ela e nem para mim... Eu acho que as funções de casa vão estar mais em cima de mim pelo menos naquele momento, pois ela vai estar focada no bebê”.

O fato de procurar uma terceira pessoa para exercer o suporte das atividades da casa pode ser compreendido que o sujeito demonstra não reconhecer a importância e valor que teria sua função ao exercer e ser este suporte, construindo através dele o processo de pertencimento e vinculação. Demonstra não conseguir reconhecer a diferença e o valor do exercício de sua função durante este processo comparado com a prática de uma terceira pessoa ao realizar este suporte e apoio.

Pai 7: O pai 7 demonstra compreender a importância de se envolver, se vincular e acompanhar o processo de gestação, como também, aparenta compreender que este envolvimento irá contribuir para o desenvolvimento da criança. Reconhece que sua figura paterna é importante para a construção deste processo de vínculo e desenvolvimento.

“Eu procuro participar da melhor maneira possível, acompanhar na ultrassom, nos exames, me preocupo com a alimentação dela, pergunto se ela já se alimentou, sempre falo para ela marcar tudo no final de semana. Procuro ajudar de toda maneira... Pai e mãe presente na vida e na formação do caráter de uma criança é muito importante... ela (criança) precisa de amor e não de coisas materiais...”.

O suporte oferecido à gestante é fundamentado nas atividades da casa e também a um suporte emocional e psicológico, valorizando-a como mulher e dando suporte nas preocupações e angústias provindas do processo gestacional.

“... algumas coisas de casa eu sempre ajudei, como lavar louça, e essas coisas que tem que ajudar. Mas de uns tempos para cá as coisas que eu mais ajudo são as mais pesadas, como lavar o banheiro. Eu falo “deixa que eu lavo”. Ajudo psicologicamente, comprar óleo, sempre salientar que ela está bonita. Tem mulher que acha que não está. Saio com ela para passear, para deixar a mente vazia, para não ficar se preocupando com a pressão, alimentação e a bebê. Sempre falo “calma, quem vai dizer isso é a médica”.

O sujeito reconhece sua função paterna como uma grande importância e de muito valor, demonstra perceber-se pertencente a este processo de transição à paternidade. Consegue vislumbrar as fases e necessidades de todo esse processo,

elaborando e imaginando como poderá exercer sua função em cada fase do processo de desenvolvimento.

“Depois do nascimento acho que vou ter que fazer de tudo, dar banho, apesar que eu morro de medo. Minha esposa trabalha numa empresa que oferece o curso para pais, instruem como dar banho, trocar fralda. Acho que tem que ajudar nisso, participar nisso, a princípio. Depois participar da educação, pensando lá na frente. Acho que ajudar no nascimento é isso, não adianta você falar que é pai e a mãe está lá toda atarefada, fazendo comida e a criança chorando. Não acho que ser pai é isso só e deixar a mãe lá fazendo tudo”.

Reconhece-se pertencente ao processo de transição tanto quanto à gestante, reconhece o valor de sua função e não percebe a mulher como figura única, exclusiva e principal participante do processo de transição e espera pelo bebê, como também, não transpõe para a mulher toda a responsabilidade e influência para o desenvolvimento da criança, percebendo assim, este processo como uma experiência compartilhada, se reconhecendo na relação e percebendo o valor de sua função.

“Acho que irei contribuir primeiro com o companheirismo, ajudando na gestação. Quando a bebê nascer contribuir naquela questão de cuidar, participar mesmo da educação, trocar, dar banho e ajudando nesses cuidados... Eu creio que a criança mesmo estando na barriga da mãe já sente o carinho e a atenção... Quando você se mostra companheiro de verdade e está ajudando a criança ela vai perceber que os pais dela estão se ajudando, que o pai está sempre ali ajudando a mãe e que a mãe também está ajudando o pai”.

O sujeito reconhece que as responsabilidades de lei e ordem são aspectos pertencentes à figura da mãe, percebendo que os aspectos à sua função são correspondentes a interação e cuidados com a gestação e a criança.

“Acho que a parte chata quem vai fazer mais é a minha esposa, ela é excelente, mas gosta de tudo certinho. Eu acho que esta questão do desenvolvimento, de educar lógico... Cobrança, educação, cobrar que a criança arrume os brinquedos, organizar a casa, ela vai fazer mais que eu, eu sou mais bagunceiro... gosto de brincar, de querer sentar e perguntar o que ela quer fazer, do

que ela quer brincar”.

Apresentação da tabela e discussão da categoria 4.

Sujeito	Reconhecimento da função
Pai 1	Sabe que a figura paterna é importante; Não reconhece que o que faz hoje poderá influenciar no desenvolvimento da criança; Não reconhece de que forma pode exercer sua função; O que exerce é percebido como insuficiente ou de pouco valor; Reconhece que poderá exercer sua função após o nascimento da criança; Não reconhece o valor de sua função paterna.
Pai 2	Sabe da importância da figura paterna; O que exerce é percebido apenas como ajuda; Não reconhece o valor de sua função paterna.
Pai 3	Sabe da importância da figura paterna e dá valor a isso; Percebe o que exerce como insuficiente, apenas como ajuda; Não reconhece o valor de sua função.
Pai 4	Percebe a paternidade como exigência natural do ciclo de vida; Não reconhece de que forma pode exercer sua função; Não consegue atribuir um sentido para a experiência da paternidade; Percebe sua função e contribuição como algo mínimo e insuficiente; Percebe que poderá exercer sua função após o nascimento da criança; Não reconhece o valor de sua função paterna.
Pai 5	Sabe da importância da figura paterna; Não se reconhece inserido no processo de transição; Percebe que no momento de transição pouco pode contribuir; O que exerce é percebido como insuficiente e de pouco valor; Percebe-se apenas como um suporte acessório; Reconhece que poderá exercer sua função após o nascimento da criança; Não reconhece o valor de sua função paterna.
Pai 6	Sabe da importância da figura paterna; O que faz hoje é percebido como tarefa; Não atribui valor ao pertencimento; Não reconhece o valor de sua função paterna; Reconhece que poderá exercer sua função após o nascimento da criança.
Pai 7	Sabe da importância da figura paterna; Reconhece sua função, atribui a ela valor e importância.

Quadro 6 – Apresentação de como os homens reconhecem o valor de sua função paterna - FONTE: (Criado pelas autoras deste trabalho)

Conforme o quadro demonstrativo, foram avaliadas as percepções dos homens com relação à função paterna, como eles reconhecem este papel. Os sujeitos apresentaram conteúdos manifestando que: sabem da importância da figura paterna na vida da criança e no suporte a gestante; o homem acredita que sua função será exercida somente após o nascimento da criança; a paternidade é percebida como uma exigência natural do ciclo de vida; o que o homem exerce no processo de transição é percebido por ele como insuficiente e de pouco valor; a função paterna não é atribuída de um sentido; sujeito não se reconhece inserido no processo de transição; não é reconhecido de que forma sua função pode ser exercida; não atribuem valor ao processo de pertencimento; não é reconhecido que o que exerce hoje poderá contribuir no desenvolvimento da criança; reconhecimento do valor de sua função e o não reconhecimento.

As percepções que representaram maior frequência entre os sujeitos referem-se a: perceberem a importância da figura paterna na vida da criança e apoio a gestante (pais 1, 2, 3, 5, 6 e 7), o que exercem é reconhecido como insuficiente ou de pouco valor (pais 1, 2, 3, 4, 5 e 6), não reconhecem o valor de sua função (pais 1, 2, 3, 4, 5 e 6), acreditam que poderão exercer sua função somente após o

nascimento da criança (pais 1, 4, 5 e 6) e não reconhecem de que forma podem exercer sua função paterna (pais 1, 4, e 5).

Através destes resultados, avalia-se que o homem não desconhece a importância de sua presença na vida da criança. Compreendem que através de sua figura poderão contribuir de alguma forma para o desenvolvimento dela. Talvez, esta seja uma das grandes experiências desconhecidas para o homem em processo de transição à paternidade, são desafiados pela experiência de compreenderem como podem tornar-se importantes e de que forma podem contribuir para construir um melhor desenvolvimento para sua criança. No entanto, nota-se que talvez, mesmo não compreendendo estas esferas, de como tornar-se importante, o homem sabe, de alguma maneira, que sua presença tem importância.

Fazendo um contraponto desta percepção com um dos resultados apresentados pelos sujeitos, analisa-se que o homem apresenta dificuldade para reconhecer de que forma pode exercer a sua função paterna. Novamente avalia-se a questão de não compreender como pode se fazer presente neste processo de transição. O homem demonstra dificuldade em construir uma perspectiva sobre seu próprio papel, em encontrar em suas ações valor ao que exerce. Vê-se sem muita atribuição e ação, percebem que sua função receberá um “start” a partir do nascimento da criança, e que a partir desta chegada iniciarão sua função paterna.

Analisa-se que as ações que o sujeito exerce durante o processo de transição e espera pelo bebê é percebido por ele como insuficiente e sem valor. Todo o suporte oferecido é visto como uma ajuda, um elemento apenas acessório. Não reconhecem que o apoio e suporte oferecido é base de sua função, reconhecendo este exercício como um elemento mínimo, e que pouco podem contribuir durante este processo.

Com base nestes dados, avalia-se que neste estudo o homem não reconhece o valor de sua função paterna, não reconhecem o valor e significado fortalecedor atribuído ao que exercem. O suporte oferecido, essencial para a vinculação entre pai e filho, como também, o suporte essencial para que a mulher possa exercer também sua função é percebido como um simples apoio. Mesmo sabendo que a figura do pai é importante na vida da criança e apoio a gestante essa função é reconhecida como mínima durante o processo de transição.

De acordo com Martins (2009), a paternidade é uma experiência acompanhada de elementos que envolvem a subjetividade, singularidade e aspectos sociais. Quando o homem está envolvido no processo de transição à paternidade ele se vê na condição de repensar o lugar que a figura masculina ocupa socialmente, ele se percebe na possibilidade de assumir uma função própria e inédita, e então existe a necessidade de repensar as condições e relações sociais e de poder que a figura masculina preenche socialmente. Repensando esta perspectiva social o homem reforça para si a percepção de que a mulher é melhor preparada para prover os cuidados da criança, desqualificando-se desta condição positiva.

Ainda considerando contribuições de Martins (2009), os homens demonstram perceber os cuidados oferecidos à criança como atividades pertencentes de modo mais efetivo pela figura feminina, percebendo-se sem muita atribuição neste processo de cuidados, assim como a mulher. Através desta percepção, avalia-se que se o homem encontra dificuldade em reconhecer suas responsabilidades e atribuições no processo de prover a criança de cuidados e afetividade, conseqüentemente, encontrará dificuldades para se reconhecer como figura participante e para reconhecer sua função, percebendo a mulher como principal personagem.

Segundo Vieira, Bossardi, Gomes, Bolze, Crepaldi e Piccinini (2014), por mais que consideremos o processo de mudança com relação à construção de uma nova perspectiva sobre a paternidade, ainda persiste a visão de que a função paterna recebe como principal atribuição prover a família financeiramente, e a mulher é vista como figura responsável pelos cuidados emocionais e afetivos.

Os autores mencionados acima ainda citam uma contribuição que corrobora a reflexão de Martins (2009), afirmando que ainda prevalece a visão de que os homens são incapazes de cuidar de suas crianças, levando-os a um reconhecimento frágil e empobrecido do reconhecimento de sua função, não os possibilitando desenvolver uma percepção e reconhecimento fortalecedor, como também, de não sentirem-se pertencente a este processo.

Segundo as contribuições dos autores, pode-se pensar que a partir desta perspectiva reforçada socialmente o homem encontra dificuldades para reconhecer

sua função, para reconhecer o valor de seu papel, sendo atribuído o valor de sua função somente como um apoio acessório e insuficiente.

4.6 Categoria 5: Como o homem percebe a função materna e se reconhece através desta figura o papel primordial no processo de vinculação e desenvolvimento da criança

Pai 1: Nota-se que o pai 1 apresenta uma dificuldade de identificar o valor que as figuras paterna e materna representam nesse processo inicial como forma de contribuição para o desenvolvimento da criança, percebe que esse papel será construído posteriormente ao nascimento, quando o bebê estiver mais velho e com uma personalidade inicialmente formada.

“Só consigo pensar no momento de agora, ele pequeno. Acho que isso daí é mais futuramente, quando eu ver ele já conversando, quando a gente ver uma personalidade desde pequeno, se ele for marrudo, se ele for bocudo, se ele for quietinho, mais ou menos assim... Eu não sei dizer ainda, só acontecendo mesmo, só estando no momento... pra frente a gente vai vendo como faz, um dia após o outro”.

Analisa-se que o sujeito apesar de ajudar nas atividades domésticas, não reconhece que essas pequenas ações poderá contribuir no desenvolvimento do filho, e com isso não atribui importância a sua figura nesse processo inicial, transpondo assim o valor para mãe, que considera uma figura mais afetiva.

“Acho que a mãe pode ajudar ficando do lado dele, conversando com ele o que é certo e errado, aconselhando ele sobre tudo o que há de bom para ele poder valorizar”, o sujeito percebe o pai como uma figura mais firme e rígida: “Vou mimar muito ele, mas vou sempre puxar a orelha dele. Imagino que vou me preocupar em ser amigo, igual como eu falei aconselhar que nada vem fácil e valorizar. Tem que valorizar tudo que está conseguindo agora”.

Pai 2: O pai 2 reconhece a diferença do exercício da figura materna e paterna, percebe como importante a divisão das responsabilidades entre essas

ambas figuras. Nota-se um reconhecimento do pai como uma figura relacionada à lei e ordem:

“Tem também a responsabilidade de educar da maneira certa, da criança fazer alguma coisa errada e eu falar que é errado, explicar o que é o certo, ensinar a respeitar os outros, ensinar tudo”,

Apesar de contribuir com as atividades domésticas, preparativos para a chegada do bebê, acompanhamento nas consultas e cuidados com a esposa, transpõe o valor para a mãe como uma figura principal que tem um grau maior de importância, sensibilidade, ternura, proteção e firmeza nesse processo, pelo fato de não reconhecer e não valorizar que suas ações são importantes para o desenvolvimento do filho.

“Muitas coisas que eu passei na vida eu acho que se eu tivesse a presença de um pai eu não teria passado, porque é uma presença masculina, é uma força a mais... É diferente porque o pai geralmente sempre é mais duro nas palavras, a mãe é sempre mais emotiva, sempre mais flexível... o pai tem um coração um pouquinho firme... ela já tá num amor danado com esse menino, então ela vai influenciar bastante, e ela é firme, se ela fala alguma coisa é aquilo que ela falou, ela vai cuidar bastante dele”.

Pai 3: Percebe-se que o pai 3 aparentemente vivencia a experiência da paternidade como sendo uma função compartilhada com a mãe.

“Eu me sinto feliz fazendo isso porque eu tenho muito essa ideia de que a gestação não é só da mulher, que somos os dois... o filho é dos dois, os dois irão compartilhar para o resto da vida, o pai e a mãe”.

Apesar de saber a necessidade de dividir as responsabilidades entre as figuras, ter uma participação efetiva através dos cuidados com a companheira e o bebê, acompanhamento nas consultas médicas e realização das atividades domésticas e a percepção que de alguma forma a sua interação com a criança ainda na barriga poderá influenciar no desenvolvimento do filho, demonstra valorizar minimamente suas ações realizadas e reconhecer que elas já representa a sua função como pai.

“... eu tento dividir o máximo já que eu não posso dividir o corpo e as dores, pelo menos ajudo da melhor maneira possível, aliviando assim o fardo dela... já que como eu não posso sentir fisicamente eu tento de alguma maneira ajudar”.

A partir dessa percepção, o sujeito transpõe o valor da figura materna como primordial, como uma figura essencial, mais afetiva para o desenvolvimento da criança, exerce mais funções e assume em maior grau as responsabilidades nesse processo do que ele.

“Lógico que independente de uma menina ou um menino irá influenciar demais, a figura da mãe eu vejo que é essencial para uma criança, essa questão que a mãe é um pouco mais fraterna, amorosa quando o negócio aperta... minha esposa vai contribuir muito na questão de mãe mesmo, mãe tem muitas palavras embutidas que o amor é intenso, questão mais de proteção, questão da amamentação, de ser ali uma coisa muito especial”.

Enquanto o pai representa uma figura de maior interatividade, lei e ordem.

“Vejo o pai que é muito assim na hora da brincadeira... proteger, de ensinar, de transmitir tudo aquilo que eu aprendi quando eu era criança também, de tentar colocar limites para que essa criança aprenda e tendo ali um conjunto de regrinhas...”.

Pai 4: O pai 4 reconhece que contribuir com as “tarefas” domésticas pode ajudar a esposa de alguma forma, porém apresenta uma dificuldade de reconhecer e valorizar a sua função paterna como parte integrante desse processo e com isso não se sente pertencente, atribuindo que suas ações são mínimas nesse período e que não tem influência no desenvolvimento do filho, transpondo assim todo o valor e reconhecimento a mãe como figura primordial neste processo.

A partir dessa visão, o sujeito apresenta dificuldade de vislumbrar o exercício da paternidade e perceber que a sua interação e envolvimento é importante para a construção de vinculação afetiva e desenvolvimento da criança neste processo.

“Com certeza a mãe é importante para o desenvolvimento da criança, eu acho que a mãe é até mais importante que eu... então acho que ele vai estar mais apegado com ela do que comigo... o afeto da mãe é mais do que com o pai... acho

que já vem de ligação, de quando a criança sai da barriga da mãe já tem um apego, já tem um afeto maior, dentro dos princípios... eu acho que ela tem que ter o papel dela de mãe, trocar, conversar com ele, falar as coisas que realmente tem que ser dita que é educação... acho que a mãe tem que ter um relacionamento direto com o filho, entendeu? Ele é mais próximo, ela tem que saber lidar com ele”.

Pai 5: O pai 5 exerce a sua função paterna contribuindo com os cuidados com a companheira, acompanhamento nas consultas médicas, realização das atividades domésticas e interação com o bebê na barriga, porém não reconhece o quanto isto é importante na sua interação com a criança, demonstrando não acreditar que este vínculo emocional será base para o desenvolvimento do filho futuramente, pelo fato da criança ainda não apresentar ainda uma estrutura de personalidade.

“... procuro interagir com a bebê... vejo sua barriga mexer, a gente troca ali algumas experiências... acredito que exista já um laço... mas neste momento eu sinto que tenho pouco a contribuir pelo processo, a não ser cuidar da mãe da bebê até o momento do parto e na recuperação dela após o parto também, acho que a minha participação vai ser a partir do momento do nascimento para frente, e assim eu vou conseguir com ações mostrar realmente o que é o meu papel de pai... neste momento eu acho que não tem relação nenhuma (refere-se a sua participação na gestação interferir ou influenciar o desenvolvimento da criança), por mais que ela me escute, ela não tem nenhum discernimento, é mais uma coisa de vínculo emocional do que uma coisa racional que possa contribuir com a essência dela”.

Com esta percepção, demonstra que suas ações realizadas estão em menor grau comparadas com as responsabilidades que a esposa assume, reconhecendo assim a figura materna como primordial nesse processo e a principal referência para a criança.

“Minha esposa pelo menos vai ter a missão inicial da maior parte do tempo do bebê... a principal linha de personalidade da bebê vai ser puxada pela mãe, seu primeiro exemplo, por ser a maior parte de convívio... tenho clara certeza que a mãe dela vai ser a principal referência, nem dá para ser diferente disso... acho que no mínimo que eu posso contribuir hoje para a bebê é o mesmo o que meus pais puderam contribuir para minha educação, rigorosidade, mas também sem esse afastamento emocional, sem perder laços, amizade. Amizade eu acho que é tudo,

tem sido tudo para mim e minha esposa, e eu acho que será tudo com relação a da bebê, tentar ser o mais amigo, ser mais amigo do que pai. Pelo menos eu acho que essa é a estratégia ideal a partir do momento, começar a discernir o certo e o errado”.

Pai 6: O pai 6 retrata sua contribuição através da realização de “tarefas” domésticas, cuidados e acompanhamento nas consultas médicas, porém mesmo preparando o ambiente para a criança através dos cuidados com a mãe, demonstra que suas ações tem um valor mínimo e não reconhece que sua função é importante.

Nota-se que com essa percepção, o sujeito transpõe o valor para a figura materna nesse processo e que considera com um grau maior importância para a criança, pelo fato de a mesma assumir mais responsabilidades e conseguir permanecer por um período mais longo com a criança, não reconhecendo que a importância da qualidade e dedicação na interação com a criança é uma forma de exercer sua paternidade, podendo repercutir positivamente no desenvolvimento do filho e não a quantidade de tempo em que é exercido.

“... lógico que a mãe tem uma função mais importante, porque ela acaba passando um tempo maior. Eu vou parar cinco dias do meu trabalho e ela vai parar cinco meses, então ela vai ter um contato maior com a criança, então esse convívio vai trazer muito mais coisas no início, e isso é muito importante... Eu acho que o mais difícil é conciliar tempo”.

Enquanto ao pai atribui a função de mais interatividade com a criança.

“... tentando ajudar o máximo possível e a meu ver, também preparar o ambiente para a criança, aquela coisa do lar, da parte do desenvolvimento, a interação, a brincadeira, tudo que você puder fazer e para ser o mais próximo possível”.

Pai 7: Percebe-se que o pai 7 apresenta uma participação efetiva através dos cuidados com a companheira e o bebê, o que permite se sentir pertencente a todo esse processo e adquirir a percepção de que o seu envolvimento e sua presença terá importância para a construção da vinculação emocional com o filho, bem como irá contribuir positivamente para o desenvolvimento futuro dele. O sujeito não transpõe o valor desse processo e a responsabilidade somente para a figura

materna, mas sim compartilha junto a esposa essa experiência.

“Quando você se mostra companheiro de verdade e está ajudando a criança ela vai perceber que os pais dela estão se ajudando, que o pai está sempre ali ajudando a mãe e que a mãe também está ajudando o pai”.

O sujeito atribui à responsabilidade, papel de lei e ordem e aspectos mais rígidos para a figura materna, enquanto a sua função como pai atribui uma figura mais interativa e focada nos cuidados.

“Acho que irei contribuir primeiro com o companheirismo, ajudando na gestação. Quando a bebê nascer contribuir naquela questão de cuidar, participar mesmo da educação, trocar, dar banho e ajudando nesses cuidados... eu creio que a criança mesmo estando na barriga da mãe já sente o carinho e a atenção”.

Apresentação da tabela e discussão da categoria 5.

Sujeitos	Transposição de papel
Pai 1	Transpõe o valor para a mãe como figura mais importante e afetiva, pelo fato de não reconhecer a importância de sua função e que suas pequenas ações poderá contribuir no desenvolvimento do filho.
Pai 2	Transpõe o valor para a mãe como uma figura principal que tem um grau maior de importância, sensibilidade, ternura, proteção e firmeza nesse processo; Não reconhece e não valoriza que suas ações são importantes para o desenvolvimento do filho.
Pai 3	Transpõe grande parte do valor de sua função para a figura materna, considerando que ela é mais afetiva, exerce mais funções do que ele e não reconhece que suas pequenas ações já representa faz parte de sua função.
Pai 4	Percebe a função materna como figura primordial, transpondo assim todo o valor e reconhecimento a esta figura neste processo; Dificuldade de reconhecer a sua função paterna como parte integrante desse processo e com isso não se sente pertencente.
Pai 5	Demonstra que suas ações realizadas estão em menor grau comparadas com as responsabilidades que a esposa assume, reconhecendo assim a figura materna como primordial nesse processo e a principal referência para a criança.
Pai 6	Demonstra que suas ações tem um valor mínimo e transpõe o valor para a figura materna nesse processo e que considera com um grau maior importância para a criança, pelo fato de a mesma assumir mais responsabilidades e conseguir permanecer por um período mais longo com a criança.
Pai 7	Não transpõe o seu valor para a figura materna, mas sim compartilha junto a esposa essa experiência; Acredita que sua participação efetiva irá contribuir positivamente para o desenvolvimento futuro do filho.

Quadro 7 - Apresentação das percepções de como o homem reconhece a função e importância da figura materna.

FONTE: (Criado pelas autoras deste trabalho)

Conforme dados obtidos, através de como os homens percebem a função

materna e se ele reconhece nela a figura primordial neste processo, foi identificado que os sujeitos de um modo geral transpõem o valor e importância de sua função para a figura materna primordialmente e a percebe como a referência principal para os cuidados do filho, sendo vista como a figura mais afetiva e protetora.

Através da perspectiva paterna, os sujeitos (pais 6 e 7) percebem que sua forma de atuação como pai será mediada através dos cuidados e interação com a criança, enquanto os sujeitos (pais 1,2 3) demonstram que irão apresentar uma postura mais rígida nessa interação. Para Benczik (2011), o pai vem adquirindo em sua função novos modelos de interação com o filho, no qual além de ser percebido como uma figura mais rígida, também se mostra mais participativo e interativo através do processo educativo e de brincadeiras.

A aquisição desses papéis é visto pelos autores Vieira et al. (2014), como um novo modelo de paternidade que vem se configurando atualmente, revelando o pai como uma figura mais participativa nos cuidados dos filhos, o que mostra uma expectativa de que em seu exercício possa interagir com o filho afetivamente, através de brincadeiras e com o processo educativo, mesmo não realizando essas atividades na mesma proporção que a figura materna.

Para Vieira et al. (2014), o pai também está contribuindo cada vez mais com as atribuições domésticas e estão mais envolvidos no processo de cuidados com os filhos e educação. Nota-se que os sujeitos (pais 1, 2, 3, 4, 5 e 6) demonstram uma dificuldade para reconhecerem a importância das simples ações que realizam, como as atividades domésticas, cuidados com a esposa e acompanhamento nas consultas, sendo que estas ações estão inseridas no exercício da paternidade, com isso transpõem o valor de sua função a figura materna como primordial nesse processo por acreditarem talvez que essa figura socialmente demonstra estar mais preparada para assumir esse papel com mais êxito.

Avalia-se que a partir da dificuldade de reconhecer a sua importância, os sujeitos não percebem que eles têm espaço para interagir com a criança de forma indireta, mesmo sabendo-se que o pai não apresenta aparentemente as mesmas condições biológicas e físicas do que a mãe durante o processo da gestação, porém tem o papel de oferecer suporte e preparar o ambiente para que a figura materna possa estar livre em seu tempo para atender as necessidades do bebê.

Analisa-se que a partir dessa falta de reconhecimento da função, o pai pode se sentir como uma figura secundária e não pertencente a esse processo de interação e estabelecimento de vínculo afetivo com o bebê, tanto quanto a figura materna. Segundo Freitas, Coelho e Silva (2007), a qualidade estabelecida no processo de vinculação emocional entre pai-bebê durante a gestação, irá contribuir para que a função paterna se torne ainda significativa após o nascimento da criança.

Para Piccinini et al. (2004), esta vinculação é construída de forma gradual, através de elementos e estímulos para que o pai se sinta mais preparado e capacitado para realizar e se envolver nas atividades que incluam essa espera do nascimento da criança ou presença do bebê, diferente da figura materna, que desenvolve um vínculo de imediato com o bebê.

Observa-se que somente um sujeito (pai 7) reconhece o valor de função, através de sua participação ativa e envolvimento com a gestação, valorizando assim o exercício de sua função como importante e fundamental.

Nota-se que quando o pai se sente pertencente a esse processo e compreende que todas as ações que realiza faz parte do exercício da sua função paterna, consegue estabelecer uma melhor vinculação emocional e interativa com o filho, na qual esses fatores são considerados significativos para o processo de desenvolvimento do filho no futuro. De acordo com Benczik (2011), o pai adquire uma função muito importante no exercício da paternidade, no qual o seu envolvimento e participação efetiva irão repercutir favoravelmente no desenvolvimento social e cognitivo do filho.

Os sujeitos (pais 1 e 5) apresentam a percepção de que só poderão contribuir para o desenvolvimento do filho posteriormente ao nascimento e quando ele constituir uma estrutura de personalidade inicial, o que pode representar que os pais ainda não se sentem pertencentes a esse processo, necessitando talvez de um tempo para a elaboração dessa nova função paterna, a fim de estarem mais preparados para darem significado e valor a sua presença. Segundo Cia et al. (2005), quando há restrição de cuidados e envolvimento do pai durante esse processo, o filho pode apresentar dificuldades em fases diferentes do seu processo de desenvolvimento infantil, podendo se estender e repercutir no período escolar, adolescência ou até na vida adulta.

5 CONCLUSÕES

O presente estudo teve como objetivo geral identificar os sentimentos relacionados e vivenciados pelo homem na paternidade, como também, teve como objetivos específicos avaliar qualitativamente como os homens sentem e percebem esta nova experiência, e também, descrever quais são as expectativas geradas para o exercício da paternidade e se os homens reconhecem o valor de sua função.

A hipótese formulada foi de que os homens ainda não reconhecem o significado fortalecedor de sua função paterna na participação durante o processo da gestação e no desenvolvimento de seus filhos. Entende-se por significado fortalecedor a oportunidade do pai preparar um espaço de acolhimento e oferecer segurança a díade mãe-bebê. Considerou-se ainda como hipótese que com esta percepção não construída o homem transpõe grande parte do valor e importância de seu papel para a função materna, considerando-a como principal influência no processo de desenvolvimento da criança.

Com base neste estudo, foi avaliado que os homens percebem dificuldades para expressarem seus sentimentos, devido aos desafios internos que a paternidade desperta, pois por não adquirem esta experiência através do campo físico e biológico demonstram dificuldades para tornar a experiência concreta. No entanto, avalia-se também que por mais que exista a dificuldade de elaborar e expressarem os sentimentos despertados pelo processo de transição há a presença da identificação do homem com a gestação. Pode-se avaliar que, mesmo diante da dificuldade de tornar esta experiência concreta, os homens conseguem, de forma gradual e dentro das dificuldades já mencionadas se envolverem e construir um significado para sua nova função.

Os sentimentos despertados nos homens dentro deste processo são de ansiedade, felicidade, medo, cobrança e insegurança.

Foi avaliado que os homens sentem e percebem que a construção de sua função será desenvolvida gradualmente, pois, através de suas experiências sociais e culturais não vivenciam um contato prévio com este processo de cuidado, assim como a mulher que culturalmente tem experiências prévias, como brincar de casinha

e boneca se aproximando desta percepção de cuidado.

Os homens percebem a experiência da paternidade como uma responsabilidade de provedor financeiro, reconhecendo este papel como uma função prioritária e de maior exigência social. Há também a percepção de que esta experiência exigirá maiores responsabilidades, e será necessário repensar formas de assumirem e exercerem esta nova função, adaptando-se as novas atribuições.

Foi analisado neste estudo que as expectativas presentes para o exercício da paternidade correspondem ao anseio da experiência desconhecida, exigindo maior adaptação e dedicação a partir das mudanças vivenciadas, como também, a expectativa de buscar referências de atuação através de modelos da família de origem que tiveram ou não, para conseguirem colocar em prática o exercício de seu novo papel.

Os sujeitos deste estudo não percebem que suas pequenas ações correspondem a sua função, através desta perspectiva o homem não reconhece o valor de sua função paterna, e consideram este exercício apenas como um elemento acessório e insuficiente para a contribuição no processo de gestação e desenvolvimento da criança.

Avalia-se que a hipótese formulada foi alcançada, pois, foi observado que os sujeitos transpõem primordialmente para a figura materna o valor de sua função, percebendo-a como a principal referência por prover afetivamente a criança, sendo a mais responsável pelo desenvolvimento dela. Com esta perspectiva os sujeitos deste estudo não se sentem pertencentes ao processo de vinculação com seu filho.

Avalia-se então que a transposição do valor de sua função paterna para a figura materna acontece pelo fato do homem não conseguir reconhecer o significado e valor de sua função, e o quanto esta poderá repercutir favoravelmente para o desenvolvimento do filho. Através desta perspectiva e não reconhecimento, o homem limita sua percepção ao reconhecer-se responsável tão somente por prover financeiramente a família.

A função paterna durante o processo de transição é exercida através do apoio que o pai pode oferecer à gestante, o que está relacionado ao valioso amparo que sustenta a base para que a mulher possa exercer sua função e de uma forma

indireta, através deste suporte, apoio e amparo o homem está construindo um cenário facilitador, acolhedor e fortalecedor para o desenvolvimento de seu filho.

Com esta pesquisa conclui-se que as figuras parentais não atribuem entre si uma função mais importante que a outra, mas sim que, tanto a figura materna quanto a figura paterna são de extremo valor e significado, considerando que cada função exercerá suas atribuições, e de forma natural estarão atuando simultaneamente para o desenvolvimento saudável da criança.

Analisa-se que todos os objetivos levantados inicialmente foram contemplados na construção deste estudo e proporcionou uma análise qualitativa e crítica sobre o tema abordado. No entanto, é importante considerar estudos futuros com instrumentos que aprofundem a análise, por exemplo, o procedimento de Desenhos de Família com Estória (DF-E), que poderia identificar demais conteúdos subjetivos que fossem significativos para melhor compreensão da pesquisa.

Entende-se também que um novo método adicional a ser inserido juntamente com o instrumento DF-E, para contemplar uma melhor avaliação dos fenômenos abordados na pesquisa realizada seria o acompanhamento dos sujeitos ao longo dos nove meses gestacionais, realizando acompanhamentos trimestrais com instrumentos específicos (questionários, entrevistas e testes psicológicos) para avaliar cada fase vivenciada. Percebe-se que este método é importante para identificar como o homem constrói gradualmente em cada fase a sua percepção diante de sua nova função. Nota-se também que esta forma de estudo pode ser utilizada para a iniciação de um mestrado.

Avalia-se que os conteúdos apresentados neste estudo são comprovados e embasados teoricamente, o que não supõe a dedução de dados, mas sim, um viés científico e teórico que garante a fidedignidade e a validação dos recursos de uma análise crítica e qualitativa.

É importante considerar que a pesquisa qualitativa irá trabalhar com aspectos subjetivos e objetivos, mas como cada abordagem tem uma percepção e análise diferente diante dos fenômenos, poderão identificar perspectivas diferentes de acordo com cada abordagem teórica.

Apona-se para futuras pesquisas relacionadas ao tema abordado, a importância de estudar de que forma a mulher atribui valor a figura paterna, bem como, de que forma ela permite que o homem possa se inserir e participar desse processo junto com ela.

Avalia-se que este estudo contribuiu para o campo científico através de uma nova perspectiva diante da paternidade, visto que muitos estudos encontrados para a construção desta pesquisa são direcionados para a figura materna, limitando considerações sobre a paternidade.

REFERÊNCIAS

- Almeida, M. B. V. B. (2007). *Paternidade e subjetividade masculina em transformação: crise, crescimento e individuação. Uma abordagem Junguiana*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. Recuperado em 11 de maio, 2015, de file:///C:/Users/Ra/Downloads/tese%20(2).pdf
- Aberastury, A. & Salas, E. J. (1991). *A Paternidade: Um Enfoque Psicanalítico* (3ª ed.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Alfandéry, H. G. (2010). *Henri Wallon*. Recife, Fundação Joaquim Nabuco: Editora Massangana.
- Amiralian, M. L. T. M. (2014). O pai nos dias de hoje e as consequências para o desenvolvimento. In C. D. Rosa, *E o pai?* (127-140). São Paulo: DWW Editorial.
- Araújo, N. M., Salim, N. R., Gualda, D. M. R., & Silva, L. C. F. P. (2012). Corpo e sexualidade na gravidez. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 46(3), 552-558. Recuperado em 02 de agosto, 2015, de <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v46n3/04.pdf>.
- Áries, P. (1981). *História social da criança e da família* (2ª ed.). (D. Flaksman, Trad.). Rio de Janeiro: LTC.
- Arruda, S. L. S., & Lima, M. C. F. (2013) O novo lugar do pai como cuidador da criança. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 4(2), 201-216.
- Benczik, E. B. P. (2011). A importância da figura paterna para o desenvolvimento infantil. *Psicopedagogia*, 28(85), 67-75. Recuperado em 11 de maio, 2014, de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoped/v28n85/07.pdf>
- Benjamin, A. (2004). *A entrevista de Ajuda*. (11ª ed.). (U. Correa Arantes, trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Bleger, J. (2003). *Temas de Psicologia: Entrevistas e Grupos* (2ª ed.). (R. Moraes, Trad.). São Paulo: Martins Fontes.

- Bornholdt, E. A., Wagner, A., & Staudt, A. C. P. (2007). A vivência da gravidez do primeiro filho a luz da perspectiva paterna. *Psicologia Clínica*, 19(1), 75-92. Recuperado em 11 de maio, 2014, de <http://www.scielo.br/pdf/pc/v19n1/06.pdf>.
- Borsa, J. C., & Nunes, M. L. T. (2011, janeiro/março). Aspectos psicossociais da parentalidade: O papel de homens e mulheres na família nuclear. *Psicologia Argum, Curitiba*, 29(64), 31-30. Recuperado em 20 de julho, 2015, de <file:///C:/Users/Ra/Downloads/pa-4524.pdf>.
- Bowlby, J. (1989). *Uma base segura: Aplicações clínicas da teoria do apego*. (S. Monteiro de Barros, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bowlby, J. (1990). *Formação e Rompimento dos Laços Afetivos*. (2ª ed.). (S. Monteiro de Barros, Trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Camacho, K. G., Vargens, O. M. C., Progianti, J. M., & Spíndola, T. (2010). Vivenciando Repercussões e Transformações de uma gestação: Perspectivas de gestantes. *Ciência e Enfermagem*, 16(2), 115-125. Recuperado em 11 de maio, 2014, de http://www.scielo.cl/pdf/cienf/v16n2/art_12.pdf.
- Campos, L. P. L. (2006). As repercussões psicológicas da gravidez no pai. *Mental*, 4(7), 148-160. Recuperado em 11 de maio, 2014, de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/mental/v4n7/v4n7a10.pdf>.
- Cervený, C. M. O., & Berthoud, C. M. E. (Orgs.). (2010). *Família e ciclo vital: nossa realidade em pesquisa* (2ª ed.). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Cia, F., D’Affonseca, S. M., & Barham, E. J. (2004, setembro/dezembro). A relação entre o envolvimento paterno e o desempenho acadêmico dos filhos. *Paidéia*, 14(29), 277-286. Recuperado em 11 de maio, 2014, de <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v14n29/04.pdf>.
- Cia, F., Williams, L. C. A., & Aiello, A. L. R. (2005). Influências paternas no desenvolvimento infantil: revisão da literatura. *Psicologia Escolar e Educacional*, 9(2), 225-233. Recuperado em 11 de maio, 2014, de <http://www.scielo.br/pdf/pee/v9n2/v9n2a05.pdf>.
- Conselho Nacional de Saúde – CNS (2012). *Sobre diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos*. Resolução nº 466/12, de 12 de dezembro de 2012 Brasília, DF: Ministério da Saúde. Recuperado em 14 de junho, 2014, de <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>.

- Dantas, C., Jablonski, B., & Féres-Carneiro, T. (2004, setembro/dezembro). Paternidade: Considerações sobre a relação pais-filhos após a separação conjugal. *Paidéia*, 14(29), 347-357. Recuperado em 11 de maio, 2014, de <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v14n29/10.pdf>.
- Dessen, M. A., & Oliveira, M. R. (2013). Envolvimento Paterno durante o nascimento dos filhos: Pai “real” e “ideal” na perspectiva materna. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26(1), 184-192. Recuperado em 11 de maio, 2014, de <http://www.scielo.br/pdf/prc/v26n1/20.pdf>.
- Faria, A. R. (1989). *Desenvolvimento da criança e do adolescente segundo Piaget*. São Paulo: Editora Ática S. A.
- Fiori, W. R. (1981). In C. R. Rappaport, W. R. Fiori, E. Herzberg (Orgs.). *Psicologia do desenvolvimento. A infância inicial: o bebê e sua mãe*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária.
- Freitas, W. M. F., Coelho, E. A. C., & Silva, A. T. M. C. (2007, janeiro). Sentir-se pai: a vivência masculina sob o olhar de gênero. *Cad. Saúde Pública*, 23(1), 137-145. Recuperado em 14 de novembro, 2015, de <http://www.scielo.br/pdf/csp/v23n1/14.pdf>.
- Gabriel, M. R., & Dias, A. C. G. (2011, setembro/dezembro). Percepções sobre a paternidade: descrevendo a si mesmo e o próprio pai como pai. *Estudos de Psicologia*, 16(3), 253-261. Recuperado em 11 de maio, 2014, em <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v16n3/07.pdf>.
- GIDEP/NUDIF (Núcleo de Infância e Família - UFRGS). (2004). *Entrevista sobre a gestação e o parto (pai) e Entrevista sobre a experiência da paternidade*. Porto Alegre.
- Gomes, A. J. S., & Resende, V. R. (2004, maio/agosto). O pai presente: O desvelar da paternidade em uma família contemporânea. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20(2), 119-125. Recuperado em 11 de maio, 2014, de <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v20n2/a04v20n2.pdf>.
- Guerriero, & Minayo. (2013, julho/setembro). O desafio de revisar aspectos éticos das pesquisas em ciências sociais e humanas: a necessidade de diretrizes específicas. *Physis Revista de Saúde Coletiva*, 23(3), 763-782. Recuperado em 25 de agosto, 2015, de <http://www.scielo.br/pdf/physis/v23n3/06.pdf>

Jager, M. E., & Bottoli, C. (2011). Paternidade: vivência do primeiro filho e mudanças familiares. *Psicologia: teoria e prática*, 13(1), 141-153. Recuperado em 11 de Maio, 2014, de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v13n1/v13n1a11.pdf>.

Krob, A. D., Piccinini, C. A., & Silva, M. R. (2009, abril/junho). A transição para a paternidade: da gestação ao segundo mês de vida do bebê. *Psicologia USP*, 20(2), 269-291. Recuperado em 11 de maio, 2014, de <http://www.scielo.br/pdf/pusp/v20n2/v20n2a08.pdf>.

Maldonado, M. T. P., Nahoum, J. C., & Dickstein J. (1979). *Nós estamos grávidos*. (2a ed.). Rio de Janeiro: Bloch.

Maldonado, M. T. P. (1985). *Psicologia da gravidez, parto e puerpério*. (7a ed.). Petrópolis, RJ: Vozes.

Martins, H. H. T. T. (2004). Metodologia qualitativa de pesquisa. *Educação e Pesquisa*, 30(2), 289-300. Recuperado em 15 de novembro, 2015, de <http://www.scielo.br/pdf/ep/v30n2/v30n2a07.pdf>.

Martins, A. C. (2009). Paternidade: repercussões e desafios para a área da saúde. *Revista Pós Ciências Sociais*, 1(11). Recuperado em 15 de novembro, 2015, de http://www.ppgcsoc.ufma.br/index.php?view=article&catid=72%3Arevista-2009-numero-11-&id=307%3Apaternidade-repercussoes-e-desafios-para-a-area-de-saude-&format=pdf&option=com_content&Itemid=114.

Mazzieri, S. P. M., & Hoga, L. A. K. (2006). Participação do Pai no nascimento e parto: revisão da literatura. *REME*, 10(2), 166-170. Recuperado em 16 de junho, 2014, de [file:///C:/Users/Ra/Downloads/v10n2a11%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Ra/Downloads/v10n2a11%20(1).pdf).

Menezes, C. C. (2001). *A relação conjugal na transição para a parentalidade: Da gestação ao segundo ano de vida do bebê*. Dissertação de Mestrado, Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul. Recuperado em 10 de junho, 2015, de <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/1952/000362263.pdf?sequence=1>.

Nogueira, J. R. D. F., & Ferreira, M. (2012). O envolvimento do pai na gravidez/parto e a ligação emocional com o bebê. *Enfermagem Referência*, 3(8), 57-66. Recuperado em 11 de maio, 2014, de <http://www.scielo.mec.pt/pdf/ref/vserIIIIn8/serIIIIn8a06.pdf>.

- Ocampo, M. L. S., & Arzeno, M. E. G. (2009). A entrevista inicial. In Ocampo M. L. S., Arzeno, M. E. G. & Piccolo, E. G. *O processo psicodiagnóstico e as técnicas projetivas* (pp. 15-45). São Paulo: Martins Fontes.
- Papalia, D. E., Olds, S. W.; & Feldman, R. D. (Orgs.). (2006). *Desenvolvimento Humano*. (8a ed.). (D. Bueno). Porto Alegre: Editora Artmed.
- Piccinini, C. A., Silva, M. R., Gonçalves, T. R., Lopes, R. S., & Tudge, J. (2004). O Envolvimento Paterno durante a Gestaçao. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(3), 303-314. Recuperado em 11 de maio, 2014, de <http://www.scielo.br/pdf/prc/v17n3/a03v17n3.pdf>.
- Piccinini, C. A., Lopes, R. S., Gomes, A. G., & Nardi, T. (2008, janeiro/março). Gestação e a Constituiçao da Maternidade. *Psicologia em Estudo*, 13(1), 63-72. Recuperado em 11 de maio, 2014, de <http://www.scielo.br/pdf/pe/v13n1/v13n1a07.pdf>.
- Piccinini, C. A., & Alvarenga, P. (Orgs.) (2012). *Maternidade e paternidade: a parentalidade em diferentes contextos*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Ronchi, J. P., & Avellar, L. Z. (2011). Família e ciclo vital: a fase de aquisiçao. *Psicologia em Revista*, 17(2), 211-225. Recuperado em 05 de maio, 2014, de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v17n2/v17n2a04.pdf>.
- Rosa, C. D. (2014). O pai em Winnicott. In C. D. Rosa, *E o pai?* (25-62). São Paulo: DWW Editorial).
- Santo, L. C. E., & Bonilha, A. L. L. (2000). Expectativas, sentimentos e vivências do pai durante o parto e nascimento de seu filho. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 21(2), 87-109. Recuperado em 20 de maio, 2015, de <http://seer.ufrgs.br/index.php/RevistaGauchadeEnfermagem/article/view/4330/2314>.
- Santos, A. C., Kreutz, C. M. (2014). O envolvimento do pai na gestação do primeiro filho. *Pensando famílias*, 18(2). Recuperado em 15 de novembro, 2015, de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v18n2/v18n2a06.pdf>.
- Silva, M. R., & Piccinini C. A. (2007, outubro/dezembro). Sentimentos sobre a paternidade e o envolvimento paterno: um estudo qualitativo. *Estudos de Psicologia*, 24(4), 561-573. Recuperado em 11 de maio, 2014, de <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v24n4/v24n4a15.pdf>.

- Silva, S. S. C., Pendu, Y. L., Pontes, F. A. R., & Dubois, M. (2002, setembro/dezembro). Sensibilidade materna durante o banho. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 18(3), 345-352. Recuperado em 11 de maio, 2014, de <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v18n3/a15v18n3.pdf>.
- Staudt, A. C. P., & Wagner, A. (2008). Paternidade em tempos de mudança. *Psicologia: Teoria e Prática*, 10(1), 174-185. Recuperado em 11 de maio, 2014, de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v10n1/v10n1a13.pdf>.
- Vieira, M. L., Bossardi, C. N., Gomes, L. B., Bolze, S. D. A., Crepaldi, M. A., Piccinini, C. A. (2014). Paternidade no Brasil: revisão sistemática de artigos empíricos. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 66(2), 36-52. Recuperado em 15 de novembro, 2015, de <file:///C:/Users/Ra/Downloads/854-3827-1-PB.pdf>.
- Vigotski, L. S. (2007). *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: Martins Fontes
- Winnicott, D. W. (1982). *A criança e seu mundo*. (A. Cabral. Trad.). Rio de Janeiro: LTC.
- Winnicott, D. W. (1990). *Natureza Humana*. (D. L. Bogomoletz. Trad.). Rio de Janeiro: Editora Imago.
- Winnicott, D. W. (1997). *A família e o desenvolvimento individual*. São Paulo: Martins Fontes.
- Winnicott, D. W. (1999). A imaturidade do adolescente. In D. Winnicott, *Tudo começa em casa* (3ª edição). (P. Sandler. Trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Zago, N., Carvalho, M. P., Vilela, M. P. C. (Orgs.). (2003). *Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação*. Rio de Janeiro: DP&A.
- Zornig, S. M. A. (2010). Tornar-se Pai, tornar-se Mãe: O processo de construção da parentalidade. *Tempo Psicanalítico*, 42(2), 453-470. Recuperado em 11 de maio, 2014, de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tpsi/v42n2/v42n2a10.pdf>.

APÊNDICE A - Questionário de Caracterização

Prezado Entrevistado,

Somos alunas do 10º semestre do Curso de Psicologia da Universidade de Santo Amaro (UNISA). Esta pesquisa tem por objetivo avaliar os sentimentos vivenciados pelo pai durante a gestação e as expectativas deste momento. Para tanto, estamos solicitando a sua colaboração e consentimento para a aplicação de um Questionário de Caracterização e um Questionário com perguntas abertas. Sua participação é de suma importância para a realização deste trabalho. Não é necessário colocar o seu nome nos questionários. A fidedignidade das respostas é condição essencial para a confiabilidade dos resultados da pesquisa. Pedimos que responda todas as questões e, se houver qualquer dúvida, podemos esclarecê-la de imediato. Asseguramos o sigilo absoluto da sua identidade e de suas informações. Desde já agradecemos a sua atenção e colaboração.

Muito Obrigado!

- 1) Idade: _____ anos
- 2) Escolaridade: _____
- 3) Estado civil: _____
- 4) Tempo de relacionamento conjugal: _____
- 5) Você tem filhos?
 Sim. Quantos? _____
 Não
- 6) Você está exercendo alguma atividade remunerada atualmente?
 Sim. Em que atividade / profissão? _____
 Não
- 7) Qual é a sua faixa de renda mensal?
 Não tenho renda atualmente

- () Até R\$ 500,00
- () De R\$ 501,00 até R\$ 1.000,00
- () De R\$ 1.001,00 até R\$ 2.500,00
- () De R\$ 2.501,00 até R\$ 4.000,00
- () De R\$ 4.001,00 até R\$ 5.000,00
- () Mais de R\$ 5.000,00

8) Nacionalidade:_____

9) Naturalidade:_____

10) Período da gestação:_____

APÊNDICE B – Entrevista Semidirigida

1. Eu gostaria que você me falasse sobre a gravidez da tua esposa/companheira. Conte-nos um pouco sobre como está sendo a experiência de se tornar pai pela primeira vez. (Caso não tenha mencionado): Você poderia me falar um pouco mais sobre.

Pretende-se avaliar de modo amplo como está a gestação e como o homem sente e percebe a paternidade, bem como, identificar os sentimentos relacionados e vivenciados neste processo.

2. Você ajuda a tua companheira neste período? Como / o que você faz? Como você se sente com relação à isto? Como você acha que poderá ajudar depois do nascimento do bebê?

Pretende-se avaliar se o homem sente-se pertencente ao processo de cuidados, interação e construção de vínculo com a criança, e se o sujeito atribui algum significado fortalecedor a sua função. Bem como, avaliar se existe alguma expectativa para o exercício da paternidade.

3. O que é ser pai para você? Como você se percebe e se descreve como pai?

Pretende-se avaliar como o homem sente e percebe a paternidade, bem como, identificar os sentimentos relacionados e vivenciados neste processo.

4. O que mais te agrada e o que mais é difícil neste novo momento?

Pretende-se avaliar como o pai vivencia o processo de transição a paternidade, e como ele percebe as dificuldades e satisfações inclusas neste processo.

5. Como você imagina que será sua vida após a chegada do bebê? Que tipo e interação você imagina ter com ele?

Pretende-se avaliar quais são as expectativas geradas para o exercício da paternidade.

6. Como você acha que sua companheira poderá influenciar no desenvolvimento de seu filho? E você como pai, como imagina que poderá participar e contribuir neste

processo de gestação e desenvolvimento?

Pretende-se avaliar se o homem transpõe para a mulher grande parte do valor e importância de seu papel como pai para a função materna primordialmente.

APÊNDICE C - Entrevista Aberta

7. Gostaria de Falar algo que acha importante e que não foi dito?

ANEXO A – Entrevista Pai 1

1. Eu gostaria que você me falasse sobre a gravidez da tua esposa/companheira. Conte-nos um pouco sobre como está sendo a experiência de se tornar pai pela primeira vez.

S: Para mim tem sido corrido, vou falar assim... assustador, mas num sentido bom. É tudo novidade.

P: Quando você diz assustador, você se refere ao que?

S: Ah tipo, como reagir, não sei como eu vou reagir quando o bebê nascer, quando minha mulher sentir dor. Eu fico com mais medo do que ela, falei para ela “você está com medo de sentir dor?”, ela respondeu que não. Já eu, estou com mais medo do que ela, fico imaginando como vai ser a cena.

P: O que você tem medo é da cena do nascimento?

S: Não, não é nem do nascimento, é... Eu não sei como dizer. Assim, é medo e ao mesmo tempo é bom. A sensação é de medo, mas é um medo bom.

P: E você acha que tem alguém preocupado com o que você sente?

S: Não, só eu mesmo.

P: E com o que ela sente, você acha que tem alguém preocupado?

S: Não, porque tipo, a gente fica junto, eu tô do lado dela e ela do meu, procuro o máximo deixar ela calma.

P: E você?

S: É que eu não sei como falar bem o que eu tô sentindo com relação a isso.

P: E você acha que seria importante falar sobre isso, sobre o que você sente?

S: Ah, pra conversar eu tenho amigo que, tipo, o que eu falo com eles é o que eles sentiam também. Eles dizem a mesma coisa, sentiram medo e também uma sensação boa. É tudo novidade né?

P: Como está a rotina dela com a gestação?

S: Ela tem bastante dor, ela tá indo duas vezes na semana ao médico.

P: Você consegue acompanhá-la nas consultas?

S: Não, por mais que eu queira. Até dá, mas eu procuro não dar motivo no serviço. Com relação a minha experiência de ser pai pela primeira vez, tá sendo, tipo, não é dizendo que a gente não queria, era para acontecer também. Tá sendo bom, tô gostando bastante.

2. Você ajuda a tua companheira neste período? Como / o que você faz? Como você se sente com relação à isto? Como você acha que poderá ajudar depois do nascimento do bebê?

S: Assim, na parte de casa sou eu que faço, ajudo bastante. Arrumo a casa, faço a comida, quando ela precisa buscar alguma coisa na mãe dela eu vou, pelo menos isso. Ah, antes de tá com ela eu já fazia isso né, porque praticamente eu sempre morei sozinho, a minha mãe trabalha fora, ela fica mais fora do que em casa né. A gente conversa bastante, pergunto para ela se tem alguma coisa que ela quer que eu faça e assim vai indo.

S: Quem vai ajudar mais o bebê é a mãe dela né, porque eu vou ficar bastante tempo fora no trabalho. Eu trabalho de vendedor em três lojas e sempre tô em uma delas, e uma delas fica em Santos, então tenho que ir para lá. Mas, sempre que der eu vou tá junto né.

P: E quando você estiver junto com o bebê, o que você acha que vai conseguir fazer junto com a sua esposa nesse momento?

S: Ah, cuidar, dar banho, fazer de tudo, tá próximo mesmo.

P: Você acha que vai ser importante sua participação?

S: É importante 100%, mostra que ela não tá sozinha.

P: Porque você acha importante estar junto e acompanhar nesse momento?

S: Ela não pode se sentir sozinha em momento algum, porque se não pode complicar para mim e para ela no relacionamento, tem até aquela depressão pós-parto né.

3. O que é ser pai para você? Como você se percebe e se descreve como pai?

S: É muita responsabilidade e muito dinheiro no bolso também, eu tenho dois sobrinhos pequenos e gasta bastante, ainda mais no momento que ele tá vindo agora, é um momento bom. Eu tô trabalhando, ganhando bem, entre aspas minha vida está se estabilizando.

P: Qual seria o momento ruim para o bebê chegar?

S: Se eu tivesse desempregado, não tivesse ninguém para apoiar a gente, aí seria muito ruim.

P: Quais as responsabilidades você acha que vai ter a partir de agora com a chegada da criança?

S: Ah, a verdade é que vai mudar muita coisa na minha vida né, desde sair, de ficar na rua conversando com os amigos, é muita responsabilidade e coisas boas também.

P: Consegue descrever quais são essas coisas boas?

S: Ainda não consigo porque ainda não foi né, não nasceu ainda.

P: E você consegue imaginar como seria?

S: Ah, eu me imaginava brincando com ele, entendeu? Ele chorando e sorrindo. Acho que ser pai é bom, é dar o possível, não demais para ele não ficar um menino mimado, mas o possível.

S: Na verdade assim, eu não consigo nem falar o que eu sinto porque eu não vi ele, eu acho que nos primeiros meses a sensação era de que ele nem existia, eu sabia que tava na barriga dela, entendeu? Eu tava ciente, mas para mim tá lá, tanto faz tanto fez. Depois dos meses eu fui me apegando, vê ele mexer, essas coisas. Depois do primeiro ultrassom dele, foi se tornando bom para mim, então melhor viver no presente agora e quando ele nascer, sair com ele, essas coisas.

P: Você acha que foi nesse momento em que você se considerou pai?

S: É, quando eu senti a sensação. Agora é verdade, agora tá mexendo.

P: Como era para você saber que ia chegar um bebê e não conseguir sentir que era de verdade?

S: Até então, a gente não tava junto, eu ia na casa dela e ela na minha. Passou dois meses e eu não via a barriga ainda, pensei “não deve tá, deve ser coisa da cabeça dela”. É estranho quando o bebê mexe, eu tô dormindo aí ele mexe, é estranho.

P: Quando nós falamos das responsabilidades, você comentou que iria parar um pouco de sair na rua para ficar mais em casa com ele, as responsabilidades que você relaciona é com relação a isso tudo que você trouxe ou tem mais alguma coisa que você vê como responsabilidade nesse momento?

S: Ah, de tudo né, querendo ou não a atenção vai ter que está redobrada para tudo, então não é que eu tô pensando que quero sair, sair é de menos. É como eu falei, tá sendo tudo novidade, tô fazendo coisa que eu nunca fiz. A coisa que tá passando na minha cabeça é mais ou menos isso.

4. O que mais te agrada e o que mais é difícil neste novo momento?

S: Ah, difícil não tem. Mas o que mais agrada é saber que ele tá chegando.

P: Não tem nenhuma coisa difícil que você passou?

S: O trabalho e a ansiedade de sair do serviço para ver ele, mas de resto nenhum problema.

5. Como você imagina que será sua vida após a chegada do bebê? Que tipo e interação você imagina ter com ele?

S: Vai ser o que eu acabei de falar. Vai ser corrido, bom, complicado porque nada é fácil, quando ele ficar doente. Acho que é isso. A interação com ele seria a que todo mundo ia ter se você é pai, ficar em cima adulando, beijando toda hora, se estiver dormindo acordar para agarrar.

P: Você já consegue imaginar o cheirinho que ele vai ter, o rostinho como vai ser?

S: Tomara que ele puxe o olho da mãe dele né, que é verde. Eu fico imaginando o cheirinho dele, a mãozinha, o pezinho, o olho dele.

P: Onde você imagina que irão passear juntos?

S: Ah, no momento eu não vou poder sair muito com ele, por ser recém-nascido, mas quando ele estiver grandinho, tipo, com um ano quero levar ele para a praia, para o parque, levar ele ou ela para fazer algo diferente.

P: Nós iremos fazer um exercício diferente agora, você vai imaginar como vai ser esse dia na praia, qualquer lugar diferente, você e seu filho.

S: Deixa eu ver... Estamos arrumando ele no carro na cadeirinha de bebê, ele chorando no caminho, chorando bastante, a gente chegando próximo da praia e falando com ele: “aquilo ali é praia, aquilo ali é bóia, aquilo ali um quiosque, aqui é água. Em um momento a gente vai falar para ele, “tá vendo isso, olha o tamanho. Tá vendo como é bonito?”, mais ou menos isso.

P: Você consegue imaginar qual o sentimento que você vai ter nesse momento?

S: Para mim eu acho que estarei, tipo, falando sozinho, mas vai ser muito bom.

6. Como você acha que sua companheira poderá influenciar no desenvolvimento de seu filho? E você como pai, como imagina que poderá participar e contribuir neste processo de gestação e desenvolvimento?

S: Eu acho que ela vai mimar muito ele, porque ela tem uma irmã pequena e ela já mima demais, então com ele vai ser a mesma coisa.

P: Como você acha que ela vai ajudar, não só quando ele for criança, mas pensando no desenvolvimento dele? Pensando no futuro, quando ele estiver mais velho.

S: Ah, eu não vou saber responder, porque não consigo pensar nele mais velho, só consigo pensar no momento de agora, ele pequeno. Acho que isso daí é mais futuramente, quando eu ver ele já conversando, quando a gente ver uma personalidade desde pequeno, se ele for marrudo, se ele for bocudo, se ele for quietinho, mais ou menos assim. Acho que a mãe pode ajudar ficando do lado dele, conversando com ele o que é certo e errado, aconselhando ele sobre tudo o que há de bom para ele poder valorizar, essas coisas.

P: E você como pai, como você acha que poderá contribuir para o desenvolvimento da criança?

S: Vou mimar muito ele, mas vou sempre puxar a orelha dele. Imagino que vou me preocupar em ser amigo, igual como eu falei, vou aconselhar que nada vem fácil, para ele valorizar e correr atrás. Tem que valorizar tudo que está conseguindo agora.

P: Como você pretende mostrar isso?

S: Por exemplo, se ele falar “quero um tênis”, eu vou falar para ele “então você vai ter que fazer isso e isso para conseguir”. Com 14 anos não vai trabalhar, então, por exemplo, você vai arrumar a casa.

P: E nesse processo de gestação que o bebê ainda não nasceu, mas a sua companheira já está grávida, você acha que pode fazer alguma coisa nesse momento que vai ajudar no crescimento da criança e no desenvolvimento dele?

S: Eu não sei dizer ainda, é como eu falei, só acontecendo mesmo, só estando no momento, porque assim eu ainda não consigo falar nada.

P: Você acha que é difícil poder imaginar como será no futuro?

S: Sim, bastante, para frente é um dia após o outro.

P: Você acha que o pai é importante na vida de uma criança?

S: Vou deixar vocês responderem, o que vocês acham?

P: Nós gostaríamos que você respondesse.

S: É óbvio que um pai é importante para um filho, eu não tive o meu pai, meu pai faleceu e muita coisa que eu falar aqui pode ser até besteira, mas meu pai morreu e eu cresci, sempre fui louco para ver o meu pai, mas ele nunca aparecia para mim, não conversava. E eu vou ser pai agora e ele poderia aparecer para me falar alguma coisa. Faz falta um pai para um filho. Você cresce se espelhando em um pai, eu cresci me espelhando no meu irmão. É um porto seguro ter um pai e uma mãe. Querendo ou não isso machuca a pessoa. Eu muitas vezes pensava “se eu tivesse

um pai ele faria isso para mim”, é o que eu quero mostrar para o meu filho também, fazer de tudo pra ele.

7. Gostaria de Falar algo que acha importante e que não foi dito?

S: Não, porque tudo o que vocês falaram, foi o que eu estava mais ou menos imaginando.

P: Se você pudesse definir em uma palavra o que representa esse momento da gestação, tudo que você está vivenciando, qual palavra seria?

S: Momento único.

ANEXO B – Entrevista Pai 2

1. Eu gostaria que você me falasse sobre a gravidez da tua esposa/companheira. Conte-nos um pouco sobre como está sendo a experiência de se tornar pai pela primeira vez. (Caso não tenha mencionado): Você poderia me falar um pouco mais sobre.

S: Ah, estou gostando, é uma experiência nova. Só que a ficha só caiu depois que a gente fez a primeira ultrassom. Só que tipo assim, a ficha não cai de uma vez, você precisa ter uma noção quando ele começa a se mexer mais, caramba “mó” responsabilidade, eu começo a pensar diferente. Muda totalmente o modo de pensar.

P: O que você acha que mudou?

S: A responsabilidade, antes de você fazer alguma coisa você pensa duas vezes antes, três vezes antes, “caramba eu não posso errar nisso daqui”, porque se eu errar nisso daqui não vai afetar só a mim. A minha esposa está sempre dependendo de mim, eu estou gostando dessa fase.

P: Ela teve alguma complicação durante esses meses de gravidez?

S: Não, a única complicação que ela teve é que ela tem a pressão alta, então a gente tem que está bem atento. Com relação à alimentação ela tem que ta medindo a pressão quase todos os dias, acho que é três vezes na semana, e a alimentação também, mas graças a Deus não ta dando alteração nenhuma. Só agora que ela está sentindo muitas dores nas costas porque o bebê ta encaixando, mas fora isso não teve nenhuma preocupação. Eu tinha medo dela engravidar porque a pressão dela antes era 15x6, agora está regulada. Geralmente a pressão fica bem alta na gravidez, mas agora ta bem regulada.

P: Mas e quando você descobriu que ela estava grávida e percebeu que apesar do medo que você sentia a gravidez tinha acontecido, como você ficou?

S: Eu continuei com medo, não tem como você saber. No primeiro mês muda muito porque ela não sabia que estava grávida, mas eu percebi que ela estava muito estranha, muito nervosa, chorava por tudo. A mulher muda muito, só que depois que vai passando o tempo que a gente vai se acalmando, a gente vê que não ta dando complicação nenhuma, todas as consultas estão acontecendo certinho.

P: Você acompanha sua esposa nas consultas?

S: Eu fui em todas as consultas dela, todas as ultrassons que a gente já fez eu estava junto.

P: E você considera isso importante? Participar de tudo é importante?

S: É importante porque não é só ela que tem dúvida, eu também às vezes tenho algumas dúvidas, aí eu vou e pergunto. Às vezes ela esquece de perguntar aí eu vou e pergunto. Eu gosto de estar acompanhando para ver se o bebê está bem, escutar a batidinha do coração dele.

P: Quando você fala que mudou e refere que teve uma época que sabia, mas não caiu a ficha. O que muda nesta situação, o que você sentiu?

S: É porque você começa a pegar amor por aquilo, é... Nossa, é meu filho que vai nascer. Nossa, é muito gostoso, muito legal.

S: Se tornar pai é uma mudança radical. Não é todo lugar que eu posso ir com ela, entendeu? Muda os lugares que a gente pode ir, muda aquelas coisas das primeiras roupinhas que a gente compra, o berço, a cômoda, a gente já viu fralda, já viu tudo já. A gente fica vendo as roupinhas, você fica imaginando o bebê, fico imaginando como é que ele vai ser, fico ansioso para ele vir. No começo da gravidez você fala que vai demorar para caramba, só que agora já está com sete meses e a gente fala "caramba, já passou tudo isso já".

2. Você ajuda a tua companheira neste período? Como / o que você faz? Como você se sente com relação à isto? Como você acha que poderá ajudar depois do nascimento do bebê?

S: Ah, eu estou ajudando em tudo, porque eu e a minha esposa somos assim, nós estamos juntos 24 horas. O meu serviço não é um serviço pesado, trabalho com decoração, ela vai comigo. Ela saiu do serviço dela para ficar comigo, então estou com ela 24 horas, tudo que ela tem dificuldade de fazer eu estou ali para ajudá-la. Quando ela fala "ah eu estou precisando disso", aí eu vou e faço o que ela precisa. Em casa também, como ela fica o dia inteiro comigo eu ajudo ela também, então a gente fica vinte e quatro horas juntos. É um ajudando o outro, é uma troca de favores. Eu gosto de ajudar.

P: Você se sente às vezes cansado? Que sentimento te desperta?

S: Não, às vezes cansa, porque como eu dirijo o dia inteiro as coisas mais pesadas sou eu que faço, então eu lido com trânsito, eu lido com cliente, com orçamento e

com tudo. E chegar em casa e ter que me preocupar para comprar isso, me preocupar para arrumar aquilo, vou ajudar ela a arrumar a casa. Vou fazer isso, fazer aquilo, às vezes cansa. Ah, mas é bom, porque eu vejo que ela está bem.

P: Quando a gente pergunta sobre o que você faz para ajudar você traz uma presença muito forte, o que ela precisa você demonstra fazer. Para nós também é importante compreender que ações você faz para ajudar, o que você faz, de que forma você faz. O que e como você acha que está ajudando?

S: Ah, ajudo, porque por parte da minha esposa a preocupação maior dela é arrumar a casa, porque com relação ao trabalho ela vai comigo, se ela precisa de dinheiro eu dou para ela. É mais na parte das tarefas de casa que eu ajudo.

P: Você faz as tarefas de casa com ela?

S: Ajudo, ela não tem outras preocupações, tanto é que a minha esposa e a mãe dela estão sempre juntas. A mãe dela ajuda muito, tem coisa que eu não ajudo porque é só entre ela e a mãe dela. Tem coisas que ela só fala para a mãe dela. A mãe dela já tem experiência e a gente mora perto da casa da mãe dela. Agora sobre a forma que posso ajudar depois que o bebê nascer... Teoricamente eu acho que, é... Sei lá. Quando o bebê tiver com fome esquentar um leite para ele, trocá-lo, dar um banho nele, levá-lo Ao médico. Levar minha esposa também ao médico. Acho que é isso, porque com relação à experiência eu não sei muito como funciona isso, entendeu? Então eu vou aprender com o tempo.

P: Pensando mesmo no que você imagina, no que você pensa em como irá acontecer, porque você acha que, por exemplo, dar banho e mamadeira pode ajudar ou ser importante?

S: Ah, pode ajudar bastante, depois que o bebê nascer minha esposa estará cheia de pontos, então ela não pode está se movimentando muito. E ela amamentando estará bem cansada, acho que eu fazendo isso já não vai cansá-la tanto, já serei uma ajuda para ela e também é bom, que eu estou ali em contato.

3. O que é ser pai para você? Como você se percebe e se descreve como pai?

S: Ser pai acima de tudo é, como a bíblia diz, são heranças de Deus, então temos uma herança, algo que é um presente de Deus. Algo inesperado, é um sentimento muito bom. É uma responsabilidade, assim como eu falei no começo, antes de fazer alguma coisa eu penso dez vezes antes, não pode errar. Não é mais como antes

quando eu estava na adolescência, não é mais aquela vida a dois. Agora são duas pessoas dependentes de você, e uma delas é indefesa. Para mim, ser pai é isso.

P: Com relação às responsabilidades, você acha que tem mais alguma coisa que, conforme vai passando por esse processo você assume outras responsabilidades?

S: Claro, uma responsabilidade a parte, porque quando o bebê tiver doente tem que levar ao médico, tem que cuidar dele em casa, tomar cuidado com friagem, tomar cuidado em dar remédio errado. São muitas coisas.

P: Como você se percebe e se descreve como pai?

S: Acho que vou ser um pai comunicativo com meu filho, um pai que brinca, porque eu sou brincalhão. Em casa terão duas crianças. Eu não sei responder direito isso, porque eu não tenho a experiência ainda, só tem a parte teórica, a prática eu ainda não sei nada.

P: Se você pudesse se imaginar com seu filho nesse momento e tivesse um dia com ele. Se você pudesse descrever como seria essa interação, o que você diria?

S: Eu imagino nós dois juntos, brincando de carrinho. A gente já tem um monte de carrinho, brinquedos, eu só fico imaginando eu brincando com ele, eu viajo.

P: Vamos imaginar um dia você chegando em casa do trabalho, pense que seu filho já nasceu, como será esse encontro, como será esse dia?

S: Eu já imaginei isso, eu já até comentei com a minha esposa. Quando eu for sair para trabalhar vou fazer o serviço rapidinho para voltar o mais rápido possível para ver meu filho, para ficar com ele, para ficar junto dele. Eu já imaginei tudo isso, mas por enquanto está só no teórico.

P: Como é lidar com esta imaginação?

S: Eu fico ansioso, eu estou ansioso porque já está se aproximando a data dele nascer e a gente foi fazer a última ultrassom e deu para ver direitinho o rosto. Agora a gente vai fazer a 3D, só que eu estou ansioso para ver o rostinho dele, pois só de tocar na barriga ele já começa a mexer, só de conversar com a minha esposa, imagina quando ele tiver comigo, entendeu? Já gosta de mim já, (risos).

4. O que mais te agrada e o que mais é difícil neste novo momento?

S: O que eu mais gosto é que só de encostar na barriga da minha esposa ele já começa a chutar, na hora que ele escuta minha voz ele já começa, quando eu encosto ele já começa a mexer. E o que eu menos gosto é que muda muito a mulher, ela fica muito estressada. A mulher chora por tudo, qualquer coisa ela fica

chorando. Qualquer coisa ela fica nervosa. Acho que é por conta da pressão, isso que me deixa mais estressado, mas fora isso, não existe mais nada.

P: Isso afeta muito o relacionamento de vocês?

S: Um pouco, porque é muito estresse. Sei lá... Até você se adaptar a isso você fala "que menina folgada". É, relacionamento não é fácil, você precisa abaixar a cabeça para o outro, é difícil. Tem que engolir muita coisa para nós não ficarmos brigando, isso deixa ela mais estressada.

P: Você acha que tem espaço para falar sobre o que você sente, o que te incomoda e o que te desagrada?

S: Consigo ter isso sim, se ela não me der espaço eu falo do mesmo jeito.

P: Você tem esse espaço para falar somente com a sua esposa?

S: Isto, é com ela, nós temos uma amizade íntima. Eu não tenho mais oportunidade para falar com outras pessoas, essa intimidade é mais do casal mesmo, se não conversar não se acerta.

5. Como você imagina que será sua vida após a chegada do bebê? Que tipo e interação você imagina ter com ele?

S: Imagino que será uma alegria a mais. Sem explicação.

P: O que você acha que pode mudar depois que ele nascer?

S: O que vai mudar vai ser a relação em casa, porque tem uns amigos que fala que muda bastante a relação. A esposa tem o tempo para se dedicar só para o marido e só cuidar do marido. Só que agora 80% será o filho e 20% o marido. O pessoal comenta bastante isso. Eu vou dedicar uma parte para o trabalho e outra parte para igreja e principalmente para meu filho, em primeiro lugar será ele, todo o meu tempo, todo investimento e tudo a ele.

P: Então isso é uma das coisas que vai mudar, sua dedicação?

S: Isso vai mudar. Sabe porque tenho essa percepção? Porque eu sou uma pessoa que não convivi com o meu pai, só seis ou sete anos. No meu pensamento eu quero ser o pai que eu não tive, eu não sei como é o convívio entre pai e filho, às vezes eu vejo minha esposa conversando com o pai dela e eu acho bonito. Eu não sei falar aquela palavra pai, nunca tive pai, então eu quero que meu filho tenha isso que eu não tive.

P: Você acha que essa figura seria importante hoje?

S: Sim, com certeza. Porque muitas coisas que eu passei na vida eu acho que se eu tivesse a presença de um pai eu não teria passado, porque é uma presença masculina, é uma força a mais. Se o pai fala com a criança já é diferente de um pai que não fala. Minha mãe tem eu e meus irmãos, então é muita coisa para uma pessoa só. Então eu quero dar para o meu filho o que eu não tive, por isso que eu tenho todo esse amor, toda essa preocupação, de pensar mil vezes antes de fazer alguma coisa, porque lá na frente não será somente eu que vou sofrer com as consequências se alguma coisa acontecer de errado. É igual no trânsito, eu era muito estressado, e agora eu vejo que a minha esposa está grávida e eu já mudo nesse aspecto, já vai mudando os pequenos detalhes.

P: Quando você se refere a diferença de uma mãe falar e de um pai falar, que diferença você relaciona?

S: É diferente porque o pai geralmente sempre é mais duro nas palavras, a mãe é sempre mais emotiva, sempre mais flexível. Quando o filho começa a chorar ela já fica com dó. O pai não, se o filho chorar o pai fica ali, claro que depois ele vai dar um carinho, o pai tem um coração um pouquinho firme.

P: Você acha que isso é importante na relação entre pai e filho?

S: Acho importante porque antes de fazer alguma coisa ele vai pensar, “se eu fizer isso meu pai vai brigar comigo. Minha mãe vai brigar comigo, mas depois vai passar a mão na minha cabeça”.

P: Que tipo de interação você pretende ter com o seu filho?

S: Sempre vou tentar levá-lo para o parque, para a igreja. Quero levá-lo para todos os lugares que eu for, eu quero estar com ele, principalmente depois que ele parar de mamar, em todo lugar que eu for vou querer levá-lo.

P: Vamos agora fazer um exercício diferente, vamos imaginar que seu filho já nasceu, ele já parou de mamar e você vai ficar um dia com ele. Para onde vocês estão indo? Como que está sendo esse passeio? Vocês estão indo de carro ou caminhando? Conte-nos um pouco sobre como está sendo esse passeio.

S: O que eu sempre sonhei é levá-lo para a quadra para ficar brincando com a bola, sempre sonhei com ele correndo e chutando a bola. Penso em pegar ele e colocar no carro, ir para cima e para baixo com ele, mas principalmente vê-lo jogando bola. Nunca fui de jogar bola, mas quero que ele faça. Queria comprar uma motinha para ele brincar no parque. Nós estamos até querendo comprar uma bicicletinha para ele. Meu filho nem nasceu ainda e a gente já tá programando, se vocês verem o tanto de

brinquedo que ele já tem vocês não acreditam, eu comprei, a mãe dele comprou e a avó dele comprou.

6. Como você acha que sua companheira poderá influenciar no desenvolvimento de seu filho? E você como pai, como imagina que poderá participar e contribuir neste processo de gestação e desenvolvimento?

S: A minha esposa tem uma característica de ser muito protetora, acho que essa proteção dela vai ajudar bastante. Comigo ela sempre foi protetora, mesmo na época que a gente namorava, eu fico imaginando, ela sempre cuida de mim, sempre tem uma comida ou roupa lavada, ela vai ser o dobro com o filho dela, porque ela já ta num amor danado com esse menino. Então ela vai influenciar bastante, e ela é firme, se ela fala alguma coisa é aquilo que ela falou, ela vai cuidar bastante dele.

P: Você acha que uma mãe tem muitas responsabilidades com a criança?

S: Tem, desde a hora que ela está grávida até o bebê nascer e crescer, desde o primeiro momento eu acho que a responsabilidade dela começa, porque ela não pode fazer as mesmas coisas que fazia antes, a minha esposa pegava peso, subia e descia a escada correndo, ela se alimentava somente de lanches, por isso que ela tem problemas com a pressão. Ela começou a cuidar da alimentação, não é algo que ela fazia só por ela, mas ela já começou a fazer pelo bebê, para o bem do bebê. A responsabilidade dela é essa.

P: Quais responsabilidades você acha que o pai tem diferentes das responsabilidades da mãe?

S: Eu acho que tem. A minha responsabilidade é sair e correr atrás para trazer o sustento para casa, o bebê já vai depender 100% de mim nessa questão, porque minha esposa não trabalha. E tem também a responsabilidade de educar da maneira certa, da criança fazer alguma coisa errada e eu falar que é errado, explicar o que é o certo, ensinar a respeitar os outros, ensinar tudo.

P: E como você imagina que pode participar e contribuir no processo de gestação e também de desenvolvimento da criança?

S: Na gestação como a mulher muda muito, então tem coisas que eu escuto e fico calado, já para não passar nervoso e passar para a criança também. Também acho que contribuo na parte de ir ao médico quando minha esposa tem consulta, vejo o horário que é e levo ela sempre no médico, todas as consultas. Se ela precisa de um remédio eu vou e compro o remédio, se ela quiser comer alguma coisa, porque

direto ela quer, aí eu vou e compro tudo o que ela tem vontade. Se ela me fala que quer comprar alguma coisa para o bebê eu compro. Isso deixa a mulher feliz. Tudo que ela pedir se eu perceber que está na medida do possível eu faço.

P: Você trouxe que sua esposa tem muitos cuidados.

S: Sim, por conta da pressão dela.

P: E você como pai, também precisa de algum cuidado? Você acha que precisa conversar com alguém sobre sua nova experiência?

S: Eu não, porque eu sou durão, entendeu? Então para mim está tudo tranquilo, não passei nenhuma dificuldade nessa gravidez, a maior preocupação era a pressão alta da minha esposa, a única preocupação era essa. Na hora do parto, nossa... A preocupação é nessa hora, a do parto. A pressão não pode subir muito porque é perigoso, mas fora isso não tenho nenhuma outra preocupação. Minha preocupação mesmo é com a saúde dela, se ela está bem o bebê também está bem.

P: Você acha que o que você faz hoje por ela e pela gestação terá alguma influência lá na frente? Quando seu filho não for mais um bebê, e se tornar um jovem e depois um adulto?

S: Acho que sim, porque em algumas consultas a médica falou que tudo o que a mãe sente o bebê sente também, entendeu? Acho que se tiver uma gravidez tranquila o bebê vai ser um bebê tranquilo, conseqüentemente naquela tranquilidade vai crescendo, crescendo, e não será uma pessoa agitada, nervosa ou histérica. Acho que influencia sim.

S: Para finalizarmos, se você pudesse traduzir em uma palavra o que é ser pai, qual palavra você diria?

S: Cuidar.

7. Gostaria de Falar algo que acha importante e que não foi dito?

S: Não.

ANEXO C – Entrevista Pai 3

1. Eu gostaria que você me falasse sobre a gravidez da tua esposa/companheira. Conte-nos um pouco sobre como está sendo a experiência de se tornar pai pela primeira vez.

S: A gravidez em si tem sido um pouco complicada pelo aspecto das novidades. No começo ela (esposa) sentiu bastante enjoos e depois foi mudando, agora os enjoos pararam um pouco e ela sente bastante dores na barriga, na coluna e costas. Toda vez que aparece uma coisa nova a gente considera uma novidade, com isso ficamos bem receosos porque é tudo novo. Nós moramos sozinhos, então ficamos bem aflitos cada vez que acontece uma novidade, mas quanto a esse aspecto físico eu estou acompanhando minha esposa. Agora no aspecto de emoção estamos todos super felizes, tanto eu como ela, tudo é novidade e estamos curtindo bastante, é a maior experiência que a gente teve como casal até hoje.

S: Está sendo muito especial, porque é uma coisa que eu não vou dizer assim que eu sempre quis, é uma coisa que a gente, eu pelo menos, comecei a imaginar depois do momento que eu decidi e a gente decidiu como casal. Quando eu era mais jovem e solteiro eu imaginava que um dia eu poderia ser pai, ficava pensando que um dia queria ter tantos filhos, mas depois que a gente se casou e viveu um tempo juntos, tomamos a decisão juntos e tornou assim prioridade máxima termos um filho. Para mim, principalmente como pai está sendo fantástico saber que estamos esperando ele nascer, que eu vou ter um filho. Começamos a pensar em tudo que vai ter que fazer quando ele chegar e como teremos que se comportar e preparar para estar tudo pronto quando ele chegar. Está sendo uma experiência fantástica.

P: Que fator fez você perceber que agora era possível ser pai?

S: Um dos principais fatores foi à questão da religião, não a principal, mas foi um fator porque nós somos católicos e a gente aprende desde pequeno que a partir do momento que se casa, lógico que não só por causa disso, mas um dos objetivos seria constituir uma família, na qual se entende como o pai, a mãe e os filhos. Então, esse foi um dos fatores, que fez tomar essa decisão, que a gente não é só um casal, mais precisa constituir uma família, crescer e ter antecedentes. Depois de um tempo de casados nós pensamos, olhamos um para o outro e vimos que já tínhamos a

casa, estávamos construindo as coisas juntos e estabilizados com os dois trabalhando. Saíamos para trabalhar e quando chegava o final de semana ficávamos na casa dos nossos pais, percebemos que gostávamos muito dos nossos sobrinhos, se pudéssemos ficaríamos o tempo todo com eles e percebemos que a gente queria ter um filho.

P: Sentiu que estava faltando alguma coisa?

S: Estava faltando alguma coisa, exatamente!

P: Considerando esses aspectos, quais são os sentimentos que você tem ou teve quando soube que iria ser pai pela primeira vez?

S: Posso dizer que o principal sentimento nesse momento que eu estou vivendo agora na gestação é a preocupação, é um sentimento bem forte, porque por tudo que a gente observa no dia a dia na sociedade, de como as coisas acontecem e tudo que está em volta da gente, como a violência, por exemplo, eu já penso muito lá na frente, pois um dia meu filho vai ter que sair sozinho e depois fazer as coisas, fico pensando como que eu vou conseguir lidar com isso e deixar, eu vou querer proteger e esse é um dos sentimentos. É muita preocupação de como vai ser as coisas, tem os sentimentos de carinho, amor e muito grande de espera e ansiedade, estou muito ansioso. Fico brincando que não vejo a hora de vê-lo, tem o sentimento junto de preocupação, ansiedade, carinho, muda bastante coisa.

P: É uma preocupação que foge da sua alçada de proteger?

S: Exatamente! Porque eu já fico aqui pensando como vai fazer as coisas, de quando for recém-nascido, para que aprenda do mesmo jeito que eu fui educado. Penso em usar os mesmos recursos, um pouco do que minha mãe e meu pai passaram para mim. Eu também quero conseguir passar, eu considero que eu tive uma boa educação. Penso que não é a mesma época, então como eu fui não é mais para ele, ele vai ter um monte de coisas novas de internet e que eu não tinha acesso a isso, e que não adianta eu querer esconder ou bloquear isso se não ele vai crescer diferente dos outros. Vai chegar uma hora que não vai ter as mesmas possibilidades se eu privar de algumas coisas que eu sei que ele tendo vai correr o risco de ter acesso a muitas outras coisas.

P: Você diz que quando ele for recém-nascido você pensa no que vai fazer, e também pensa no que fazer quando a criança completar um ano de idade. Você imagina como será em cada fase com ele?

S: Acho que penso muito em dar a educação melhor possível, lógico quando ele for recém-nascido irei acompanhar, tentar fazer essas coisas lúdicas de pesquisa de internet que vemos nas reportagens, na qual as psicólogas e as professoras falam que nessa idade é bom que faça isso. A gente quer tentar fazer todo o possível, porque acredito que dê muito certo. Nós temos parentes e primos que são pedagogos, uma delas teve uma filha há pouco tempo e nós pensamos às vezes que ela está usando a filha como experimento, porque segue na risca, mas vemos a evolução de uma criança que se desenvolve, como ela começa a falar, como já consegue fazer as coisas e às vezes vemos outros parentes que tem filhos que deixam correr solto e com isso, sentimos a diferença entre eles. O recém-nascido precisa ser acompanhado, é necessário estar presente mesmo tendo dificuldade do trabalho que ocupam bastante a vida, e depois conforme ele for desenvolvendo a fala é preciso pensar muito na escola, na educação, qual escola irá colocá-lo, se ela tem essa educação e se ele terá possibilidade de desenvolver outras línguas. Nós pensamos como casal em tentar dar tudo na fase adequada de acordo com o que os especialistas afirmam que é importante, mas também pensamos em não atropelar.

2. Você ajuda a tua companheira neste período? Como / o que você faz? Como você se sente com relação à isto? Como você acha que poderá ajudar depois do nascimento do bebê?

S: Eu tento ajudar no máximo porque é só agora que eu estou sentindo na pele, para quem está grávida que sabe, não adianta falar que é porque nós não sentimos as dores, eu tento ajudar no máximo, mas eu vejo que mudou muito a rotina dela, e ela mudou muito. O que ela fazia, não faz mais, o que ela gosta, não gosta mais e coisa que ela não gostava, agora gosta. Então é uma coisa de louco, tenho que estar muito atento, acompanhar, eu tento deixar que ela se esforce o mínimo possível, então alguns afazeres da casa que exija um pouco mais de força física eu sempre tenho que entrar na frente para não deixar de repente um esforço que possa ocasionar alguma coisa mais grave que a gente escuta falar por aí. Ela trabalha e tem que sair cedo, pegar ônibus lotado no horário de pico, então sempre que eu posso eu vou levá-la até o trabalho de carro, é difícil porque esses lugares são um pouco diferentes e a minha profissão por não ter local fixo, eu posso trabalhar em uma cidade ou em outra, dependendo de onde tem e onde precisam dos meus serviços eu tenho que ir, então eu viajo bastante, porque sou técnico de

manutenção. É difícil falar que todo dia vou levá-la de manhã ou que todo dia irei buscá-la à tarde no serviço para ela não precisar pegar ônibus, mas sempre que eu posso eu faço isso, porque ela fala coisas horríveis dos ônibus, que às vezes tem que ir em pé, porque ninguém lhe dá lugar. Então eu fico imaginando as cenas e não consigo aceitar, por isso eu vou e busco. Em casa tento ajudar fazendo as coisas mais pesadas, ela sente muitas dores, então faço massagem no pé, nas costas e na coluna dela, coloco os travesseiros nas costas, pois ela vira muito a noite, você sempre tem que estar atento, toda hora uma coisa diferente.

E: Como você se sente fazendo isso?

S: Eu me sinto feliz fazendo isso porque eu tenho muito essa ideia de que a gestação não é só da mulher, que somos os dois, então não pode deixar tudo. Como o homem fica sem tanta responsabilidade no corpo em si, pois o bebê está na barriga da mãe, ela que sofre as dores, tem os enjoos, é com ela que acontece tudo, tudo com ela, então fica aquelas histórias de que o homem não sofre tanto. Então o tempo todo tento dividir ao máximo para fazê-la entender que não está sozinha, mesmo que ela possa sentir as dores do parto e os enjoos, eu tento dividir o máximo já que eu não posso dividir o corpo e as dores, pelo menos ajudo da melhor maneira possível, aliviando assim o fardo dela, dividir a gravidez entre os dois, porque de fato os dois estão grávidos, não é só da mulher, mas é do homem também, já que como eu não posso sentir fisicamente eu tento de alguma maneira ajudar.

P: Quando você ajuda você se sente grávido também?

S: Sim! Muito, muito. Eu gosto dessa sensação de tentar me sentir grávido também, porque estão os dois. Quando me perguntam: “a sua mulher está grávida?” Digo que nós estamos, os dois, o filho é dos dois, os dois irão compartilhar para o resto da vida, o pai e a mãe. Mas eu me sinto muito, muito, muito, quando às vezes ela me liga que a gente está longe, ela conta que: “aconteceu isso, agora me deu uma dor assim, acabei de almoçar e agora está me dando uns enjoos”, se eu pudesse largar tudo o que eu estou fazendo e ir para ver o que está acontecendo. Às vezes já aconteceu dela fazer uma ultrassonografia e eu não estar presente. Eu tento estar presente em todas, por conta do trabalho eu não estava, eu sinto que nessa parte eu não estava, penso que passou uma fase que eu não fui, porque a ultrassonografia e o médico poderia dizer o sexo e eu não estaria lá, então eu me sinto assim, perdi uma fase, é preciso olhar e prestar mais atenção, porque todo dia é uma coisa nova.

P: Como você acha que poderá ajudar depois do nascimento do bebê?

S: Quando o bebê nascer eu vou aprender muita coisa porque para os dois é novidade, mas ela por ser mulher e por ter irmãos mais novos ela viveu bastante essa questão de trocar fraldas, dar banho, dar comida, então sinto muita firmeza nela por esses aspectos. Eu estou bem tranquilo com isso porque ela meio que já foi mãe dos irmãos mais novos, mas eu não, eu tenho um sobrinho só mais novo, quando ele era bebê eu só acompanhava, sei que tem muita coisa, questão de trocar fralda, dar banho. São tantos cuidados, uma coisa errada nisso pode machucar, um descuido na hora do banho assim, eu fico pensando. Eu quero fazer muitas coisas, eu quero participar no banho, quero limpar, quero cuidar, colocar roupinha. Só que eu vou precisar de uma forma aprender, como ainda não é possível aprender na prática, ainda estou vendo como é que vai funcionar isso, pegar uma dicas, primeiro ficar olhando para aprender, observar para depois fazer, isso eu não abro mão, de participar e fazer as coisas. Quero participar de tudo, dar comida quando não tiver mais amamentando, de tudo que precisar.

3. O que é ser pai para você? Como você se percebe e se descreve como pai?

S: Essa pergunta é bem... Bem assim, é... Está começando a ficar mais difícil (Risos). Ser pai, eu diria que seria uma responsabilidade nova, a cada dia a gente vai vivendo e desenvolvendo novas responsabilidades. A primeira responsabilidade é no trabalho, já começa ir para a escola sozinho, é uma grande responsabilidade, se der certo e se não der certo você arruma outra forma ou pede ajuda. Ser pai não é uma coisa que vai ficar testando muito, então não dá para cometer muitos erros, então isso me preocupa bastante. Ser pai é pensar em uma grande responsabilidade e ser responsável, mais responsável do que eu sempre fui na vida toda. Ser atento, ser tudo mais, mais carinhoso, prestar mais atenção. É o que eu consigo falar nesse momento de ser pai, depois que ele ou ela nascer eu consigo te falar outra coisa, talvez eu possa sentir outras coisas, mas neste momento a gente ainda está esperando, por isso ser pai é ter uma responsabilidade, e muito maior do que eu sempre tive com a minha vida, com as decisões que eu tomo. Eu sempre comento com os meus colegas e até com meus familiares, com a minha esposa, que eu já troquei de trabalho algumas vezes, eu trocava, se der certo ou não o que eu estou fazendo, se eu vou estudar, faço aquilo, não tem problema nenhum. Só que agora é uma coisa que eu não faria, se caso aparecesse uma nova oportunidade de trabalho e perguntasse se eu queria testar, pode até ganhar mais, mas acho que

não, porque hoje eu estou estabilizado, estou tranquilo e nesse momento está tudo bem, que eu não vou perder meu emprego, porque eu não estou só e nem minha mulher. Já estou pensando no meu filho, não daria para ele ficar desamparado ou faltar o essencial para ele, por minha culpa, porque é uma responsabilidade.

P: De algum modo esse aumento de responsabilidade te assusta ou te incomoda um pouco?

S: Não assusta e nem incomoda sabe, somente me deixa atento, eu sei que eu vou precisar estar mais atento, ter mais responsabilidade, mas eu não fico aflito, não fico assim: “Ai meu Deus, e agora?”, eu fico muito tranquilo, ela vai vir, ela vai chegar e nós iremos conseguir dar o que o bebê precisa, eu fico muito tranquilo nesse aspecto, mesmo que possa mudar tudo.

P: Como você se percebe e se descreve como pai?

S: Atento, super carinhoso, super participativo naquilo que eu falei e em tudo. O que ela fizer eu quero participar, dar as minhas opiniões, eu quero saber de tudo o que está acontecendo, procurar notar os comportamentos, se alguma coisa mudou, se alguma coisa que eu fiz mudou. Quando ela começar a ir para a escola, como é e o que mudou, porque agora está falando, porque mudou o comportamento, acompanhar e ir junto, questionar se está certo isso ou não está. Um pouco disso.

4. O que mais te agrada e o que mais é difícil neste novo momento?

S: O que mais agrada é essa expectativa, saber que daqui a pouco meu filho vai estar comigo, pegar no colo, muito especial para mim, isso é o que me agrada. E o que mais me preocupa, ah, não sei...

P: O que é mais difícil?

S: O que é mais difícil? Aquilo que eu respondi no começo, o futuro, como o meu filho vai estar daqui a 10 anos, que é uma fase que começa a definir as coisas, começa a contrariar o que a gente coloca para ele e como é o melhor, me preocupo um pouco com o futuro, porque quando ele for bebezinho e criancinha, quando a gente falar e ele fizer tudo bem, até mesmo chorando. Eu penso muito no dia que ele falar que não vai fazer, que ele vai dizer “eu quero desse jeito”, e agora? Não é mais ficar quieto e só, quando ele for um pouquinho mais adolescente e falar: “eu quero sair, quero ir sozinho com meus amigos”, ele vai precisar saber que não é bom aquilo, que é perigoso, saber que eu não deixo ele ir e ele pensar em ter que ir escondido. Isso me preocupa demais, como vai ser o futuro.

5. Como você imagina que será sua vida após a chegada do bebê? Que tipo e interação você imagina ter com ele?

S: Eu acho que vai mudar bastante, um pouco do que eu escuto falar de tudo, não vou dormir mais direito, vou ter que ficar acordando para ver e... Vou falar essa coisa de imediato, esquecendo lá um pouco do futuro, sei lá... Como eu vou colocar lá no berço, vou pensar: “será que coloquei no lugar certo? Será que não vai ter perigo de acontecer alguma coisa?”, ir à minha cama e deitar tranquilo e dormir, eu acho que não vou conseguir no começo, enquanto eu não pegar confiança de que está tudo bem. Até escutei um amigo meu falando, eu acho que vou fazer isso toda noite, colocar a mãozinha para ver se ele está respirando, porque o bebê dorme tão quietinho, eu não sei se está certo ou não está, será que está suficiente, será que está com fome, está chorando porque? Penso bastante nisso.

P: Que tipo de Interação você imagina que terá com ele?

S: Brincar, eu penso muito em pegar no colo, meu pai me falava que eu ficava pouco no carrinho, quando ele estava em casa ficava no braço, porque criança tem que ficar no braço. Eu concordo muito, é muito isso, pegar assim porque logo bebezinho não dá para fazer muitas coisas assim, mas eu não sei, pensei muito nisso. Fica muito na cabeça de pegar no colo, de dar uma risadinha, acho o máximo começar a falar alguma coisinha. Essa a interação que eu mais penso de bebezinho, colocar no colo, não consigo imaginar, talvez mude essas coisas, mas tipo, por eu estar em casa, saber que ele está acordado, estar ali quietinho no chiqueirinho, numa coisa, num carrinho, num berço, sei lá, se eu estiver em casa e ele estiver acordado, vai estar no braço, não vai estar em nenhum outro lugar. Então eu penso muito nisso, essa primeira interação e lógico, quando puder falar alguma coisinha ou outra e puder brincar, começar a ficar em pezinho, aí pronto, quero levar no parquinho, andar, passear, dar um volta, fazer tudo que for possível.

P: Você acha que esses momentos com a criança são importantes?

S: Nossa, demais, porque se você não tiver esse momento você vai ter quando? Porque não vai congelar. Porque quando que você vai conseguir ter tempo? Ou quando você tiver afim? Mesmo que eu esteja emburrado ou esteja nervoso por qualquer fator externo, no trabalho ou de relacionamento, do que for eu vou ter que ser um bom ator, vou sorrir com ele, brincar e fazer tudo, porque depois ele não vai poder esperar um momento que eu estiver bem, então eu tenho isso para mim, que

é fundamental. Estar junto, estar no colo, no brincar, conversar, participar, nas primeiras palavras, nos primeiros gestos, tipo o que você faz, porque observa e também isso para mim, eu já fico preocupado.

P: Agora vamos fazer uma atividade diferente, vou pedir para você descrever nesse momento como vai ser o dia que ele nascer. Vamos pensar que sua esposa já teve o bebê, que ele já está com vocês e agora terão um dia com ele. O que está acontecendo nesse dia? Para aonde vocês irão sair? Qual lugar? Vocês irão de carro? Como que vai ser esse dia juntos com ele?

S: Bom, vamos imaginar um dia. Imagino a gente acordando pela manhã, se o neném ainda estiver dormindo vamos fazer as coisas bem devagarzinho, eu vou fazer as coisas bem silenciosas para não acordar ele, preparar tudo. Com certeza vai ter que preparar uma bolsa com todas as coisas que o neném vai precisar, tipo mamadeira, comidinha, fralda, todas essas outras coisas. E se for um final de semana convencional nosso, provavelmente a gente irá para a casa de algum dos avós, seja a mãe da minha esposa ou a minha mãe e meu pai que não moram tão longe daqui, são em bairros vizinhos. Mas nós vamos ter que ir de carro, a gente vai acordar o neném bem devagarzinho, se ele ainda não acordou ou se ele estiver despertando. Verificar como é que está tudo, com certeza vai ter que trocar a fralda, vai ter que tomar banho, dar banho no neném, alimentá-lo. Com certeza vai estar mamando ainda, depois preparar tudo, a bolsa que já vai estar pronta. A gente vai tomar café, vamos descer com ele, entrar no carro com a cadeirinha, colocar ele, não esquecer nada dele, aí vai ter que levar todas as coisas. Nossos pais não moram longe, provavelmente a gente vai ter que dividir o tempo entre um e o outro porque a gente imagina que vai ter um assédio muito grande, um neto tão esperado, tanto de um lado quanto do outro. Provavelmente, ficar um tempo num lugar, talvez um período que possamos almoçar, pensamos muito nisso quando ele estiver aqui dentro de casa, então vamos nos imaginar na nossa casa e na dos avós, dos meus pais e da mãe da minha esposa. Depois ir para a casa dos outros avós passar a tarde, conversar, que com certeza irão falar bastante coisas de como a gente pode fazer, por terem mais experiências. Depois voltar para casa, porque não pode ficar muito tempo fora com o bebê, tem que tomar cuidado. Ou se a gente preferir fazer um passeio, uma coisa assim, procurar ver como o tempo está, para não pegar muito sol, não pode ficar muito tempo fora. Tem que estar sempre atento quando ele chorar, ele vai chorar com certeza, talvez tenha que trocar a fralda novamente,

talvez esteja com fome ou a gente pensa bastante também nos horários certos, amamentar de três em três horas, é isso. Vamos voltar para casa, começar a se acalmar, mais à tarde quando estiver caindo à noite dar um banho, acalmar, alimentar, tentar fazê-lo dormir de novo. Tornar uma rotina um pouco mais definida assim quando está bebezinho, porque para ficar acordando no meio da noite, sei lá, o deixar dormir o dia todo aí não sei se a noite ele acordar atrapalha o nosso sono. Então dar um banho, deixar a casa um pouco mais escura, ele já vai ficando mais tranquilo, para que ele possa ter uns horários certos, dormir e tentar manter uma rotina, mais ou menos como essa. Tenho certeza que a gente não vai ficar passeando com ele muito, visitando muitos lugares que tenha muita gente, esse que é o nosso dia a dia, no nosso final de semana vamos ter que tomar muito cuidado, a gente está estudando ainda para ver como vai ser isso, talvez logo no começo a gente reveze de ir à igreja para não precisar levar ele, mas tomar o máximo de cuidado possível.

6. Como você acha que sua companheira poderá influenciar no desenvolvimento de seu filho? E você como pai, como imagina que poderá participar e contribuir neste processo de gestação e desenvolvimento?

S: Olha, lógico que independente de uma menina ou um menino irá influenciar demais, porque a figura da mãe eu vejo que é essencial para uma criança, essa questão que a mãe é um pouco mais fraterna, amorosa quando o negócio aperta. Ali vejo o pai que é muito assim, na hora da brincadeira, de brincar e se divertir, mas eu não sei na hora, se a criança tiver uma dorzinha sempre procura a mãe. Então eu penso muito nisso, que a minha esposa vai contribuir muito na questão de mãe mesmo, mãe tem muitas palavras embutidas que o amor é intenso, questão mais de proteção, questão da amamentação, de ser ali uma coisa muito especial.

S: Agora dividir um pouco a questão entre um menino e uma menina eu acredito que no caso de uma menina a mulher contribui ainda mais, pela figura de mulher, como a mulher se comporta. A minha esposa na trajetória de vida dela, de repente se for uma menina ela pode se espelhar um pouco, falar: “nossa, minha mãe fez assim, ela esperou aqui e fez assim, quero fazer como ela, porque eu gosto do jeito que a minha mãe vive. Quero um dia poder fazer assim”. Já o menino não siga este mesmo caminho, mas eu tenho para mim um pouco disso, a menina tenta se espelhar mais na mulher e o menino se espelhar no pai. Lógico que o menino

também pega a forma de mãe que é especial, aprende a ser carinhoso. Não sei, um pouco dessa questão de mãe também para se desenvolver mais. Se for mulher tem muito mais a absorver da minha esposa, como a trajetória, como ela se comporta, como ela se veste, o que ela fala, com quem ela interage, eu acho que tem muito a absorver se for uma menina.

P: E você como pai, como você imagina que poderá participar e contribuir neste processo de gestação e também de desenvolvimento da criança?

S: Eu me preocupo muito na questão de tentar minimizar ao máximo as coisas para a minha esposa nesse processo, que de fato está gestando fisicamente a criança, mas eu acredito muito nessa questão de que a criança pode sentir as coisas mesmo dentro da barriga, então eu fico sempre acariciando, conversando, sempre estando presente ali para que de alguma forma a criança possa ir identificando a minha voz, meu jeito, para já criar um elo. Então essa é uma forma que acho que eu contribuo com a questão da gestação em si, sempre estando ali presente, para que a criança mesmo ali dentro entenda que mesmo que ela entenda que ela está sendo gestada num lugar, mas ali fora também tem uma pessoa que também está esperando e que irá estar pronta para proteger. E no desenvolvimento tudo isso que a gente falou de proteger, de ensinar, de transmitir tudo aquilo que eu aprendi quando eu era criança também, de tentar colocar limites para que essa criança aprenda e tendo ali um conjunto de regrinhas, o que ela pode fazer, o que deve fazer sem prejudicar as outras pessoas, desde criancinha já poder entender que está no mundo que ela tem que respeitar regras, que ela não pode fazer tudo o que ela quer, senão não vai dar certo as coisa, né. Então eu me preocupo muito em tentar ensinar isso e tentar passar isso da melhor maneira possível.

P: Você acha que todos esses cuidados e interação pode influenciar seu filho quando ele estiver na adolescência e na vida adulta?

S: Muito, eu acho... É aquela história que cada pessoa é uma pessoa e independente da educação que ela recebe ela vai ter uma personalidade dela, porque cada pessoa é singular, é individual, ninguém é igual a ninguém, mas eu acredito que uma grande parte, eu diria até mais de 50% das características da pessoa e da forma de comportamento vem muito da educação que ela recebe dos pais. Então assim, mesmo sabendo que ela terá o jeito dela, que ela vai querer fazer as coisas e muitas vezes vai contrariar o que eu vou falar, o que eu vou passar do jeito que eu quero que ela faça as coisas, mesmo assim, o que eu passar enquanto

ela for criança, que é a idade que ela vai aprender mais as coisas, vai influenciar muito no desenvolvimento e na forma que ela vai enxergar as coisas, porque se eu deixar ela fazer as coisas como ela bem entender e misturar com a personalidade que eu não sei qual vai ser, pode ser uma mistura explosiva. Então tudo que eu puder podar, regradar e dar de diretrizes eu tenho certeza que influência no comportamento muito depois de criança, adolescente e vida adulta.

P: Você acha que os cuidados que se passa durante a gestação pode repercutir lá na frente?

S: Sim, eu tenho certeza que sim, em dois aspectos. No aspecto físico, porque eu imagino que uma criança sendo gestada por uma mãe, seja fumante que use drogas, enfim todas essas coisas irão prejudicar o bebê fisicamente, com certeza isso vai causar sequelas futuras, isso eu tenho certeza absoluta. Na questão emocional também, a criança que é gestada num aspecto de acolhimento, carinho, de amor, de conversa, de acariciar a barriga, eu tenho para mim que no futuro ela vai ser uma criança mais calma, mais serena e tranquila, pois na gestação ela já começou a sentir isso. Eu até escutei há uns tempos atrás que parece que dentro da barriga a criança escuta determinado tipo de música que depois que nasce reconhece aquela música, então se uma música ela pode reconhecer, então ela pode reconhecer uma voz também, desejos, o que você deseja para aquela criança. Se deseja uma coisa boa ou uma coisa ruim, tenho certeza que isso influencia e que a criança sente isso, então sempre me preocupo em dizer coisas boas. Uma vez até falei, eu estava conversando com ele na barriga, e falei para ele tomar cuidado que a mamãe é brava, que mamãe é chata e a minha esposa brigou comigo, porque ela entende, aí eu não falo mais, mas é verdade.

7. Gostaria de falar algo que acha importante e que não foi dito?

S: Eu acho que vocês perguntaram coisas muito boas e tudo que vocês perguntaram vocês fizeram eu falar tudo o que tinha para falar sobre as minhas sensações de estar esperando um filho, dos meus desejos, meus anseios, depois que ele nascer minhas preocupações, então eu acho que foi perfeito as perguntas.

P: Para finalizar, como você poderia definir em uma única palavra ser pai?

S: Responsabilidade

ANEXO D – Entrevista Pai 4

1. Eu gostaria que você me falasse sobre a gravidez da tua esposa/companheira. Conte-nos um pouco sobre como está sendo a experiência de se tornar pai pela primeira vez.

S: Ah, para mim está sendo bom, estou me sentindo feliz esperando um filho, meu primeiro filho. Estou me sentindo feliz esperando o nascimento dele, que vai ser muito bom para mim e para minha esposa. Esse tempo de gestação foi muita surpresa e tal. É, sei lá... Como eu posso explicar... É ansiedade para que o bebê nasça logo e a gente veja como ele é e tal. É isso aí, está tudo correndo normal.

S: Essa experiência para mim está sendo muito boa, porque todo mundo sonha com isso, todo mundo nasceu para ser pai e mãe e eu não sou diferente. Eu estou tendo meu sonho realizado, está nascendo meu filho pela primeira vez. Até que no começo teve uma dificuldade para ela engravidar. No entanto, ela teve uma doença, uma tal de endometriose no começo, mas acabou descobrindo que não teve problema nenhum e deu tudo certo. Agora é só esperar que ele nasça com saúde. É isso.

P: Você falou que sua esposa teve algumas complicações, ela tentou por muito tempo engravidar ou não? Como foi isso?

S: Não, acho que durante uns três meses tentando. Íamos ao médico, no exame deu endometriose. Somente depois nós descobrimos que não tinha nada, com isso ela acabou engravidando nesse meio tempo.

2. Você ajuda a tua companheira neste período? Como / o que você faz? Como você se sente com relação à isto? Como você acha que poderá ajudar depois do nascimento do bebê?

S: Eu tento ajudar o máximo que eu posso, o que ela precisa eu estou ajudando. Quando ela pede alguma coisa que ela não pode fazer, pegar um peso porque ela não pode, levar alguma coisa na casa da mãe dela, levar uma sacola, uma bolsa. Então nesses pontos assim que eu mais ajudo. Nesse momento, a mãe dela está fazendo o jantar para nós, mas às vezes eu lavo a louça, esses tipos de coisas também. Com isso me sinto bem feliz em ajudar com a gestação dela, e quando o bebê nascer eu posso ajudar olhando, ficando com ele para ela fazer alguma coisa,

com isso eu posso estar contribuindo com alguma coisa necessária e estarei disposto a fazer.

P: Você pensa em algo que você poderia fazer sem a sua esposa solicitar?

S: Eu posso ajudar vendo se tem uma louça suja na pia e ela está distraída e não me pedir, aí irei lavar. Varrer a casa e deixar organizado a casa enquanto ela não poder fazer nada. Vou fazer algo de útil.

P: Você acha que essas ações de ajudar nas tarefas domésticas pode ajudar o bebê, sua esposa ou a gestação em si?

S: Eu acredito que sim.

P: Em que sentido você acha que pode ajudar?

S: Eu acredito que eu vou ajudar nas tarefas de casa, ela vai estar mais feliz comigo, entendeu? E eu vou contribuir com alguma coisa, não vou estar parado fazendo nada e deixando-a fazendo tudo dentro de casa. Mesmo com a criança ela vai poder estar dando mais atenção a criança e eu vou está fazendo algo de útil. Com os cuidados do bebê eu posso estar ajudando sim, posso ficar com ele em alguns momentos que ela não vai poder ficar, que ela tiver algo para fazer. Tipo, lavar uma roupa, posso estar ficando com ele também.

P: Em relação às consultas de pré-natal você costuma acompanhar sua mulher?

S: Olha, no momento eu não estou acompanhando ela porque eu trabalho, entendeu? Aí não está dando para eu ir com ela, mas a mãe dela está sempre com ela, por isso que eu não estou indo. Se caso morasse só eu e ela dentro de casa e se não tivesse a mãe dela aqui por perto, aí eu não iria para o trabalho e estaria acompanhando ela, mas já que não tem essa necessidade para eu faltar no trabalho para estar indo com ela.

P: Você acha que tem alguma diferença entre a sua participação e a da mãe de sua esposa nas consultas?

S: Eu acho que não tem muita coisa a ver com isso não, ela está indo lá para fazer uma consulta de rotina, não tem nada de anormal, então para mim eu acho que não tem problema.

3. O que é ser pai para você? Como você se percebe e se descreve como pai?

S: Ah, para mim ser pai é tudo de bom né, como eu tinha falado antes, todo mundo nasceu para ser pai ou mãe e para mim não é diferente, então para mim está sendo uma alegria ser pai pela primeira vez e tentar colher a coisa melhor que tem do meu

filho. Eu acho que eu vou ser um bom pai, porque vou dar atenção para o meu filho e tentar fazer o melhor para ele, sempre estar acompanhando o dia a dia dele, por isso eu acho que vou ser um bom pai. Não vou ser um pai ausente, não sou um cara de ficar saindo de casa, de ir na balada, deixando a mulher em casa. Eu sempre estou com a minha mulher em casa, sou caseiro também, e vou sempre estar com meu filho dentro de casa, sendo um pai presente. Então acredito que vou ser um bom pai.

P: Como você acha que uma pessoa consegue ser presente no dia de uma criança?

S: A pessoa consegue ser presente na vida de uma criança tipo, é... Estou com meu filho dentro de casa, o levo para passear, vou ao parque, levar na escola, fazendo várias atividades com ele. Acho que é isso um pai presente.

4. O que mais te agrada e o que mais é difícil neste novo momento?

S: O que mais me agrada é saber que vai ter um ser que vai sair de mim e vai estar aqui dentro da minha casa, que vou brincar com ele, vou ter um contato, isso é o que mais me agrada. O que vai ser mais difícil... Ah, praticamente eu não tenho em mente o que vai ser mais difícil, eu não tenho essa noção ainda do que vai ser difícil. Eu acho que vai ser só coisas boas.

P: Você teria mais alguma preocupação?

S: A preocupação é que ele venha com saúde, entendeu? A minha preocupação é essa.

P: A gente sabe através de estudos que a mãe apresenta diversos sentimentos e mudanças durante a gestação. Gostaríamos de saber se durante esse processo da gestação você teve algum sentimento, algo que você percebeu que mudou antes de descobrir que seria pai?

S: Não, até agora não, está tudo normal. Ela não teve enjoo, não teve problema nenhum desse tipo, está tudo normal.

P: E para você mudou alguma coisa?

S: Também não, para mim está tudo tranquilo por enquanto.

5. Como você imagina que será sua vida após a chegada do bebê? Que tipo e interação você imagina ter com ele?

S: Ah, eu imagino que vai mudar para melhor né, porque eu esperei por isso, então eu vou colher só frutos bons e acho que vai mudar para melhor.

P: Que tipo de interação você imagina que terá com ele?

S: Eu acho que a interação com ele vai ser a melhor possível, entendeu? Vou tentar passar os melhores conselhos, o que eu acho da vida. Vou estar sempre com ele, falando o que é certo. Vou tentar passar o melhor possível, o que eu puder passar para ele eu vou passar.

P: Nós iremos imaginar agora que o seu filho já nasceu e ele já está em sua casa, já vai dar para ouvir o choro e sentir o seu cheirinho. Nesse momento queria que você descrevesse como vai ser um dia com você e seu filho, o que vocês irão fazer nesse dia? O que você está sentindo?

S: Seria ele já recém-nascido ou depois de um tempo?

P: Como você preferir.

S: Ah, imagino eu e ele na quadra jogando bola, imagino mais isso se for um menino.

P: Poderia contar como está sendo esse caminho até chegar à quadra para jogar bola? Você está trocando ele ou ele já está pronto? Você está pegando alguma bolsa ou está sem? Pensou se vocês irão comer? Se sim, onde?

S: Eu imagino que ele está se trocando, nós vestindo ele, pegando algumas coisas para levar se tipo, for a um parque. Geralmente a gente joga bola na quadra com criança, assim... É melhor no parque, entendeu? Eu imagino em um parque com ele, com a mãe também e a gente saindo, pegando o carro e indo passear e chegando lá para se divertir.

6. Como você acha que sua companheira poderá influenciar no desenvolvimento de seu filho? E você como pai, como imagina que poderá participar e contribuir neste processo de gestação e desenvolvimento?

S: Ah, eu acho que ela tem que ter o papel dela de mãe, trocar, conversar com ele, falar as coisas que realmente tem que ser dita que é educação, não ficar na rua o tempo todo, que nem tem várias crianças que ficam, isso não é legal, não acho legal também. Acho que a mãe tem que ter um relacionamento direto com o filho, entendeu? Ele é mais próximo, ela tem que saber lidar com ele.

P: Você acha que a mãe é importante para o desenvolvimento da criança?

S: Acho que com certeza a mãe é importante para o desenvolvimento da criança, eu acho que a mãe é até mais importante que eu, o pai, que eu estou trabalhando e ela

está sempre mais com o filho, entendeu? Então acho que ele vai estar mais apegado com ela do que comigo.

P: Você acha que a sua mulher é mais importante pelo fato de estar mais próxima com do bebê?

S: Isso, exatamente. Tem o afeto também, eu acho que o afeto da mãe é mais do que com o pai.

P: Porque você acha que é mais forte o afeto da mãe?

S: Eu acho que já vem de ligação, de quando a criança sai da barriga da mãe e já tem um apego. Eu acho que nesse sentido já tem um afeto maior, dentro dos princípios. Acho que eu como pai posso ajudar no que for necessário, no que ela precisar eu vou estar disposto a ajudar.

P: Você acha que as coisas que faz hoje, como ajudar a lavar uma louça, por exemplo, poderá ter alguma influência ou algum impacto quando a criança estiver crescendo, ou acha que não?

S: Ah, eu acho que sim, porque ela não vai está fazendo esforço de estar pegando peso e o médico já recomendou que ela não pode pegar peso, o máximo que ela pode pegar é sacola leve, então eu vou está ajudando, contribuindo com alguma coisa.

P: E você sabe que coisa é essa que você vai contribuir?

S: Ah, tipo, o que ela necessitar. Quando ela pedir que eu faça algo para ela eu vou está fazendo com a maior alegria para ela.

7. Gostaria de Falar algo que acha importante e que não foi dito?

S: Ah, eu acho que não. Por ser o meu primeiro filho eu estou assim em muito êxtase, eu estou esperando o meu filho e tal, não vejo a hora dele chegar, entendeu? Então estou nessa fase, como eu posso dizer para vocês... Com uma alegria que está plena e vai estourar, estou muito ansioso para que ele chegue logo.

P: Se você pudesse descrever a palavra pai nesse momento em uma palavra que você está vivenciando, qual palavra seria?

S: A palavra que eu posso dizer para vocês é que estou muito feliz, que eu estou muito feliz no momento e quando ele chegar eu vou ser mais feliz ainda.

P: E se você pudesse definir esse momento em uma só palavra, qual seria?

S: Ah, é muito bom ser pai.

P: Se você pudesse definir alguns sentimentos que te acompanham nesse processo de gestação, desde o dia que você descobriu até hoje, qual seria?

S: Ah, o sentimento de alegria, a partir do momento em que a gente estava tentando engravidar e não conseguia, nós estávamos com uma angústia, e aí quando ela chegou com a notícia para mim foi a melhor notícia que eu já recebi na minha vida.

ANEXO E – Entrevista Pai 5

1. Eu gostaria que você me falasse sobre a gravidez da tua esposa/companheira. Conte-nos um pouco sobre como está sendo a experiência de se tornar pai pela primeira vez. (Caso não tenha mencionado): Você poderia me falar um pouco mais sobre.

S: No início, antes de nos casarmos, já falávamos sobre filhos e a partir do momento que você planeja ter uma família você já coloca todo planejamento futuro também dentro.

S: Começamos a conversar sobre o que acharíamos melhor em relação à quando teríamos filhos. O nosso plano inicial era ter filhos após uns cinco anos de casados, então casaríamos em 2012 e teríamos filho provavelmente em 2016 ou 2017.

Porém, passados um ano e meio, quase dois anos de casados começamos a mudar um pouquinho de opinião e a ver as pessoas próximas com bebês, o que acabou despertando um pouco de interesse na gente, e foi quando decidimos sermos pais. Minha esposa parou com a medicação, começou a fazer tratamento médico e tentamos algumas vezes, mas não aconteceu e até achei que algum de nós tivesse problema, e quando a gente esqueceu da coisa, aí Deus colocou a sementinha lá, a coisa fluiu e ela engravidou em fevereiro. A gente nem tava esperando tanto assim e foi naquela surpresa, daquela mesma que a gente passa quando a gente tá esperando atraso da menstruação. Dá um tempo, atrasa uma semana, duas, três, aí fizemos o teste de farmácia e saiu uma linhazinha muito fina, fraquinha, aí eu disse: “não é, isso não tá, não é gravidez ainda”. No segundo teste deu a segunda linha aí a partir daí falamos: “é isso mesmo”. Nós partimos para um exame de laboratório, no exame de laboratório constatou 100% de certeza de que era gravidez.

P: Como tem sido esses oito meses?

S: É, no começo para mim não houve mudança muito relevante, acho que para o pai a gestação é... Você sente menos a gestação do que a mãe. Embora por um fato surpreendente eu tive desejo de comer uva, não sei o porquê. Não consigo explicar, um certo dia voltando para casa me bateu na cabeça que eu queria comer uva, ela (esposa) já estava com uns quatro meses de gestação e eu queria uva, uva, uva, uva, uva, e tive que comprar uva e comer. Não sei explicar de onde veio essas “frescuragens”. Até então antes de ter o desejo achei que isso era “frescuragem”,

tanto da mulher quanto dos homens. Eu já tinha ouvido de homens também, mas aí Deus me fez sentir isso na pele, e aí acabei tendo a oportunidade de provar um pouquinho da gravidez.

S: Ela (esposa) enjoou muito até o 4º mês. Até o momento que eu não consegui sentir o bebê mexendo, para mim era como se não tivesse acontecendo nada de diferente, era no corpo dela (esposa), era na vida dela. Ela sabia das coisas e eu tava meio ali como espectador da coisa, mas aí quando a bebê começou a mexer aí eu comecei a me envolver na coisa, um pouco mais emocionalmente com a coisa, antes disso não teve muita diferença não.

P: Ela não teve nenhuma complicação?

S: Só mesmo os quatro meses de enjoos que foi um pouco a típico, mas tirando o fato desses enjoos a gestação foi tranquila.

P: Você sentiu desejo por mais alguma coisa ou somente da uva?

S: Não, foi nesse momento somente, um fato isolado. Fora isso nada mais complicado. Cheguei a sentir uns períodos de dor de cabeça, quando ela (esposa) tinha dor de cabeça eu tive dor de cabeça, algumas sinergias, alguns sintomas que ela teve, mas coisas que acredito que não sejam tão em decorrência da gravidez porque eu já tinha isso antes da gente engravidar. Acho que era mais por conta do nosso relacionamento mesmo.

Engordei 2kg durante a gravidez, o que no meu caso é muito gordo, que de fato é algo raro, e espero que seja por conta da gravidez e que eu emagreça depois, manter os meus quilinhos básicos.

P: Como está sendo a experiência de ser pai pela primeira vez para você?

S: É, eu sempre gostei de criança, a minha mãe cuidava de criança né, eu comecei a trabalhar com a minha mãe numa creche aos sete anos de idade. Minha mãe era cuidadora de criança e a gente vivia dentro de casa com as crianças, já comecei a me envolver com criança desde aquela época e obviamente mais do que as mulheres. Todo homem tem desejo de ser pai né, aquela história de deixar uma marca no mundo, e era esperado pelo planejamento, mas a gente planeja e nem sempre a gente vive as coisas da maneira que a gente planeja viver.

S: É, para mim não caiu muito a ficha da história de ser pai. Eu sei que tem um bebezinho lá, a barriga maior vai fazendo a gente cair na real. Vamos dizer assim, com uma clareza maior da situação. Mas eu acho que o ser pai pra mim que não tô carregando a bebê ainda e que não passo mal, não sinto as dores nas costas, o

cansaço e toda aquela complicação que eles sabem que a gestante tem. Eu ainda não consegui ver uma mudança real na minha vida, a não ser a minha casa que é toda rosa agora né, tirando o quarto que acabou de ser pintado agora, é roupa rosa pra todo lado.

S: Já tivemos o nosso primeiro varalzinho com roupa de bebê, pedi para ela (esposa) lavar, pendurar e deixar que eu tirasse. Tentar participar o máximo possível, porque para o homem é mais assim, desconectado mesmo, e eu sou uma pessoa mais racional do que emocional. Eu tô vivendo o momento ali por conta do planejamento, cercando para que tudo aconteça da melhor maneira que o planejamento possa conceder, mas essa parte emocional ainda não tenho 100%, eu sei.

S: A minha esposa fala que quando eu chego em casa, que quando ela (bebê) escuta a minha voz, a bebê mexe e isso vai te envolvendo um pouco com a situação, mas cinco minutos depois você não tá sentindo nada, não tá em você, então você acaba se preocupando com outras coisas e acaba se desconectando um pouquinho com a gravidez. É aquela coisa, se não fosse aquela barriga enorme talvez passasse despercebido desse momento.

S: Eu tô esperando um pouco mais o momento do nascimento, que é naquele momento que vai ser o ponto alto do meu envolvimento com a coisa. Antes disso não mudou muito a minha vida, a não ser a parte que virou tudo rosa em casa e os convites de pretendentes que começaram a chegar, infelizmente. Meus amigos estão enviando o currículo de meninos até dois anos de idade, tenho recusado todos né, mas tudo bem.

2. Você ajuda a tua companheira neste período? Como / o que você faz? Como você se sente com relação a isto? Como você acha que poderá ajudar depois do nascimento do bebê?

S: 100% em tudo que precisa, até nas coisas que eu não gosto de fazer, que é ficar passando creme nas pernas dela. Eu não gosto de creme, eu acho horrroso passar creme, mas faz parte do processo.

S: Tenho acompanhado nas consultas médicas e nos exames, porque é a única maneira que o homem tem de se tornar parte desse momento. É isso, é estar presente e poder suprir qualquer necessidade da esposa nesse momento, principalmente pelo o que diz respeito no acompanhamento da gestação. E nesse

momento o máximo que é possível é perguntar como é que foi o dia, se o bebê está mexendo, se não tá, os exames, acompanhar as orientações médicas, o bem estar, se não está bem, se preocupar se vai ao médico ou se não vai ao médico, vê o remédio se pode ser ou se não pode ser. Tudo lá em casa a gente presta atenção se serve para gestante sim ou não, se pode ou não pode, então nesse ponto a gente acaba se envolvendo mais por conta daquela questão do planejamento mesmo né, você se preocupa 100% com a condição da esposa. Se ela tá grávida ela pode fazer isso? Será que vai fazer bem? Será que vai fazer mal? Então nesse sentido eu procuro dar o apoio necessário para ela.

P: E com relação à atividade da casa e trabalho, muda alguma coisa? Se sim, que coisa?

S: Sim, praticamente quem cuida da casa é ela, então não tem nada que fazemos assim, que fisicamente seja muito forçoso para ela, uma vez que no momento que ela viu que estava grávida deixou o serviço dela e passou a ficar em casa.

S: As coisas de atividades mais pesadas ela não faz, ela deixa reservado para eu fazer e algumas coisa que são para segurança da saúde dela, como por exemplo, cuidar dos banheiros dos gatos por conta de alguma eventual doença relacionada às fezes de animal. Isso aí tudo fica ao meu cargo, porque pode oferecer risco para ela, ou ela aguarda pra eu fazer ou não é feito.

P: E como você se sente com relação a essa ajuda?

S: Para mim não mudou muita coisa, porque quando a gente se casou ela (esposa) trabalhava e eu também, ela trabalhava de final de semana, eu já ficava com os afazeres da casa, sábado e domingo era minha labuta em casa. Essa questão de partilhar o serviço já não era tanto novidade, a partir do momento que ela passou a ficar em casa eu comecei a ficar um pouco mais confortável com a situação. É óbvio que ela passou a ter mais tempo em casa para cuidar mais das coisas, então eu tava me desconectando dos afazeres de casa, mas basicamente tudo aquilo que ela precisa ou menciona que precisa ela me pede e estamos aí né, para o que der e vier.

P: Nós percebemos o quanto você se disponibiliza quando sua esposa lhe solicita algo, mas existe alguma atividade que você realiza com relação à gestação sem necessariamente sua esposa indicar que precise?

S: A gente tem mais as coisas divididas em casa, aquilo que eu avalio ou ela avalia que não poderá fazer ela já nem faz. Ela não precisa nem pedir, já fica no meu hall

de responsabilidades. Durante o dia é um pouco difícil de saber se ela tá com alguma necessidade, porque eu não estou por aqui. Dentro daquilo que a gente combinou dividindo entre a gente, eu acredito que tá 100% feito da maneira que a gente combinou.

S: Talvez o objetivo da sua pergunta seja: “você tem a iniciativa de ir lá fazer antes dela pedir para você fazer alguma coisa?”. A partir do momento que você combina o que vai ser feito e o que não vai ser feito, e você acaba quebrando um pouco de iniciativa porque quando tá combinado eu só pego se por ventura ela tenha alguma necessidade específica, e se ela manifesta essa necessidade específica, ou se ela não manifesta essa necessidade específica fica no encargo dela.

P: Por mais que hoje você faça atividades que já estava acostumado a fazer antes, por atualmente ter um objetivo diferente que é a chegada da bebê, esta mudança gera algum sentimento novo, mesmo sendo realizado as mesmas coisas que antes?

S: Não, se não tivesse a bebê a gente estaria na mesma condição de dividir as tarefas, até por conta do próprio casamento, o próprio matrimônio, em minha opinião, requer isso dos parceiros. Não dá para pôr a carga 100% em um e deixar o outro sem carga nenhuma, existe uma divisão natural das tarefas da casa e dentro de uma família, isso já é nossa vivência antes, então fatalmente seria a vivência hoje. A bebê só colocou umas condições especiais para ela durante a gestação por uma questão de precaução médica.

P: Como você acha que você poderá ajudar depois do nascimento do bebê?

S: Como a pretensão dela é ter uma cesárea, eu sei que eu tenho aí uns 40 dias de 100% de trabalho integral na casa, pois ela vai estar em um período de recuperação. Eu já tô me preparando psicologicamente para trocar fralda, dar banho no neném, dar banho nela se preciso. Então eu não sei exatamente como as coisas vão acontecer, vai depender do quadro clínico, mas eu já espero que ela seja 100% dependente nos primeiros dias. Estou me preparando psicologicamente como as coisas vão acontecer, mas não estou preocupado com isso não, acho que não vai ser nenhuma dificuldade.

P: Então você acha que vai poder ajudar mais nos cuidados voltados a elas?

S: Sim sim, sem nenhum problema, porque a situação vai requerer isso, então você faz porque por situação ventura vai fazer você fazer.

3. O que é ser pai para você? Como você se percebe e se descreve como pai?

S: Pergunta difícil. Ser pai além de você obviamente tratar do conceito científico da reprodução, é você ampliar o conceito de família. Óbvio que duas pessoas são uma família, mas a família sem filhos acaba ficando assim meio restrita, e querendo ou não, acaba criando os filhos pensando no futuro, na continuidade do nome, na continuidade da família, na própria alegria dos avós, dos tios.

S: A gente fala da bebê, minha filha, filha dela e acaba sendo um presente compartilhado com a família e amigos. Ser pai no meu ponto de vista é isso, ser exemplo, mantenedor, ser protetor, ser um educador e dentro daquilo que a gente teve de aprendizado com os nossos pais poder passar critérios, valores, ética, uma visão do mundo, o que é certo ou errado. E esperar que os anos passem e que futuramente minha menininha vai namorar, estou preocupado com essa parte (risos), Deus ajude que seja um homem direito e que eu tenha o prazer de levar ela até o altar, que ela não vá se juntar com ele sem se casar porque a gente espera que tudo aconteça protocolarmente na vida da gente e na vida dos outros. Já começa a se preocupar com a vida dos outros e vamos nos preocupar com a vida dela agora, a bichinha nem saiu ainda do forninho e eu já tô lá preocupado com a vida dela, fora os vários vídeos de pais de meninas que eu já acompanhei no Facebook para poder ir amenizando um pouco a pressão, a gozação já começou, vamos que vamos.

P: E como você se percebe ou descreve como pai?

S: Eu acho que embora a bebê já exista no plano físico e espiritual, eu posso fazer muito pouco por ela neste momento, eu acho que eu vou passar a ser pai de verdade na hora que acontecer a gestação, na hora que acontecer o parto, a partir desse momento eu entro 100%. Nesse momento a não ser um tipo de suporte emocional ou até mesmo físico para minha esposa eu não tenho muita utilidade, essa é a grande verdade. No meu ponto de vista o ser pai nesse momento acaba sendo só uma atividade acessória, e muito acessória, porque é uma coisa aqui, uma coisa acolá, não tem como eu interferir mais nesse processo.

S: Óbvio que procuro interagir com a bebê, procuro conversar com ela. Eu fico lá com a minha esposa, vejo sua barriga mexer, a gente troca ali algumas experiências. A minha esposa fala que toda vez que eu tô chegando a menina começa a se mexer, então eu acredito que exista já um laço. A própria ciência já diz que a pessoa pode escutar a voz depois de quatro a cinco meses de gestação, algo assim, eu acho que a ciência esteja certa, que a bebê já reconheça o pai pela voz

quando ela nascer. Mas neste momento eu sinto que tenho pouco a contribuir pelo processo, a não ser cuidar da mãe da bebê até o momento do parto e na recuperação dela após o parto também. Acho que a minha participação vai ser a partir do momento do nascimento para frente, e assim eu vou conseguir com ações mostrar realmente o que é o meu papel de pai, nesse momento eu não me sinto muito inquerido no processo, até mesmo porque não sou eu que estou gestando, não sou eu que tô carregando, não são meus nutrientes, não sou eu que não posso tomar qualquer tipo de remédio, não sou eu que não posso beber bebida alcoólica, então a minha vida não tem restrição nenhuma neste momento, nenhuma. Então eu sinto que está acontecendo mais na minha esposa do que para mim, embora eu esteja partilhando. Eu tô vivendo a alegria da alegria dela, eu tô sentindo a alegria que ela está sentindo nesse momento porque toda parte física da coisa tá com ela no momento. Mas eu tô ali esperando a minha vez, como se eu estivesse na fila da montanha russa esperando a fila andar e chegar a minha vez de entrar no carrinho, sinto que a minha hora de muitas emoções vai chegar e que a minha esposa está sentindo um pouco antes de mim toda essa fase emocional mais forte.

P: Como você se sente em saber que alguém que está junto de você nesse processo já sente tudo isso e você ainda não?

S: Eu acho normal, natural. Fisicamente não existe outra maneira de se fazer isso, eu acho que tudo acontece por uma providência divina, não é à toa que o filho tá muito mais relacionado com a mãe até por uma questão biológica, mas eu sei que sou parte daquele processo e que minha vez vai chegar, então eu tô esperando sem crise e sem drama. Eu sei que minha hora é um pouquinho mais para frente, então vamos aguardar, pacientemente tô esperando, tô naquela ansiedade aguardando a minha vez chegar. Mas o fato dela sentir isso agora e eu nada, faz parte do processo do meu ponto de vista ser assim, é o que temos para hoje.

4. O que mais te agrada e o que mais é difícil neste novo momento?

S: A bebê é o centro das atenções para os avós, para a família e os amigos, então tudo gira em torno da bebê, querendo ou não sem ela seria só eu e a minha esposa, nenhuma novidade que quer que eles sejam o centro da atenção. Hoje nós somos o centro da atenção, pois tudo gira em torno da bebê. Ontem teve o chá de bebê aí tá todo mundo naquela expectativa, todo mundo feliz pela gente, queira ou não a gestação faz com que você leve um pouquinho da sua alegria para as outras

peessoas, da mesma maneira que ficamos felizes com a gestação de amigos e dos nosso parentes. É uma oportunidade que a gente dá para nossa família e para os nossos amigos ficarem felizes também com a nossa gestação. O que me desagrada nesse momento, sei lá... Acho que só a preocupação de você ter que lidar com uma simples gripe e não poder tomar qualquer remédio ou não poder às vezes segurar, ter que procurar ajuda especializada. Por qualquer coisinha você não sabe o que pode ou não interferir na gestação, essa insegurança física, porque nós ficamos doentes com frequência e qualquer coisinha você tá doente, uma dor de cabeça, resfriado, uma sinusite, aí você vai e taca aquela dose homeopática de remédio que você tem, e na gravidez não, pois tem dificuldade em tudo, tudo não pode, tudo tem restrição, então aumenta a preocupação com relação à saúde dela. Aí eu fico sempre naquela apreensão, se ela ta com um pouquinho de febre eu não sei se eu corro, se eu levo ao médico, se a gente espera, vê na lista de remédio se pode tomar alguma coisa, se não pode, se espera passar. Então essa questão da preocupação física dela foge da minha mão, não tenho controle, você não pode se quer dar uma *Novalgina*, então essa é a parte ruim do processo da questão da proteção física da minha esposa nesse momento, de resto até as brincadeiras fazem parte, mas nada que desagrada.

5. Como você imagina que será sua vida após a chegada do bebê? Que tipo e interação você imagina ter com ele?

S: Com certeza vai mudar, até falei para a minha esposa que temos mais um ano para andar pelados em casa sozinhos, aí depois disso a gente vai ter várias restrições. Eu não tenho problema de assistir desenhos, então essa parte não vai mudar para mim, adoro desenho, então a parte da programação da TV pode deixar com os desenhos que eu fico feliz, então nesse ponto eu sinto que não vai ter muita mudança. Mas com certeza é uma vida diferente, uma vida nova. A vida que a gente ditava com os nossos horários, nossas vontades, nossos desejos de ser e o nosso jeito de fazer vai ser ditado por um serzinho tão pequenininho que vai definir a hora que a gente acorda, a hora que a gente dorme, como a gente se preocupa. Vai redefinir a segurança da casa, não vai poder deixar mais as coisas espalhadas como a gente costuma deixar.

S: Aí já tem uma preocupação dentro de casa por conta dos bichanos, então a gente já tem uma certa cautela, estar 100% alerta, “ah não pode deixar isso por causa dos

gatos. Ah, por causa disso não pode deixar o portão aberto”. O cuidado com a escada, cuidado com o muro, acho que os gatos já deram um pouco para a gente sobre essa história de cuidar, para a gente é como se fosse um filho, então a gente experimenta um pouquinho essa brincadeira de pai e mãe com os pets, como a gente tem uma quantidade grande, se ficar doente corre para o veterinário, dá remédio, corta as unhas e vai ver se está chorando, porque se está chorando a gente fica preocupado com essas coisas, para não fugir. Então toda essa questão da preocupação acho que foi um ensaio para a hora da bebê chegar, a gente vai ter de novo essas preocupações. Uma diferença grande que a bebê não é um gatinho, ela é um bebezinho que vai depender muito mais da gente do que um pet deveria, mas a gente espera que seja tudo em torno dela, pelo menos nos primeiros anos. Alguns amigos já falaram para a gente que depois que a bebê nascer, os próximos cinco anos não vão existir na nossa vida, nós não teremos agenda, não teremos rotina, então a gente está esperando que aconteça dessa forma, mais por conta da experiência dos outros do que por vontade da nossa. Vamos ver como a bebê dá o ritmo das coisas aqui em casa.

P: Que tipo de interação você como pai vai ter com a bebê?

S: Faz muito tempo que não lido com criança, mas eu acho que por mais sério que eu seja, por mais racional que eu seja vai ser diferente, sobre todo aspecto emocional que possa existir. Eu sou uma pessoa muito lógica e racional, mas eu sinto que a bebê vai me dá uma quebrada na hora que tiver lá bonitinha engatinhando, brincando e fazendo bagunça. A hora que tiver que trocar fralda vai ser um ambiente diferente. Eu estou esperando que eu me surpreenda com a chegada da bebê, até porque nos meus trinta e cinco anos de vida eu sempre fui uma pessoa racional, muito mais racional do que emocional, mas eu sei que eu estou sentindo que eu vou levar um tombo da menina (bebê), mas vamos esperar, vamos esperar para ver o que acontece.

P: Como você acha que ela vai mexer com você?

S: Acho que vou deixar de ser um pouquinho racional com ela, todo mundo que eu conversei que foi pai e é pai hoje fala que a vida mudou, que a forma de ver o mundo é diferente, e eu estou esperando essa forma diferente de ver o mundo. Eu sempre vi o mundo mais ou menos do mesmo jeito, mas eu realmente estou esperando a responsabilidade de ter uma criança sobre minha guarda, sobre meu cuidado, e não só sobre o cuidado financeiro, mas o cuidado material, mas o

cuidado emocional também, acho que vai causar muitas mudanças que talvez hoje as namoradas, a esposa, a relação de pai, mãe, irmão e essas coisas não tenham me desafiado ainda, eu realmente estou esperando uma mudança emocional na minha vida, pelo menos é o que eu imagino, mas não faço ideia, estou só na expectativa.

P: Depois dessa pergunta a gente sempre acrescenta um exercício. Nós gostaríamos que você imaginasse um pouco e contasse como seria um dia com a sua bebê. Você imagina que ela nasceu, já saiu do hospital, já está com você. Você já pegou ela no colo, você já deu banho e sentiu seu cheirinho. Conta para nós como vai ser esse dia, o que vocês vão fazer juntos?

S: Nesse dia a bebê tem quantos anos, quantos meses?

P: Quantos você quiser.

S: Vai depender.

P: O que você consegue imaginar em um dia com ela?

S: Sei lá... Imagino ela com um aninho, dois anos... Ah, um aninho, com ela engatinhando, cheio de coisa na casa espalhada. Meu Deus do céu vai ser um drama! Sou uma pessoa muito organizada com as coisas, tudinho no lugar, e eu já estou vendo que ela vai bagunçar tudo, e eu lá falando: "guarda os brinquedos, não mexe aí, não faz bagunça, não puxa o rabo do gato". Eu imagino mais ou menos isso, ela na frente e eu atrás tentando evitar que ela se machuque, ensinando ela a caminhar, esperando as primeiras palavrinhas dela, e eu espero que seja papai para mamãe morrer de inveja (risos), brincar. Sei lá, aproveitar, eu ter um tempo livre melhor com ela porque hoje meu tempo livre é meio escasso, muito mais o trabalho, muitas coisas em casa, até mesmo as coisas da igreja, então eu acho que meu programa vai mudar bastante em relação a bebê. Eu espero realmente aproveitar o tempo livre com ela e que se torne o tempo da bebê, vamos ver como vai ser.

6. Como você acha que sua companheira poderá influenciar no desenvolvimento de seu filho? E você como pai, como imagina que poderá participar e contribuir neste processo de gestação e desenvolvimento?

S: Minha esposa pelo menos vai ter a missão inicial da maior parte do tempo da bebê. Ela continua em casa e eu vou continuar trabalhando. Eu acho que a principal linha de personalidade da bebê vai ser puxada pela mãe, seu primeiro exemplo, por ser a maior parte de convívio. É óbvio que eu vou tentar compensar e equilibrar isso

o máximo possível dentro das limitações de quem trabalha, mas eu tenho clara certeza que a mãe dela vai ser a principal referência, nem dá para ser diferente disso. O ser humano aprende principalmente nessa fase vendo as pessoas fazerem as coisas, eles veem e copiam. A bebê vai ser a cópia da minha esposa, mas em relação ao comportamento, a educação, ao que pode ou não pode, o que falar uma coisa e o outro não desfazer aquilo que foi falado. A gente já vem conversando desde o momento que ela descobriu que estava grávida, então a gente já vem pensando em como lidar com a educação da bebê, espero ter um processo natural, simples.

S: Como eu sei que na minha casa com os meus pais foi um negócio difícil, já estou esperando uma dificuldade, porque minha mãe falava alguma coisa e meu pai ia lá e falava outra, aí a gente fica chantageando os pais. Sabia que um era mais difícil que o outro, então ia lá e pedia para o mais fácil. Eu tenho certeza que a bebê vai estar perto para fazer essas jogadas, mas eu espero que em conjunto com a minha esposa a gente tenha a melhor estratégia para poder educar a bebê da melhor maneira possível.

P: E você como pai, como você imagina que vai contribuir nesse processo de gestação e desenvolvimento?

S: Gestação e desenvolvimento? Tudo antes do nascimento?

P: Isso, como você poderá participar e contribuir?

S: Primeiro para a minha esposa que eu estou tentando ser o máximo presente na gravidez, eu acho que não só pela minha vontade, mas que isso é importante para ela, estar presente, mesmo com todas aquelas limitações físicas. Eu acho que a minha presença nesse momento é fundamental, exames, consultas, perguntar como foi, o que está sentindo, se está bem, se não está, forçar a barra para ir ao hospital ou não. Essas coisas, se preocupar mais que o normal pelo outro, procurar conversar com a bebê, mexer na barriga, tentar interagir com ela da melhor maneira possível. Do jeito que ela me escuta, espero que ela esteja escutando, estou dando uns conselhos para ela já, falando pra ela não gostar de sertanejo, porque o sertanejo é um passo para gostar de pagode, gostar de pagode é um passo para gostar de funk, e que é melhor ela gostar de rock, o pessoal do rock é tudo gente boa. E depois da gestação eu imagino que é usar 100% do tempo que eu tiver em casa em prol da família, quando não for possível pela bebê, mas para a minha esposa, para que a gente possa ter o máximo de tempo possível para interagir com

a bebê.

S: Na medida que a gente puder, atividade profissional permitir que hoje em dia, chegar tarde e sair cedo e final de semana fica sendo muito restrito, mas eu quero ser o máximo possível presente na vida da bebê, dedicando 100% do tempo que eu tiver disponível na minha casa. Pelo menos vai ser para ela, para poder tentar compensar todo o restante do tempo que fica com a mãe, pelo menos a ideia é essa, tentar equilibrar a quantidade e qualidade de tempo.

P: Você acha que a participação hoje durante a gestação vai influenciar no desenvolvimento da bebê quando tiver na adolescência ou vida adulta?

S: Depois que ela nascer acredito que sim, mas neste momento eu acho que não tem relação nenhuma, por mais que ela me escute, ela não tem nenhum discernimento, é mais uma coisa de vínculo emocional do que uma coisa racional que possa contribuir com a essência dela. Daí por diante o momento que ela começar a entender, aí eu entendo que tudo o que eu fizer com a bebê é definitivo para aquilo que ela vai decidir de se tornar lá na frente, porque aí eu passo ser espelho para ela, espero que Deus me coloque sempre nas melhores condições e situações, que eu tenha sabedoria para as situações adversas. Adolescente a gente não sabe o que faz, só Deus vai saber que situação vai ser inserido, que desobediência, que malcriação e etc.

S: Nós esperamos que tenhamos a sabedoria de dar a educação correta no momento correto, na dose correta e na forma correta. Se tiver que dar umas palmadas, vai leva umas palmadas, mas se tiver que ficar chateada, vai ficar chateada. Mas acho que vai funcionar, funcionou comigo, levei muita surra na vida e graças a Deus levei surra nessa vida. Não estou falando que a bebê vai apanhar, mas que a educação que nossos pais deram para gente foi fundamental, mas foi fundamental para que eu fosse o que sou hoje, e eu acho que no mínimo que eu posso contribuir hoje para a bebê é o mesmo que meus pais puderam contribuir para minha educação, rigorosidade, mas também tem esse afastamento emocional, sem perder laços, amizade. Amizade eu acho que é tudo, tem sido tudo para mim e minha esposa, e eu acho que será tudo com relação a bebê, tentar ser o mais amigo, ser mais amigo do que pai. Pelo menos eu acho que essa é a estratégia ideal a partir do momento, começar a discernir o certo e o errado.

P: Se você pudesse definir todo esse processo em uma palavra, que palavra seria essa?

S: Felicidade, não sou muito adepto a palavra amor, a maioria das pessoas devem ter dito amor, mas o circuito do amor é muito frágil, mas a felicidade é maior do que o amor. É uma teoria louca da minha cabeça, mas eu acho que o amor é um sentimento que por mais que ele na cabeça da maioria das pessoas seja mais bonito e o mais forte dos sentimentos, ele é muito frágil, qualquer coisinha abala ele. A felicidade não, a felicidade é uma coisa mais firme, duradoura, mais contagiante, pode até influenciar, potencializar o próprio amor. Mas, você pode amar e não ser feliz, aí não é uma coisa boa. Agora felicidade não, ela é plena no conteúdo da palavra, você é ou você não é, eu caracterizo esse momento como felicidade um momento importante de felicidade.

7. Gostaria de Falar algo que acha importante e que não foi dito?

S: Acho que foi bastante abrangente, acho que não deixei nada de fora. De tudo aqui que eu vivi, tudo o que eu tive de experiência que é relevante vocês comentaram ou eu respondi por livre e espontânea vontade. Eu acho que é isso.

ANEXO F – Entrevista Pai 6

1. Eu gostaria que você me falasse sobre a gravidez da tua esposa/companheira. Conte-nos um pouco sobre como está sendo a experiência de se tornar pai pela primeira vez. (Caso não tenha mencionado): Você poderia me falar um pouco mais sobre.

S: É até engraçado porque quem trabalha e quem conhece a minha esposa sabe que ela tá super bem assim, super disposta assim, não teve muitos efeitos colaterais da gravidez. Eu já tive tudo, eu engordei, já tive enjoos, ela sempre tira bastante sarro disso. Mas de resto está tudo bem, a gravidez corre bem, tenho cuidado bastante da alimentação dela, das atividades, tentando reduzir a carga dela, é um pouco difícil porque ela particularmente não aceita muito, mas tá bem.

P: Você teve muitos enjoos?

S: Ela não teve nenhum, eu tive alguns.

P: Você teve em que período da gestação?

S: Desde o começo.

P: E você relacionou isso a gestação ou acha que foi um fato isolado?

S: Não, acho que foi um fato isolado e virou uma piada.

P: Ela tem tido desejo de alguma coisa?

S: Diz ela que tem tido mais fome. Mas eu acho que não.

P: Ela teve alguma complicação?

S: Não. Ela tem asma, mas não teve problema mais, então tem sido uma gestação saudável. Com relação à experiência de ser pai pela primeira vez realmente é uma explosão de sentimentos. Uma hora dá pânico ou ansiedade, às vezes você fica preocupado com a responsabilidade, se você vai dar conta, se vai dar atenção o suficiente, se você vai conseguir ajudar o quanto é necessário. Então tem um monte de coisa nova, ainda estou tentando entender.

P: Que tipo de responsabilidade que você tem?

S: Responsabilidade nos cuidados, pelo fato da criança ser bem delicada nos primeiros momentos.

P: Existe algo que está sendo difícil de entender neste momento?

S: Aquela coisa que é bem diferente para a gente do que para a mulher. A gente

sabe que vai vir, mas a gente não carrega, então durante um dia você está se sentindo mal e quando você chega de noite, ela (esposa) chega e olha algumas coisas que cai tudo em você. Então você tem menos contato com a situação, ela existe, mas você não vivencia o dia inteiro como a mulher que carrega o bebê. Quando ela fala as coisas que tem para fazer eu relembro o que acontece. Você se cobra um pouco mais. Precisava ver isso antes de ser cobrado.

P: Você pode dar algum exemplo de alguma situação que acontece?

S: Por exemplo, às vezes você trabalha bastante e você não liga durante o dia para saber se está bem.

2. Você ajuda a tua companheira neste período? Como / o que você faz? Como você se sente com relação a isto? Como você acha que poderá ajudar depois do nascimento do bebê?

S: A gente tenta dividir algumas coisas da casa, algumas situações típicas práticas, como a questão da limpeza dos gatos, porque ela é imune a toxoplasmose e só eu posso mexer com os gatos em questão de limpeza e a divisão das tarefas mesmo em casa.

P: Alguma divisão ou adaptação das tarefas mudou fora o cuidado com os gatos?

S: Mudou. A gente procurou uma pessoa a mais para ajudar, para não poder pesar nem para ela e nem para mim.

P: O que você faz hoje para ajudar sua esposa tem alguma influência ou alguma relação com a gravidez?

S: Não muito, só se ela falar que precisa de mais, mas com essa finalidade de gestação não.

P: Como você se sente ajudando a sua esposa?

S: Na verdade não me desperta sentimento dessa forma, porque como eu falei para você não é uma coisa inerente a gravidez, e porque também às vezes a gente deixa a desejar e não percebe isso, nem sempre é 100%, às vezes é sempre uma coisa que a gente comenta que nós homens somos mais descuidados com alguns detalhes, para a mulher é mais importante e para o homem às vezes ele deixa passar. O que eu sinto é que eu tenho me policiado para não despertar tanto isso.

3. O que é ser pai para você? Como você se percebe e se descreve como pai?

S: Eu acredito que a gente vai dividir tarefas de uma forma mais específica com o

bebê em casa, porque nos primeiros momentos em casa ele vai estar com ela para amamentar. Eu acho que tenho que focar em atividades da casa, na questão de comida se precisar para o bebê e se precisar para ela, a gente espera que não precisará para o bebê, pois ela estará amamentando. Mas eu acho que as funções de casa vão estar mais em cima de mim, pelo menos naquele momento, pois ela vai estar focada no bebê.

P: Você acha que esses cuidados são importantes?

S: Acho que sim. Eu já estou tirando umas atividades que eu já estou acostumado a fazer depois do trabalho.

P: Você acha que terão algumas atividades específicas para você fazer, ou de forma geral as atividades da casa?

S: Eu acho que no geral.

P: Porque você acha que fazer essas atividades são importantes?

S: Porque eu acho que é uma forma de fazer com que ela tenha mais tempo com o bebê. Eu acho que é uma forma de tirar a sobrecarga, um gasto de energia muito grande, por essa questão, por tudo isso, tem várias situações que a impedem de estar realizando qualquer tarefa desse tipo.

P: Você consegue acompanhá-la durante as consultas pré-natais?

S: Sim. Desde a primeira e sempre. Teve o primeiro exame que eu não pude ir porque ela marcou no meu horário de trabalho e em cima da hora, por isso eu não tive como ir mesmo, de um dia para o outro, de resto todas eu acompanhei.

P: Você acha importante acompanhar?

S: Sim, eu também fico muito preocupado com esses exames. Primeiro porque eu sou farmacêutico, então a questão da saúde e do desenvolvimento eu conheço um pouquinho, então eu sei sobre todas as síndromes estudadas, eu tenho conhecimento. No início eu ia muito para entender e para ver se estava tudo certo, para perguntar. Inclusive naquele curso que eles fazem a respeito de maternidade, que eles esclarecem um monte de dúvidas, porque é bem difícil. Hoje é muito teórico.

P: O que é ser pai para você?

S: A minha esposa brinca que para mim a primeira experiência de pai foi com os gatos, porque você começa a se doar, ter amor, cuidado, atenção, carinho, tem bastante coisas, e receber muito amor em troca. A minha esposa brinca que eu nem falava em ser pai, aí vieram os gatos, comecei a gostar deles, porque eu nem ligava

muito, porque não tinha animais antes. Ela fala que o gato fez eu ser pai. E de certa forma eles transmitem isso. É gostoso você ir para casa saber que tem alguém te esperando e ter o seu filho te esperando para você cuidar, é uma coisa há mais, é um amadurecimento.

P: Como você percebe-se e descreve-se com pai?

S: Eu acho que neste caso é cedo para dizer. Eu sou um quase pai nesse sentido.

P: Mas você tem alguma ideia, pensa ou imagina à respeito?

S: Eu sou muito prático. Para mim se puder colocar um número é fácil, se tiver que colocar sentimento fica difícil. Eu me cobro para ser um bom pai e acho que é a cobrança de todo mundo, mas eu não sei que tipo de pai eu vou ser, eu espero que seja o melhor que puder ser.

P: É difícil você tentar imaginar algo que vai chegar e ainda não chegou e tornar essa ideia concreta?

S: Sim. É bem difícil.

P: Por que é difícil entrar em contato com esta expectativa?

S: Ah, eu acho que tem um pouco a ver com a minha história de vida. Eu sempre gostei muito de matemática e física, sempre fui “exatóide”. As coisas precisam ter uma questão lógica, e isso não é muito lógico. Imaginar, eu não me vejo fazendo muita imaginação, eu sei que vou falhar e tudo que eu imaginar vai ser diferente. Então eu acho que é por esse motivo, às vezes minha esposa diz: “você precisa imaginar mais”. Ela me pergunta: “você se vê pai de menina ou menino?” E eu falei: “eu não tenho preferência, quero primeiro ser pai”. Ela me diz: “você deveria ter uma preferência”. Eu expliquei para ela e a gente discutiu um tempão, porque eu disse “eu me vejo pai de menina ou de menino, é indiferente. Agora quando isso acontecer eu vou tentar mentalizar pai de menino”.

P: É um menino?

S: É menino.

P: Para você como é ser pai de menino?

S: Agora é mais fácil, eu imagino que algumas coisas que eu faça vou levar para ele. Algumas coisas, como por exemplo, a casa quem mexe sou eu e uma das coisas que eu tenho feito nesse tempo da gravidez é arrumar a casa. Estou tirando os móveis, colocando as coisas na parede, todas aquelas coisas de segurança, mudando bastante a casa. Eu sei que eu gosto de fazer essas coisas e eu sei que um dia quando ele tiver mais idade, acredito que ele vai querer gostar também. Às

vezes eu falo para a minha esposa: “segura esse martelo aqui”, e ela sai correndo, aí eu brinco com ela: “você quer que eu lave o banheiro, mas não quer bater o martelo”.

P: Então você já consegue imaginar algumas atividades que irá fazer com ele?

S: Exatamente, como jogar bola, brincar com coisas que eu brinquei também.

4. O que mais te agrada e o que mais é difícil neste novo momento?

S: Eu acho que o mais difícil, que é uma coisa que eu tenho trabalhado bastante, é conciliar tempo. Pensar que como eu falei, um monte de atividade que você faz você vai deixar de fazer, por importância. Porque hoje você vem para casa e vai fazer alguma coisa ou não tem uma atividade, não é como no trabalho em que fazemos várias coisas. Eu sei que isso vai mudar, então é o tempo de fazer as coisas. O que mais me agrada, eu acho que é a alegria que pode trazer para família e para casa. A vida em si que traz para a casa.

P: Você acha que essa alegria já chegou ou vai chegar?

S: Ela já chegou, com certeza.

P: A partir de que momento você sentiu essa alegria?

S: Pelo fato da gente (ele/pai) não estar levando todos os dias, são momentos que você chega em casa e ele mexe, a gente vai no ultrassom e vê ele, um pedacinho de gente se formando, são nesses momentos.

5. Como você imagina que será sua vida após a chegada do bebê? Que tipo e interação você imagina ter com ele?

S: Com muito mais responsabilidade. Eu acho que após a chegada muitas dessas responsabilidades que vão caindo aos poucos quando a gente não carrega o bebê, elas vão chegar de uma vez. Diferente da mãe que tem todos os dias até a amamentação, dormir, tudo em função do bebê, o que a gente já não tem. E isso vai acontecer, dormir vai ser em função do bebê, comer, tomar banho, então tudo o que a mãe sente eu acredito que vou começar a sentir um pouco mais na pele.

P: Que tipo de interação você imagina que terá com o bebê?

S: Eu acho que as melhores possíveis. Brincar, dar carinho, dos cuidados com a higiene, saúde, alimentação, aquelas necessárias para o desenvolvimento de qualquer um, tanto meu como pai, quanto da criança como filho.

P: Eu sei que é um pouco difícil para você se imaginar nas situações, mas a gente

quer fazer uma atividade diferente agora. Vamos imaginar que o seu bebê já nasceu, já veio para casa, já está sendo amamentado, você já sentiu o cheiro, você já consegue ouvir o choro dele e vocês vão passar um dia juntos. Tenta contar para nós como será um dia você com o seu filho.

S: Iria ao parque fazer um piquenique, tem bastante crianças lá, levar no carrinho, estender alguma coisa no chão para gente sentar e brincar com ele, parar para dar mamar, ficar estimulando, eu acho que é isso.

6. Como você acha que sua companheira poderá influenciar no desenvolvimento de seu filho? E você como pai, como imagina que poderá participar e contribuir neste processo de gestação e desenvolvimento?

S: Minha esposa é fonoaudióloga e eu já a vejo fazendo essas coisas com qualquer criança. Mas como qualquer mãe, na comunicação, no afeto, quando amamenta, em toda aquela questão do desenvolvimento emocional. Tanto a mãe, quanto o pai, lógico que a mãe tem uma função mais importante, porque ela acaba passando um tempo maior. Eu vou parar cinco dias do meu trabalho e ela vai parar cinco meses, então ela vai ter um contato maior com a criança, então esse convívio vai trazer muito mais coisas no início, e isso é muito importante.

P: E você como pai, como imagina que pode participar no processo de gestação e desenvolvimento da criança?

S: Eu acho que da mesma forma, estimulando, fazendo a gestação da forma que eu havia comentado. Tentando ajudar o máximo possível e a meu ver, também preparar o ambiente para a criança, aquela coisa do lar, da parte do desenvolvimento, a interação, a brincadeira, tudo que você puder fazer e para ser o mais próximo possível.

S: Eu comento no meu trabalho que não saio muito no horário, é sempre depois do horário. Agora vou começar a sair no meu horário, porque eu vou para casa e eu tenho responsabilidade com isso. Então falei para eles (funcionários): “vão se acostumando com isso”. Às vezes eles tinham o hábito de me pegar saindo e sempre quando ia ver estava saindo duas horas depois, porque estava resolvendo uns assuntos. Agora eu tenho um compromisso. Hoje eu fui buscar o carrinho, aí agora eu falo: “tenho compromisso, amanhã a gente resolve”, tenho que preparar eles (funcionários) também.

P: Então você acha que você contribui com a gestação com relação as atividades

que você faz como ajuda. E você acha que o que você faz hoje vai repercutir ou vai influenciar no desenvolvimento dele quando for uma criança maior, um adolescente ou adulto?

S: Com certeza. O bom exemplo, entender que os meninos também ajudam, é super importante. Que ele seja companheiro, que ele entenda que ele não veio sozinho ao mundo, então ele precisa compartilhar, dar também e não só receber. Eu comentei com a minha esposa que hoje é uma coisa difícil, eu tenho medo disso, porque eu tenho irmãos mais novos mimados que tem dificuldade de fazer coisas para outras pessoas e isso faz com que ele entenda que ele tem que fazer também, e que ele cresça com isso.

7. Gostaria de Falar algo que acha importante e que não foi dito?

S: Acho que o pai na sociedade tem a questão da segurança. A gente de uma certa forma traz aquela imagem de segurança tanto para esposa quanto para o filho. Eu acho que isso é importante frisar, isso é uma das partes que a gente na gestação precisa estar próximo para que a esposa se sinta amparada, se sinta segura e traga isso para o filho também, para que ele se sinta seguro no desenvolvimento dele.

P: Se você pudesse definir tudo o que você está vivenciando em uma palavra, que palavra seria?

S: Felicidade. A melhor palavra para tudo isso.

ANEXO G – Entrevista Pai 7

1. Eu gostaria que você me falasse sobre a gravidez da tua esposa/companheira. Conte-nos um pouco sobre como está sendo a experiência de se tornar pai pela primeira vez. (Caso não tenha mencionado): Você poderia me falar um pouco mais sobre.

S: Assim, primeiro a gravidez foi muito desejada, nos casamos há um ano e meio. A gente teve um tempo de namoro, foi meio conturbado, terminamos algumas vezes e voltamos. Depois que nós decidimos ficamos noivos uns dois anos, depois construímos nossa casa e aí casamos. Aí em função dela ter trinta e um anos e eu trinta e nove anos os dois já estavam querendo ter filho, então já estava sendo planejado e muito desejado. Quando ficamos sabendo da notícia que ela estava grávida ficamos muito felizes. Ao meu ver, para ela está sendo muito tranquilo, graças a Deus nos damos muito bem. Eu procuro participar da melhor maneira possível, acompanhar na ultrassom, nos exames, me preocupo com a alimentação dela, pergunto se ela já se alimentou, sempre falo para ela marcar tudo no final de semana. Procuro ajudar de toda maneira. Está sendo bem tranquilo, porque foi muito desejada mesmo.

P: Ela teve alguma complicação durante a gravidez?

S: Depois que engravidou ela descobriu que está com pressão alta, ela nunca teve problema de pressão, mas depois da gravidez ficou. Mas ela ta tomando remédio e acompanhando direitinho, está estabilizado. Já chegou a ser 16, para uma grávida isso não é legal.

P: Em questão à alimentação, ela sentiu ou sente muito enjojo?

S: No começo sim, dizem que muitas mulheres enjoam e vomitam, ela não, só sente enjojo. Não ta comendo doce, enjoou de doce, come tudo menos doce. Ela sempre foi muito visual, se apresenta uma coisa e ela olha, ela não gosta e não come, fora isso ta tudo na normalidade.

P: E você tem ou teve algum enjojo durante a gravidez?

S: Não, estranho.

P: Teve algum desejo de comida diferente?

S: Também não, pelo menos não identifiquei, mas creio que não.

S: Com relação a experiência de me tornar pai, a princípio existe medo, porque você vai ser responsável por alguém. Fiquei com medo, depois felicidade e agora ansiedade. Estou muito ansioso, porque eu sempre gostei de criança, mas ao mesmo tempo sempre tive medo de ser pai novo, tinha medo de não conseguir cuidar, aquelas neuroses. Pelo fato de ter amigos que foram pais muito cedo, eu tenho alunos na média de idade de quinze anos, já dei aula para filhos de amigos meus que estudaram comigo. Eu estou quinze anos atrasado, porque geralmente aos trinta e nove anos você já é pai e eu estou sendo pai agora. Mas assim, hoje em dia eu vejo que isso é bom para mim, porque não que eu estou julgando, ver meus amigos que casaram, se separaram, tem a criança em um relacionamento conturbado, com a criança no meio. Para nós não, está sendo muito tranquilo, hoje estabilizou e agora só estou ansioso.

P: Você disse que seu primeiro sentimento foi medo, nos fale um pouco mais sobre isto.

S: Medo de ser pai, só você que falta, você ouve as pessoas dizendo “minha filha tem dez anos, minha filha tem cinco anos”, aí eu dizia para mim mesmo “calma! Primeiro vou me casar, depois terei filho”. Não sei se é o correto, mas para mim é correto. Graças a Deus hoje a gente tem a nossa casa, tem o quarto da neném, a gente ta decorando o quarto da neném. Não sei se isso é o melhor para a criança, não existe nada que possa comprovar o que pode ser melhor, mas na minha concepção sim. Ela vai ter a casinha dela, o quarto dela, vai ter tudo para ela. Umas coisas conturbadas como não ter sua casa fixa, a gente tem muitos alunos aí que não tem residência fixa, um dia fica com a avó, tem problemas desses com alunos desse tipo.

P: Então você se preparou para receber seu primeiro filho, o que te fez ter esse planejamento em sua vida para recebê-lo?

S: Sim, porque como eu disse, eu tinha muito medo de ser pai.

P: O que era novo para você?

S: A adolescência, entre quinze e dezesseis anos, uns vinte e dois ou vinte e três não, como nessa época de vinte e dois anos eu não tinha uma namorada, estava naquela época de curtir, então eu não queria ser pai. Eu acho que pensava assim, “tá legal, vou ser pai”. Eu sempre tive a visão dos meus pais, meu pai é muito engraçado, ele também casou, quando eu nasci meu pai tinha trinta e oito anos,

então ele esperou. Eu não sei se é por função disso, mas eu também esperei, meu pai quando casou já tinha a casinha dele, já estava estabilizado. Eu já tinha uma infância tranquila, não vou dizer que nunca tive dificuldade na vida, todo mundo tem, mas pai e mãe presente na vida e na formação do caráter de uma criança é muito importante.

P: Você consegue traduzir em algumas ações o medo que você tinha de ser pai?

S: Tinha medo de não conseguir criar, cuidar, prover as coisas que a criança precisa.

P: O que uma criança precisa?

S: Ela precisa de muita atenção e carinho. Os pais confundem estar presente com dar presente, acredito que eles pensam “eu dou um celular para meu filho e pronto, supri a necessidade dele”. Isso está totalmente errado, mesmo adolescente. Vou falar muito dos meus alunos porque eu dou aula há nove anos. Por exemplo, eu tive um aluno que já terminou o curso, um menino de dezesseis anos, ele não tinha muito convívio com o pai e ele me adotou como pai dele. Toda vez que ele chegava na escola ele me dava um abraço, ele contava como foi a semana dele. Então eu vejo que hoje em dia as crianças ou os jovens sentem muita falta disso, e eu tinha muito medo de não proporcionar isso para meu filho, imagina não poder dar atenção para criança, ela precisa de amor e não de coisas materiais. É legal minha filha ter um quatinho, uma casa e o pai estar ali presente na hora que ela precisa da atenção, sentar junto dela quando ela já tiver na escola e perguntar “e aí, o que você fez na escola hoje? Deixa eu dar uma olhada no seu caderno?” Eu tive tudo isso e minha esposa também, eu acho que é isso.

P: Você acha que essa participação com a sua filha vai contribuir no desenvolvimento dela, vai ajudar de alguma forma?

S: Eu creio que sim, porque meu pai ficava muito no meu pé. Meu pai tem até a quarta série, então ele me ajudava, ele foi me ajudando, quando ele viu que não dava mais ele arranjou uma pessoa para me ajudar. Quando ele olhava meu caderno e não entendia ele perguntava o que era aquele espacinho em branco, queria saber por que eu não fiz a lição, eu precisava explicar “não pai, isso é isso”, então eu ensinei ele, e isso aí vai formando caráter, porque quando você não acha dentro da sua casa você vai achar fora. É lógico que fora tem boas referências, mas se você conhecer alguém que não é uma boa referência é diferente. Existem

peessoas que tem boas famílias, mas caem nesse mundo, é carência, eu resumo isso como carência, atenção, falta de alguém ali.

P: Você não se sentia preparado?

S: De forma alguma.

2. Você ajuda a tua companheira neste período? Como / o que você faz? Como você se sente com relação a isto? Como você acha que poderá ajudar depois do nascimento do bebê?

S: Eu creio que sim, por exemplo, a questão de cuidar da medicação dela, pergunto como ela está se sentindo, não deixo ela fazer muito esforço. Ela é teimosa, quer subir escadas, eu falo “deixa que eu faço”, algumas coisas de casa eu sempre ajudei, lavar louça e essas coisas que tem que ajudar. Mas de uns tempos para cá as coisas que eu mais ajudo são mais pesadas, como lavar o banheiro, eu falo “deixa que eu lavo”. Ajudo psicologicamente, comprar óleo, sempre salientar que ela está bonita, tem mulher que acha que não está. Saio com ela para passear, deixar a mente vazia, não ficar se preocupando com a pressão, alimentação e a bebê. Sempre falo “calma, quem vai dizer isso é a médica”.

Me sinto muito bem, é lógico que você faz as coisas para se aparecer, não fazer as coisas para ter o reconhecimento dos outros, mas fazer para se sentir bem. Mas é lógico que todo ser humano gosta de elogio, se você gosta de receber carinho, você tem que dar carinho. O relacionamento é uma troca.

Depois do nascimento acho que vou ter que fazer de tudo, dar banho, apesar que eu morro de medo. Minha esposa trabalha numa empresa que oferece o curso para pais, instruem como dar banho, trocar fralda. Acho que tem que ajudar nisso, participar nisso, a princípio. Depois participar da educação, pensando lá na frente, acho que ajudar no nascimento é isso, não adianta você falar que é pai e a mãe estar lá toda atarefada, fazendo comida e a criança chorando. Não acho que ser pai é isso só e deixar a mãe lá fazendo tudo.

P: Você acha que vai ajudar nesses pequenos detalhes?

S: Sim, começa por aí, aí a gente vai ajudando na parte maior. Meu pai sempre dividiu muitas responsabilidades com a minha mãe, porque hoje em dia nós vemos muitos homens que agem assim quando precisam resolver algo com o filho “ah vai falar com sua mãe, vai ver com sua mãe”, os meus pais eram diferentes, eles se juntavam comigo para conversar. Não estou dizendo que eu vou ser igual o meu pai

ou minha mãe, mesmo porque o mundo mudou, são épocas diferentes, mas alguns ensinamentos vão se manter.

3. O que é ser pai para você? Como você se percebe e se descreve como pai?

S: É você não pensar mais em si, eu não penso mais em mim, tudo que eu penso agora eu já tô pensando nela. Você já vai sendo condicionado, agora eu vou cuidar dela, as coisas serão para ela. Como eu falei para minha mulher no início do casamento, no início vai ser difícil a vida de casal, eu sou filho único e filho único é egoísta, porque tudo é dele, pois eu não dividia com ninguém. Tipo, eu chamava ela para jantar, mas eu ia lá na cozinha e pegava um prato só para mim e não pegava para ela, mas porque estava acostumado, porque era tudo meu, era o meu universo. Agora o universo é nosso, eu já estou me condicionando que não vai ser mais assim, que vai ter a bebê. Vai ter eu, minha esposa e minha filha. Acho que pai é ser isso, se doar um pouco mais, além do que você já se doou.

P: Como você se descreve e se percebe como pai?

S: Acho que está tudo no plano teórico, eu creio que vou fazer o possível para ser um bom pai, mas acho que eu não consigo me ver ainda, eu acho que eu preciso que ela nasça, aí a partir do cuidar dela eu vou me perceber como pai. Ainda é muito teórico, o que eu pretendo é ser um bom pai, cuidar dela em todos os sentidos, mas acho que por enquanto não consigo me descrever ainda.

4. O que mais te agrada e o que mais é difícil neste novo momento?

S: O que mais me agrada é o fato de eu ter mais alguém além da minha esposa, alguém para dar carinho, para cuidar e dividir o que eu tenho. O que me dá medo ainda é a questão de “será que eu vou ser um bom pai? Será que eu tô indo pelo caminho certo? Será que isso é a linha de raciocínio certa?”. Apesar de ter um bom relacionamento conjugal, com seus filhos é diferente, não tem a mesma fórmula. Tenho medo de não conseguir colocar em prática tudo o que eu estou imaginando. Ta vendo que eu sou meio acelerado? Mas é normal.

P: O que esse momento de gestação te desperta?

S: Empolgação, aí depois eu paro para pensar e falo “meu, calma”. Aí eu volto, dou uma recuada e vem a insegurança. É isso, fico muito inseguro ainda em relação a isso, por isso que algumas perguntas eu não sei responder por que eu quero que ela

nasça para eu viver. A gente planeja tudo aí no meio do caminho não dá, tenho medo disso.

5. Como você imagina que será sua vida após a chegada do bebê? Que tipo e interação você imagina ter com ela?

S: É como eu falei, vou ter que me doar mais, eu acho que não será de uma forma negativa, mas o filho acaba restringindo. Você vai ter que mudar alguns hábitos porque a gente vai ter uma criança em casa, a gente tem que se adaptar a ela. Eu não consigo imaginar como vai ser com ela dentro de casa, acho que é isso, acho que mudar alguns hábitos. Quando você está com a sua esposa você tem um pouco mais de liberdade, perdoe-me pelo termo, mas andar nu pela casa. Porque a criança vai ver e se perguntar “porque ele tá andando assim?”. Então tem que começar a se organizar.

P: É difícil você imaginar algo que já existe e ao mesmo tempo não está com você?

S: É difícil, porque eu sei que ela tá ali, mas eu tô esperando que ela saia dali, eu sei que ela tá ali na barriga, a gente já sente mexendo, mas ela precisa sair dali para eu colocar tudo em prática. Minha coordenadora fala que eu estou com muito medo, que é para eu ter calma que eu vou conseguir cuidar. Eu me sinto inseguro em algumas situações, é a mesma coisa por eu ter demorado para casar, pensava “será que eu vou ser um bom marido, será que eu vou conseguir ter minha casa?”, as coisas não são assim, mas eu penso assim.

P: Você acha que sua esposa está nesse mesmo momento de insegurança? Acha que ela também está vivendo esta dificuldade de sentir que a bebê está ali, mas ao mesmo tempo não?

S: Um pouco, só que eu acho que eu estou mais. Minha esposa fala que vai dar tudo certo, que eu vou ser um bom pai, ela fala que quem é um bom filho será um bom pai, mas mesmo assim eu fico pensando. Todo mundo fala: “você vai ser um bom pai”, e eu acho que eu absorvi isso de uma forma meio negativa. Eu creio que estou gerando uma expectativa nas pessoas e eu tenho medo de não conseguir dar conta disso, então as pessoas falam, “você é um excelente pai, você é um cara dedicado, um cara que trabalha, um cara que é carinhoso”. Mas e aí? Será que é mesmo? Deve ser neura (risos).

P: Que tipo de interação você imagina ter com a bebê?

S: Quero ter todas as interações possíveis, sempre gostei de crianças. Pelo fato de não ter irmãos eu sempre gostei de ter muitos amigos, desde novo, sempre gostei muito mesmo de criança. Eu sempre gostei de mulher grávida, sempre achei muito bonito. Uns anos atrás eu vi uma moça grávida no shopping e perguntei quanto tempo ela tava. Ela respondeu que estava de sete meses. Eu perguntei se podia colocar a mão na barriga dela, e quando coloquei o bebê mexeu, aí ela me disse que gostaria que o pai da criança fosse assim. Com a minha filha vai ter todo esse tipo de interação, gosto de brincar, de querer sentar e perguntar o que ela quer fazer, do que ela quer brincar.

P: Gostaria de fazer um exercício diferente agora, quero pedir para você imaginar que a sua filha já nasceu, imagine que ela está em sua casa, quando você chegar do trabalho irá sentir o cheirinho dela pela casa, irá ouvir o chorinho dela. Conte para nós como vai ser um dia seu e dela, o que vocês irão fazer juntos?

S: Iremos passear, vou sair com ela. Vou arrumá-la, dar banho, apesar de que a mãe vai fazer isso, mas eu vou querer fazer isso também. Vou arrumar o cabelo, espero que ela tenha um cabelo black assim para fazer uns penteados diferentes, levar para o shopping, para o cinema, para o parque e para brincar. Eu acho que é fundamental a criança aproveitar e não se preocupar com nada. Por isso aquela preocupação anterior era assim, será que eu vou conseguir prover isso para a minha filha? Que ela não se preocupe com nada, até uma certa idade eu quero que ela não se preocupe com nada. Porque a gente fala, tem que dar carinho, mas a criança também tem que ter o que comer, ela tem que ter o que vestir. Acho que são preocupações que hoje, graças a Deus eu não tenho mais porque hoje eu sei que eu vou conseguir fazer, esses bens materiais. E o demais eu quero sair para bagunçar. Serão dias felizes.

6. Como você acha que sua companheira poderá influenciar no desenvolvimento de seu filho? E você como pai, como imagina que poderá participar e contribuir neste processo de gestação e desenvolvimento?

S: Acho que a parte chata quem vai fazer mais é a minha esposa, ela é excelente, mas gosta de tudo certinho. Eu acho que esta questão do desenvolvimento, de educar lógico, porque a mãe dela era muito carinhosa, mas sempre cobrou muito e eu vejo que ela vai fazer isso também. Cobrança, educação, cobrar que a criança

arrume os brinquedos, organizar a casa, ela vai fazer mais que eu, eu sou mais bagunceiro. Confesso.

S: Eu tenho que ficar esperto, como eu sou muito bagunceiro e muito moleque, tenho que ficar esperto para não atrapalhar. Se a mãe cobrou alguma coisa, cobrou e está certo, tem pai que fala “não, deixa a menina”. Em umas situações eu acho que eu vou atrapalhar, pois gosto de bagunça.

S: Acho que irei contribuir primeiro com o companheirismo, ajudando na gestação. Quando a bebê nascer contribuir naquela questão de cuidar, participar mesmo da educação, trocar, dar banho e ajudando nesses cuidados. Ah, a mãe precisa sair, ficar com a criança, a mãe precisa fazer alguma coisa, colocar a mão na massa.

P: Você acha que as coisas que você faz hoje no período de gestação irão repercutir lá na frente, no desenvolvimento da sua filha?

S: Eu acho que sim, porque eu creio que a criança mesmo estando na barriga da mãe já sente o carinho e a atenção. Depois que ela nascer eu creio que ela vai perceber o quanto o companheirismo e as brigas vão influenciar lá na frente. Quando você se mostra companheiro de verdade e está ajudando a criança ela vai perceber que os pais dela estão se ajudando, que o pai está sempre ali ajudando a mãe e que a mãe também está ajudando o pai. Vai influenciar quando ela ver que o pai e a mãe estão ali, mesmo que por exemplo, daqui dez anos eu não esteja com a minha esposa de qualquer forma eu tenho que me fazer presente.

7. Gostaria de Falar algo que acha importante e que não foi dito?

S: Eu acho que não, tudo o que vocês perguntaram acredito e espero que eu tenha respondido e correspondido as expectativas.

P: Se você pudesse traduzir em uma palavra tudo o que você está sentindo nesse momento da gestação, que palavra diria?

S: Amor e ansiedade.

P: E uma palavra que defina paternidade, qual seria?

S: Compartilhar.

ANEXO H – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

PROTÓCOLO: Transição à Paternidade: O processo de reconhecimento de sua função.

Estes esclarecimentos estão sendo apresentados para solicitar sua participação livre e voluntária, no projeto **“Transição à Paternidade: O processo de reconhecimento de sua função”**, do Curso de Psicologia da Universidade de Santo Amaro - UNISA, que será realizado pelo pesquisador Vânia Vieira Costa, e pelos graduandos Ana Paula Valentim Mariano, Liliane Lima dos Santos e Rayana Priscila Marques de Meneses do Curso de Psicologia, como Trabalho de Conclusão de Curso.

Esta pesquisa tem como objetivo identificar os sentimentos relacionados e vivenciados pelo homem na paternidade, pois se acredita que os resultados deste estudo poderão contribuir de forma significativa para entendimento de como o homem se sente ao se tornar pai.

Se concordar em participar desta pesquisa, você irá responder a um questionário de caracterização sociodemográfico com dez questões. Serão entregues os questionários com a instrução de preenchimento imediato. Aqueles que não souberem ler ou que possuírem alguma dificuldade, o questionário será aplicado pela pesquisadora. Todas as informações serão levantadas em uma entrevista que será realizada de acordo com a disponibilidade do sujeito.

Considera-se que a presente pesquisa é de risco mínimo, pois não se realizará nenhuma intervenção ou modificação intencional nas variáveis psicológicas, fisiológicas ou sociais dos indivíduos que participarem do estudo.

Não há benefício direto para o participante, porém trata-se de um estudo qualitativo que irá compreender como estes pais se sentem.

É garantido o acesso, em qualquer etapa do estudo, aos profissionais responsáveis pela pesquisa para **esclarecimento de eventuais dúvidas ou informações** sobre os resultados parciais das pesquisas, quando em estudos abertos, ou de resultados que sejam do conhecimento dos pesquisadores.

O pesquisador responsável é a Prof.^a Vânia Vieira Costa que pode ser encontrada no endereço Campus II - Rua Isabel Schmidt, 349 – Santo Amaro. São Paulo-SP, Telefone 2141-8870. Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP-UNISA) – Rua Prof. Enéas de Siqueira Neto, 340, Jardim das Imbuías, SP – Tel.: 2141-8687.

É **garantida sua liberdade da retirada de consentimento** a qualquer momento e deixar de participar do estudo, sem qualquer prejuízo à continuidade de qualquer benefício que você tenha obtido junto à Instituição, antes, durante ou após o período deste estudo.

As informações obtidas pelos pesquisadores serão analisadas em conjunto com as de outros participantes, **não sendo divulgada a identificação** de nenhum deles.

Não há **despesas pessoais** para o participante em qualquer fase do estudo, incluindo exames e consultas. Também não há **compensação financeira** relacionada à sua participação. Se existir qualquer despesa adicional, ela será absorvida pelo orçamento da pesquisa.

Em caso de dano pessoal, diretamente relacionado aos procedimentos deste estudo (nexo causal comprovado), a qualquer tempo, fica **assegurado ao participante o respeito a seus direitos legais**, bem como procurar obter **indenizações** por danos eventuais.

Uma via deste Termo de Consentimento ficará em seu poder.

São Paulo, ____/____/____

Prof. Ms. Vânia Costa
(Pesquisador Responsável – Orientador)

Ana Paula Valentim Mariano dos Santos
(Pesquisadora – Aluna regularmente matriculada no Curso de Psicologia da UNISA)

Liliane Lima dos Santos
(Pesquisadora – Aluna regularmente matriculada no Curso de Psicologia da UNISA)

Rayana Pryscila Marques de Meneses
(Pesquisadora – Aluna regularmente matriculada no Curso de Psicologia da UNISA)

Se você concordar em participar desta pesquisa assine no espaço determinado abaixo e coloque seu nome e o nº de seu documento de identificação.

Nome:.....

Doc. Identificação:.....

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste participante para a participação neste estudo, conforme preconiza a Resolução CNS 466, de 12 de dezembro de 2012, IV.3 a 6.

Prof. Ms. Vânia Costa Data ____/____/____
(Pesquisador Responsável – Orientador)

Ana Paula Valentim Mariano dos Santos Data ____/____/____
(Pesquisadora – Aluna regularmente matriculada no Curso de Psicologia da UNISA)

Liliane Lima dos Santos Data ____/____/____
(Pesquisadora – Aluna regularmente matriculada no Curso de Psicologia da UNISA)

Rayana Pryscila Marques de Meneses Data ____/____/____
(Pesquisadora – Aluna regularmente matriculada no Curso de Psicologia da UNISA)